

O PROJECTO MILLENNIUM VILLAGES: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM MUCHABJE, VILA DA MACIA, MOÇAMBIQUE

TIAGO ANDRÉ ALMEIDA COSTA E SILVA FERREIRA

Dissertação submetida para satisfação parcial dos requisitos do grau de
MESTRE EM ENGENHARIA CIVIL — ESPECIALIZAÇÃO EM CONSTRUÇÕES CIVIS

Orientador: Professor Doutor Fernando Manuel Brandão Alves

Co-Orientador: Dr.^a Isabel Maria Roque Ramos

JANEIRO DE 2010

MESTRADO INTEGRADO EM ENGENHARIA CIVIL 2009/2010

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA CIVIL

Tel. +351-22-508 1901

Fax +351-22-508 1446

✉ miec@fe.up.pt

Editado por

FACULDADE DE ENGENHARIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Rua Dr. Roberto Frias

4200-465 PORTO

Portugal

Tel. +351-22-508 1400

Fax +351-22-508 1440

✉ feup@fe.up.pt

🌐 <http://www.fe.up.pt>

Reproduções parciais deste documento serão autorizadas na condição que seja mencionado o Autor e feita referência a *Mestrado Integrado em Engenharia Civil - 2009/2010 - Departamento de Engenharia Civil, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2010.*

As opiniões e informações incluídas neste documento representam unicamente o ponto de vista do respectivo Autor, não podendo o Editor aceitar qualquer responsabilidade legal ou outra em relação a erros ou omissões que possam existir.

Este documento foi produzido a partir de versão electrónica fornecida pelo respectivo Autor.

A todas aquelas pessoas que não têm uma oportunidade na vida

“Extreme poverty can be ended, not in the time of our grandchildren, but our time”

Jeffrey Sachs

AGRADECIMENTOS

Entendo que muito daquilo que somos é resultado das nossas vivências, experiências e educação. De certa forma a elaboração deste trabalho é resultado disso mesmo.

Em primeiro lugar queria agradecer esta oportunidade de conciliar o meu estudo universitário com o aprofundar de conhecimentos, nesta minha área de interesse que é o desenvolvimento e a cooperação. Faço este agradecimento ao MIEC em geral, em particular ao Professor Doutor Jorge Moreira da Costa por me ter recebido na qualidade de director do curso e me ter apoiado neste meu desígnio. Em especial ao meu orientador Professor Doutor Fernando Brandão Alves, que desde a primeira hora se interessou e abraçou esta tutoria e investigação, para além de ter durante este período sido parte da solução e desenvolvimento dos desafios que se colocaram. Professor Brandão Alves, pelo desafio aceite, pelo apoio incondicional e pela pessoa que é, muito obrigado.

Queria também prestar os meus agradecimentos à minha co-orientadora, Dr.^a Isabel Ramos, notável profissional desta área do desenvolvimento e da cooperação, que mesmo radicada em Moçambique aceitou colocar o seu conhecimento à minha disposição. Foi para mim uma oportunidade única beber da sua experiência e ideias.

Na minha vida entrou há cerca de 3 anos o G.A.S.Porto. Não poderia deixar de agradecer as oportunidades que isso me concedeu. Com o G.A.S.Porto conheci a problemática da 3^a idade no Porto, vivi o trabalho em equipa, os valores do grupo, a simplicidade, a amizade e união. Tive a minha primeira experiência de dirigismo associativo, reuni-me em importantes centros de decisão e empresas, fiz apresentações em nobres locais para ilustres espectadores. O G.A.S.Porto levou-me a outros mundos, em três verões consecutivos estive em Moçambique ao serviço deste povo irmão.

Neste despertar de interesse pelo combate à pobreza queria agradecer a importância do meu amigo Tiago Granja, responsável da minha primeira missão, pessoa que muito me ensinou, hoje desenhando uma nova ONGD com o propósito de intervenção nesta área. Agradeço também ao meu amigo e presidente do G.A.S.Porto, Sérgio Silva pelo exemplo que é para mim e pelas palavras oportunas que temos vindo a trocar, para além de todo o apoio que me dispensou. Agradeço a outro grande amigo, Sr. Lécio, responsável da Cruz Vermelha de Macia em Moçambique, grande professor desta área da intervenção comunitária. Agradeço ainda em especial a todos os meus companheiros do G.A.S.Porto, com especial enfoque aqueles com quem estive em Moçambique vivendo o inesquecível.

Agradeço à minha namorada Débora Freitas, pelas questões e desafios que me lançou neste trabalho, mas sobretudo pela confiança que me transmitiu e pelo amor que vivemos, que seguramente é chave do alimentar dos meus sonhos e luta pelo alcance de objectivos.

Por último e em primeiro lugar à minha família. Quando dedico este trabalho a todos os que não têm oportunidades na vida, não me esqueço que se eu as tenho, é porque a minha família as proporciona, com grande sacrifício pessoal dos meus pais, mas sobretudo, bem sei, com o desígnio de me proporcionarem a concretização dos meus sonhos e com amor incondicional. Em especial à minha mãe, pai e irmã os meus melhores agradecimentos.

Sem todas estas pessoas, este trabalho não seria certamente igual.

RESUMO

A elaboração deste trabalho teve como objectivo, estudar as Millennium Villages (MV) como possível estratégia de desenvolvimento da comunidade rural de Muchabje. Assim estudou-se o que são e qual a importância dos Objectivos do Desenvolvimento do Milénio (ODM), estudou-se em que consiste a abordagem das MV e quais resultados têm sido alcançados, estudou-se o bairro de Muchabje e suas características económicas, sociais, naturais, populacionais, etc. Elaborou-se um plano de intervenção tendo em conta as conclusões anteriores, com a pretensão de levar o bairro ao alcance dos ODM. Por fim em jeito de conclusão analisou-se a pertinência das MV como possível solução para o alcance dos ODM em Muchabje, nas zonas rurais de Moçambique e África Subsaariana em geral.

Na denominada Cimeira do Milénio das Nações Unidas, os 191 países presentes subscreveram um conjunto de propósitos, que deram origem aos ODM. Estes objectivos constituem desafios globais de combate à pobreza nas suas variadas dimensões e um esforço internacional de convergência no desenvolvimento entre os diferentes países.

As tendências globais de desenvolvimento apontam para o alcance das metas anexas aos ODM, porém existem no mundo determinadas zonas cujo desenvolvimento é distinto das médias mundiais. De entre elas, África Subsaariana é o caso com maior dificuldade de convergência, em especial nas suas zonas rurais, onde se assiste a uma enorme manifestação da pobreza extrema e das carências dos mais diversos bens de primeira necessidade e direitos humanos.

Estas zonas rurais da África Subsaariana configuram a denominada armadilha da pobreza extrema, devido à conjugação de factores como falta de capital inicial de investimento, elevada natalidade, subnutrição crónica, presença de diversas doenças como a Sida e Malária, etc.

De forma a provar que o alcance dos ODM é possível mesmo nestas zonas e de formar a criar conhecimento de como o fazer nestas condições, surgiram as MV, estratégia de desenvolvimento rural, que propõe uma actuação multisectorial nas áreas da saúde, educação, agricultura e infra-estruturas, seguindo princípios como a abordagem participativa, desenvolvimento levado a cabo pelas comunidades e a aplicação de tecnologias de demonstrada eficácia de baixo custo. O projecto das MV abrange hoje mais de 80 aldeias.

Moçambique tem o seu próprio projecto baseado nas MV, mas com um modelo de intervenção adaptado às estratégias de desenvolvimento do país e especificidades do país.

Muchabje é um bairro do sul de Moçambique, que localiza-se a cerca de 50km das Vilas do Milénio de Chibuto e Chókwé. A comunidade do bairro vive predominantemente da prática da agricultura de subsistência, sendo que o bairro possui elevado potencial agrícola desaproveitado. A nível da saúde, educação e infra-estruturas este bairro possui também diversas carências, tendo porém uma boa localização que lhe confere boas possibilidades de desenvolvimento.

As características de Muchabje encaixam-se nas das aldeias abrangidas pelo projecto MV, pelo que seguindo as suas recomendações e práticas de sucesso se pode concluir que o plano de intervenção apresentado possibilita o alcance dos ODM em Muchabje.

PALAVRAS-CHAVE: Millennium Villages, Objectivos do Desenvolvimento do Milénio, Desenvolvimento Rural, Pobreza, Moçambique.

ABSTRACT

The main goal of this issue is studying the Millennium Villages (MV) as a possible development strategy of the rural community of Muchabje. The Millennium Development Goals (MDG) and its importance, the approach of the MV and its results, the Muchabje neighbourhood and its economical, social, natural and population features have been studied. Having these points in mind it has been produced a plan, whose principal objective is to take this neighbourhood of Muchabje to the MDG range. Therefore the MV are thought to be important as a possible solution to reach the MDG in Muchabje, in the rural areas of Mozambique and in Sub-Saharan Africa.

In the United Nations Millennium Summit, the 189 countries had joined together intentions which will lead to the MDG. These intentions and objectives are challenges to fight against poverty in its several dimensions and are an international effort of convergence of development among the different countries.

The global development trends want to reach the MDG. However there are many places in the world whose development is different from the majority. Among them, there is the Sub-Saharan Africa which represents the major difficulty of convergence, namely in its rural areas where we can see a huge revelation of extreme poverty and the lack of the basic needs and also the human rights.

These rural areas of the Sub-Saharan Africa draw the real poverty track due to the main difficulties, such as lack of capital, high birth-rate, chronic malnutrition and several diseases, as for example AIDS and malaria.

Taking an effort to prove that it is possible to reach the MDG in these areas and that it is possible to create and to learn how to do it, the MV come to light. They are a rural development strategy, which need the performance of many areas such as educations, health care, agriculture and substructure following some principles as an active approach, development taken by the communities and low-cost technological applications. Nowadays the MV project includes 80 villages.

Mozambique has its own project based in MV, but it is a project according to its development strategies and the specificities of the country.

Muchabje is placed in the South of Mozambique and it is 50km away from the *Vila do Milénio* of Chibuto and Chókwé. The community survives from agriculture, however they don't have a positive profit. The health care, education and substructure needs can be support due to the good localization.

The Muchabje profile could be perfectly fit in by the MV project leading to the MDG reach in this village.

KEYWORDS: Millennium Villages, Millennium Development Goals, Rural Development, Poverty, Mozambique.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	v

1. INTRODUÇÃO GERAL	1
1.1. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	1
1.2. ESTRATÉGIA PROPOSTA	2
1.3. OBJECTIVOS GERAIS DO ESTUDO	2
1.4. METODOLOGIA E RESULTADOS ESPERADOS	3
1.5. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	3
1.6. JUSTIFICAÇÃO DO CASO DE ESTUDO	4
1.6.1. MUCHABJE E A REGIÃO DE MACIA – BREVE DESCRIÇÃO	4

2. OS OBJECTIVOS DO DESENVOLVIMENTO DO MILÉNIO COMO DESAFIO GLOBAL	5
2.1. NOTA INTRODUTÓRIA	5
2.2. DESAFIO DA NOSSA GERAÇÃO	5
2.2.1. DECLARAÇÃO DO MILÉNIO DAS NAÇÕES UNIDAS	5
2.2.2. OBJECTIVOS DO DESENVOLVIMENTO DO MILÉNIO	6
2.2.3. PROJECTO MILÉNIO DAS NAÇÕES UNIDAS	12
2.3. ESTADO ACTUAL DA CAMPANHA DOS ODM	12
2.4. AS DIFICULDADES DE PROGRESSO DA ÁFRICA SUBSAARIANA RUMO AOS ODM	13
2.4.1. ÁFRICA SUBSAARIANA COMO “PIOR ARMADILHA DA POBREZA”	14
2.4.2. SITUAÇÃO ESPECÍFICA DE MOÇAMBIQUE	16
2.5. CONCLUSÃO DO 2º CAPÍTULO	18

3. AS MILLENNIUM VILLAGES E O DESENVOLVIMENTO RURAL EM ÁFRICA	21
3.1. NOTA INTRODUTÓRIA	21
3.2. CONCEITO MILLENNIUM VILLAGES E DAS VILAS DO MILÉNIO DE MOÇAMBIQUE	22
3.2.1. MILLENNIUM VILLAGES	22
3.2.1.1. Investimentos rurais integrados	24

3.2.1.2. Liderança local e participação comunitária	25
3.2.1.3. Desenvolvimento institucional de longo prazo	25
3.2.1.4. Formação profissional e gestão liderada por staff local	26
3.2.1.5. Parcerias globais multisectoriais directamente relacionados com as aldeias.....	26
3.2.2. VILAS DO MILÉNIO DE MOÇAMBIQUE	26
3.2.2.1. Centro de transferência de tecnologia e desenvolvimento humano	27
3.2.2.2. <i>One village, one product</i>	27
3.3. RESULTADOS ALCANÇADOS PELO MVP	28
3.3.1. RESULTADOS ALCANÇADOS AO NÍVEL DAS ALDEIAS	28
3.3.2. AUMENTOS DE ESCALA DAS INTERVENÇÕES.....	29
3.3.3. OUTROS RESULTADOS DO PROJECTO.....	29
3.4. DESCRIÇÃO DA INTERVENÇÃO SECTORIAL TIPO	30
3.4.1. A ABORDAGEM AO ALCANCE DOS ODM NAS COMUNIDADES	31
3.4.2. O SECTOR DA AGRICULTURA.....	32
3.4.3. O SECTOR DA EDUCAÇÃO	33
3.4.4. A IGUALDADE DE GÉNERO	34
3.4.5. O SECTOR DA SAÚDE.....	35
3.4.6. A SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL.....	36
3.4.7. A ENERGIA, OS TRANSPORTES E A COMUNICAÇÃO	37
3.4.8. A ÁGUA E O SANEAMENTO.....	37
3.5. CONCLUSÃO DO 3º CAPÍTULO	39

4. O CASO DE MUCHABJE, VILA DA MACIA, MOÇAMBIQUE

4.1. NOTA INTRODUTÓRIA	41
4.2. CARACTERIZAÇÃO GERAL DE MUCHABJE	41
4.2.1. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA.....	41
4.2.2. HISTÓRIA.....	42
4.2.3. CONDIÇÕES FÍSICAS NATURAIS	43
4.2.4. POPULAÇÃO E ASSENTAMENTOS HUMANOS	44
4.2.5. GESTÃO DOS RECURSOS NATURAIS	45
4.2.6. SITUAÇÃO ECONÓMICA	47
4.2.7. INFRA-ESTRUTURAS	49
4.2.8. SERVIÇOS SOCIAIS BÁSICOS	52

4.2.9. O SECTOR DA SAÚDE	53
4.2.10. O SECTOR DA EDUCAÇÃO	54
4.2.11. A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E COMUNITÁRIA.....	55
4.2.12. OS HÁBITOS E OS COSTUMES	56
4.2.13. ORGANIZAÇÕES INTERVENIENTES EM MUCHABJE	57
4.3. SITUAÇÃO EM RELAÇÃO AO ALCANCE DOS ODM	57
4.4. PRIORIDADES DE DESENVOLVIMENTO	58
4.5. ANÁLISE SWOT	60
4.5.1. ECONOMIA	60
4.5.2. EDUCAÇÃO	61
4.5.3. SAÚDE	62
4.5.4. INFRA-ESTRUTURAS	63
4.5.5. CONTEXTO SOCIAL	63
4.6. CONCLUSÃO DO 4º CAPÍTULO	64
5. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM MUCHABJE, SEGUINDO A METODOLOGIA DO PROJECTO MILLENNIUM VILLAGES	67
5.1. NOTA INTRODUTÓRIA	67
5.2. VISÃO DE DESENVOLVIMENTO	67
5.3. OBJECTIVOS	67
5.3.1. OBJECTIVO GERAL	67
5.3.2. OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	67
5.4. PLANO DE INTERVENÇÃO	68
5.5. ASPECTOS INOVADORES	96
5.6. CONCLUSÃO DO 5º CAPÍTULO	97
6. CONCLUSÃO	99
6.1. CONCLUSÕES FINAIS	99
6.2. VISÃO PESSOAL E SUGESTÃO DE DESENVOLVIMENTOS FUTUROS	100
BIBLIOGRAFIA	103
ANEXO 1: INQUÉRITOS AOS AGREGADOS FAMILIARES	107

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig.1 – Representantes dos países aquando da Declaração do Milénio.....	6
Fig.2 - Uma Estratégia de redução da pobreza baseada nos ODM	7
Fig.3 – Número de pessoas extremamente pobres em todo o mundo.....	13
Fig.4 – Distribuição global da Fome.....	14
Fig.5 – Distribuição global da Mortalidade Infantil	14
Fig.6 – Mecanismo da Armadilha da Pobreza	15
Fig.7 – O Modelo das Millennium Villages	23
Fig.8 – Alocação orçamental por sector do MVP	24
Fig.9 – Modelo Orçamental das MV – Contribuições financeiras dos intervenientes.....	25
Fig.10 – Testemunhos de pessoas residentes nas Millennium Villages.....	28
Fig.11 – UN Quick Wins	31
Fig.12 – Exemplo de aproveitamento agrícola promovido pela Vila do Milénio de Chibuto.....	33
Fig.13 – Programa de alimentação escolar numa Millennium Village	34
Fig.14 – Rede mosquiteira numa casa de pau-a-pique	36
Fig.15 – Fonte de água montada numa Millennium Village	39
Fig.16 – Localização de Muchabje, Vila da Macia, Moçambique	42
Fig.17 – Pormenor da zona de transição e zona baixa de machamba.....	44
Fig.18 – Estrutura etária da população de Muchabje	45
Fig.19 – Pormenor do uso das águas superficiais para higiene e abastecimento familiar.....	46
Fig.20 – Comércio de fruta nas margens da EN1.....	47
Fig.21 – Muchabje e as suas diferentes zonas.....	48
Fig.22 – Machamba da zona baixa e suas potencialidades produtivas.....	49
Fig.23 – Tarefas diárias de recolha de água e lenha, em especial por parte das mulheres e crianças.....	50
Fig.24 – Talhão de agregado familiar alargado, com casas de caniço com cobertura de capim.....	51
Fig.25 – Linhas eléctricas que passam pelo bairro, sua zona alta da machamba	52
Fig.26 – Hospital Rural da Vila da Macia	53
Fig.27 – Escola primária de Muchabje.....	55
Fig.28 – Actividade recreativa das crianças do bairro, junto ao edifício da Igreja Zion.....	56
Fig.29 – Gráfico das prioridades de desenvolvimento de Muchabje, segundo os inquéritos realizados.....	59
Fig.30 – Citações de melhoramento da escola como prioridade de desenvolvimento por sexo.....	59
Fig.31 – Citações de acesso á saúde como prioridade de desenvolvimento por sexo	60

Fig.32 – Relação entre equipa de gestão do projecto e estruturas comunitárias de gestão dos sectores	68
Fig.33 – Equipa de gestão de projecto	69
Fig.34 – Mapa com as principais estruturas comunitárias de Muchabje	70
Fig.35 – Posicionamento de Muchabje relativamente às Vilas do Milénio da Província de Gaza.....	97

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Objectivos do Desenvolvimento do Milénio, suas metas e indicadores chave.....	8
Quadro 2 - Avaliação rápida do progresso de Moçambique rumo aos ODM	17
Quadro 3 – Tipo de habitação do bairro	51
Quadro 4 – Situação de abrigo no bairro	52
Quadro 5 – Situação da posse de redes mosquiteiras pelos agregados familiares do bairro	54
Quadro 6 – Comparação entre valores actuais e valores a atingir pelos indicadores associados às metas dos ODM.....	57
Quadro 7 – Análise SWOT sobre o sector económico local	60
Quadro 8 – Análise SWOT sobre o sector da educação local.....	61
Quadro 9 – Análise SWOT sobre sector da saúde local	62
Quadro 10 – Análise SWOT sobre as infra-estruturas locais	63
Quadro 11 – Análise SWOT sobre o contexto social local	64
Quadro 12 – Proposta de intervenção no estabelecimento de abordagem do projecto em relação ao alcance dos ODM	71
Quadro 13 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 1	75
Quadro 14 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 2	79
Quadro 15 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 3	82
Quadro 16 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 4	86
Quadro 17 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 5	88
Quadro 18 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 6	90
Quadro 19 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 7	92
Quadro 20 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 8	94
Quadro 21 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 9	95

SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

Km – Quilometro [$1 \cdot 10^3$ m]

m – Metro

mm – Milímetro [$1 \cdot 10^{-3}$ m]

S – Semestre [1/2 ano]

°C – Grau Célsius

\$ - Dolar (U.S.A) (1 euro=1,4369 dolars, segundo Banco de Portugal em 18/01/2010)

AOD – Ajuda Oficial ao Desenvolvimento

ATL – Actividades dos Tempos Livres

COV – Criança Órfã e Vulnerável

DST – Doença Sexualmente Transmissível

EDR – Estratégias de Desenvolvimento Rural

EI – Earth Institute

EN1 – Estrada Nacional nº1

G.A.S.Porto – Grupo de Acção Social do Porto

HIPC – Países Pobres Altamente Endividados

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

MDRI – Iniciativa de Alívio da Dívida Multilateral

MV – Millennium Village

MVP – Millennium Villages Project

NU – Nações Unidas

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

ODA – Ajuda Oficial ao Desenvolvimento

ODM – Objectivos do Desenvolvimento do Milénio

ODP – Potencial de Deterioração do Ozono

ONGD – Organização Não Governamental para o Desenvolvimento

PARPA – Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta

PIB – Produto Interno Bruto

PVM – Programa Vilas do Milénio

UNDP – Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas

UNICEF – Fundo das Nações Unidas Para as Crianças

VM – Vila do Milénio

1

INTRODUÇÃO GERAL

A pobreza extrema é um dos grandes problemas da Humanidade. Jeffrey Sachs, conselheiro especial do secretário-geral das Nações Unidas para os Objectivos do Desenvolvimento do Milénio, diz que ela significa que as famílias não conseguem satisfazer as suas necessidades básicas de sobrevivência. Diz que elas padecem de fome crónica, que não dispõem de acesso a cuidados de saúde, que carecem de água potável e saneamento, que não podem pagar a educação a alguns dos seus filhos ou mesmo todos e que provavelmente lhes falta um abrigo rudimentar ou artigos básicos como calçado ou vestuário. (Sachs 2005)

Estimam-se que hoje em dia existam cerca de 1100 milhões de pessoas vivendo em pobreza extrema, cerca de 1/6 da humanidade, menos 500 milhões que em 1981. Três zonas do mundo acolhem a maioria dos extremamente pobres, são elas: África Subsariana, Ásia do Sul e Ásia de Leste. Destas de 1981 para 2001 apenas na África Subsariana a pobreza extrema aumentou. (Sachs 2005)

Mais de 70% da população africana vive em zonas rurais. É nessas zonas onde a incidência da pobreza é maior e onde se expressa a denominada “armadilha da pobreza”. O modo de vida de subsistência e o capital inicial com que as pessoas destas zonas gerem o seu dia-a-dia impede-as de se poderem desenvolver, visto que, aquilo que produzem é inferior às suas necessidades básicas. (Sachs 2005)

1.1. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

As populações das zonas rurais da África Subsariana vivem então maioritariamente em condições bastante precárias. Isto resulta de uma série de factores que se relacionam e reforçam entre si.

O binómio pobreza extrema/fome é causado pela insatisfação de diversas necessidades e pelas insuficiências numa série de áreas, e estas são também causas da mesma pobreza extrema. Os problemas de saúde, de carência de educação, de falta de outras condições são então efeito da pobreza/fome e ao mesmo tempo causa da pobreza/fome, numa espécie de relação de mutualismo.

O facto de uma população estar empobrecida, impede que esta possa, por exemplo, investir em sementes melhoradas ou fertilizantes. Este não investimento é razão da baixa produtividade destas comunidades, que assim se mantêm empobrecidas.

Por outro lado as populações empobrecidas têm maior susceptibilidade à contracção de doenças. Pessoas com deficiente nutrição são vulneráveis pois o seu sistema imunitário é afectado. Mas a doença para além de ser um mal para esta mesma população, também é um reforço do estado de

empobrecimento, pois diminui a capacidade de trabalho das pessoas e assim contribui para a baixa produtividade. Diminui também a esperança média de vida da comunidade, e isso via afectação na transmissão de conhecimentos, exemplo pai para filho, baixa o nível de formação/educação da comunidade, o que influencia a produtividade pois pessoas com menor conhecimento são em geral menos produtivas, gerando então menores produções e aumentando as possibilidades de pobreza extrema/fome.

O facto da comunidades e seus membros serem pobres faz com que também não possam investir em condições infra-estruturais de habitabilidade, por exemplo nas condições de saneamento, de acesso á água potável ou mesmo por falta de estruturas adequadas por exemplo a protecção das suas casas contra os mosquitos que transmitem a malária. Este conjunto de restrições aumentam também a susceptibilidade à doença que como vimos provoca pobreza extrema.

Muitos outros exemplos poderiam ser dados, mas em geral fica a noção de que estamos num ciclo de causa efeito, que mantém estas comunidades rurais nestas condições de pobreza sem que se consigam desenvolver, colocando o pé na escada do desenvolvimento e saindo da armadilha da pobreza extrema.

Muchabje é uma destas comunidades rurais. A resolução do seu problema e a passagem da sua comunidade de um regime de pobreza extrema, para um melhor nível de vida que lhe permita também sustentar-se a esse mesmo nível, exige uma intervenção multisectorial para que pela falha de uma das áreas como a saúde ou educação, não afecte todo o ciclo do desenvolvimento e impeça a sua saída da “armadilha da pobreza”.

1.2. ESTRATÉGIA PROPOSTA

Como solução do problema acima descrito, o Instituto da Terra da Universidade de Columbia, juntamente com o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas e a Organização Não Governamental para o Desenvolvimento, Millennium Promise, criaram um conceito denominado Millennium Villages que inspira um projecto de igual nome. (Millennium Villages Project 2009)

Millennium Villages é um conceito de desenvolvimento das comunidades rurais africanas, que aborda o problema através de intervenções multisectoriais, baseadas nas comunidades e em soluções concretas pelo uso de tecnologias e práticas sustentáveis.

Esta tese abordará o conceito MV, descrevendo-o. Abordará também o Millennium Villages Project e seus resultados, tirando assim daí lições de boas práticas a implementar.

Abordar-se-á também o caso especial de Moçambique que tem o seu próprio programa denominado Vilas do Milénio, no qual introduziu algumas inovações e novas políticas, adaptando o conceito à sua realidade e objectivos estratégicos, mantendo porém ligação ao programa original.

A aplicação da metodologia MV a um dado local terá de ir ao encontro das necessidades locais. Nesse sentido estudámos nesta tese a zona alvo, recolhendo a informação multisectorial que nos permite traçar estratégias de intervenção para a solução dos problemas do público-alvo. Finalmente, propomos uma intervenção baseada na abordagem MV, que possa levar a comunidade alvo do estudo a atingir os ODM.

1.3. OBJECTIVOS GERAIS DO ESTUDO

O presente estudo pretende então:

- Perceber os ODM e as necessidades especiais de África e das zonas rurais.
- Analisar a metodologia das MV.
- Caracterizar a comunidade seleccionada analisando a sua situação.
- Propor uma intervenção na comunidade em estudo que lhe permita alcançar os ODM.

1.4. METODOLOGIA E RESULTADOS ESPERADOS

Tendo por finalidade o alcance dos objectivos preconizados na tese, pesquisou-se a panóplia de informação específica e generalista sobre temas relacionados, sejam aqueles relacionados com a abordagem Millennium Villages, sejam aqueles cujos dados se encontram relacionados com o desenvolvimento de Moçambique e da própria comunidade alvo.

Desenvolveu-se também um estudo estatístico com base nos inquéritos realizados aos agregados familiares da comunidade local e também no feedback recolhido junto de indivíduos chave conhecedores da realidade da vida da comunidade.

Como resultados esperados, estabilizaram-se as seguintes expectativas:

- Alcançar uma compreensão sobre os ODM, sobre a pobreza extrema e sobre as variáveis próprias das áreas rurais de África.
- Familiarizar com a abordagem Millennium Villages como estratégia de desenvolvimento rural.
- Perceber a dinâmica da comunidade alvo e desenhar uma estratégia de intervenção que possa levar ao alcance dos ODM.

1.5. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação está estruturada em 6 Capítulos e uma Conclusão: 1- Introdução Geral; 2 - Os ODM como desafio global; 3 - Análise do projecto Millennium Villages; 4 - O caso de Muchabje, Vila da Macia, Moçambique; 5 - Proposta de Intervenção em Muchabje; 6 - Conclusões.

No capítulo 1 introduz-se e identifica-se o problema de estudo, define-se a estratégia de resolução desse mesmo problema, os objectivos deste trabalho assim como sua metodologia, estrutura, para além da justificação da escolha do caso de estudo.

Por sua vez, no capítulo 2 aborda-se o surgimento dos ODM e o contexto em que tal ocorreu, apresenta-se a sua importância e também como as NU se estão a organizar para o alcance dos ODM.

Neste capítulo é ainda exposta a situação especial da África Subsariana no que toca ao alcance dos ODM, em relação às restantes regiões. Discute-se ainda o porquê e enquadra-se Moçambique no contexto da mesma região.

O capítulo 3 aborda o Desenvolvimento Rural e o Millennium Villages Project, a sua abordagem, objectivos, referindo a sua evolução, os resultados alcançados, os problemas que se colocam e os planos para o futuro. Aborda-se também o caso especial de Moçambique e o seu programa de Vilas do Milénio.

O capítulo 4 é uma análise à comunidade e zona alvo. Este capítulo apresenta um estudo da zona em relação às diversas vertentes relacionadas com o desenvolvimento, faz o seu ponto de situação em relação aos ODM, suas metas e indicadores. No fim aborda a zona alvo sob o ponto de vista da análise SWOT, e apresenta a visão da comunidade sobre o seu próprio desenvolvimento.

Depois de perspectivadas as Millennium Villages e de se ter estudado a população e o território alvo, aborda-se no capítulo 5 a proposta de intervenção em Muchabje, atendendo às conclusões dos capítulos anteriores e também à metodologia das MV e planos estratégicos do governo de Moçambique, com o objectivo final de levar esta comunidade ao alcance dos ODM.

No capítulo 6 trata-se da discussão do estudo realizado, aponta-se as conclusões retiradas e estabelece-se considerações finais sobre a pertinência, adequabilidade e potencialidades da acção proposta.

1.6 JUSTIFICAÇÃO DO CASO DE ESTUDO

O caso de estudo apresentado foi escolhido em função da substancial experiência e conhecimento do autor sobre esta comunidade e sobre o distrito de Bilene Macia em geral. Esta experiência foi adquirida pela sua participação no projecto Moçambique da ONGD, Grupo de Acção Social do Porto como voluntário por três vezes, entre 2007 e 2009.

Com este estudo o autor pretende adquirir e estabelecer as bases para a futura implementação de uma intervenção neste mesmo local, estando esta enquadrada nos planos de desenvolvimento da intervenção do G.A.S.Porto em Moçambique.

1.6.1 MUCHABJE E A REGIÃO DE MACIA - BREVE DESCRIÇÃO

Muchabje é um bairro pertencente ao distrito de Bilene Macia, distando cerca de 150 quilómetros da capital do país, Maputo e cerca de 5 km do centro da Vila da Macia sede distrital.

Esta comunidade é atravessada pela estrada nacional nº1 que liga Norte a Sul do país, o que lhe confere boas acessibilidades e possibilidades de desenvolvimento. Este bairro possui ainda uma larga área de boa produtividade agrícola, desaproveitada pela falta de possibilidades de investimento dos seus proprietários.

Apesar destas duas boas possibilidades anteriores, o bairro carece na sua totalidade de energia eléctrica, possui uma escola primária com más condições para o ensino e cerca de um terço do total dos cerca de 2000 habitantes abastece-se de água superficiais e não de fontes seguras.

Muchabje assim como o distrito em geral têm uma economia baseada na agricultura de subsistência e no comércio à face da estrada. O distrito de Bilene Macia tem também uma zona de grande densidade turística a praia de Bilene, razão pela qual nesta localidade se desenvolvem actividades económicas viradas para os turistas.

A presença de turistas é um estímulo á economia distrital, mas é também apontada como um dos factores que faz com que cerca de 27% da população tenha HIV/SIDA. Este flagelo faz com que este distrito tenha um elevado número de crianças órfãs com todas as suas implicações relacionadas.

Em geral, Bilene Macia é um distrito com bom potencial de desenvolvimento, que padece de uma frágil situação económico-social estando muito aquém do alcance dos ODM.

2

OS OBJECTIVOS DO DESENVOLVIMENTO DO MILÉNIO COMO DESAFIO GLOBAL

2.1. NOTA INTRODUTÓRIA

O mundo e a sociedade em que vivemos enfrentam grandes desafios. Problemas como as alterações climáticas, o terrorismo, a crise económica e o combate à pobreza marcam as agendas internacionais.

Nunca como hoje, se teve tanto a percepção de que vivemos num condomínio comum. Mais do nunca assistimos à concretização de políticas comuns, de compromissos multilaterais, de mobilizações em massa dos cidadãos em torno de problemas mundiais.

O caminho do futuro mundial, está traçado em torno do reconhecimento: de que a Globalização oferece grandes possibilidades; de que liberdade, igualdade, solidariedade, tolerância, respeito pela Natureza e responsabilidade comum, são valores fundamentais; e de que só através de esforços amplos e sustentados para criar um futuro comum, baseada na nossa condição humana comum, em toda a sua diversidade, pode a Globalização ser completamente equitativa e favorecer a inclusão.

2.2. DESAFIO DA NOSSA GERAÇÃO

2.2.1. DECLARAÇÃO DO MILÉNIO DAS NAÇÕES UNIDAS

Em Setembro de 2000, na maior reunião de sempre de dirigentes mundiais, os 191 países presentes na Assembleia Geral das Nações Unidas (Fig.1), assinam aquela que viria a ser chamada de “Declaração do Milénio” (United Nations 2000). Esta reúne, não só os planos para melhorar a vida de todos os habitantes do planeta no sec. XXI, como reflecte a preocupação dos países presentes na cimeira.



Fig.1 – Representantes dos países aquando da Declaração do Milénio
(<http://www.billingsphoto.com/images/unphoto.jpg>)

Esta declaração foi elaborada ao longo de meses, como resultado de intensas conversações, reuniões regionais e do chamado Fórum do Milénio onde foram ouvidas as vozes das pessoas. (United Nations 2000)

Neste documento os Chefes de Estado e de Governo reafirmam um conjunto de valores e princípios, comprometendo-se: a pugnar pela Paz, Segurança e pelo Desarmamento; à busca do Desenvolvimento e ao combate à pobreza extrema; à Protecção do Ambiente Comum; a promover os Direitos Humanos, a Democracia e Boa Governação; à Protecção dos Grupos Vulneráveis como crianças e vítimas de catástrofes naturais; a Responder às Necessidades Especiais de África; a reforçar o papel das Nações Unidas. (United Nations 2000)

2.2.2. OBJECTIVOS DO DESENVOLVIMENTO DO MILÉNIO

Na sequência da Declaração do Milénio, esses mesmos 191 estados-membros da Organização das Nações Unidas acordaram definir 8 objectivos prioritários, os Objectivos do Desenvolvimento do Milénio, que devem ser cumpridos dentro de um tempo limite, atingindo-se 21 metas (inicialmente foram 14), monitorizadas por 60 (inicialmente foram 48) indicadores com eles relacionados (Quadro 1). (Nações Unidas; Governo de Moçambique 2008)

Assim, definiu-se um timing de referência fundamental de monitorização de resultados alcançados: 2015. Hoje estamos a lutar para alcançar as metas indicadas na figura 2. Esta é uma boa ilustração do efeito destas datas de controlo. Esta visão do desenvolvimento direccionado ao cumprimento de metas numericamente estabelecidas, imprime nos esforços maior intensidade tendo em vista o alcance os ODM. (UN Millennium Project 2005)

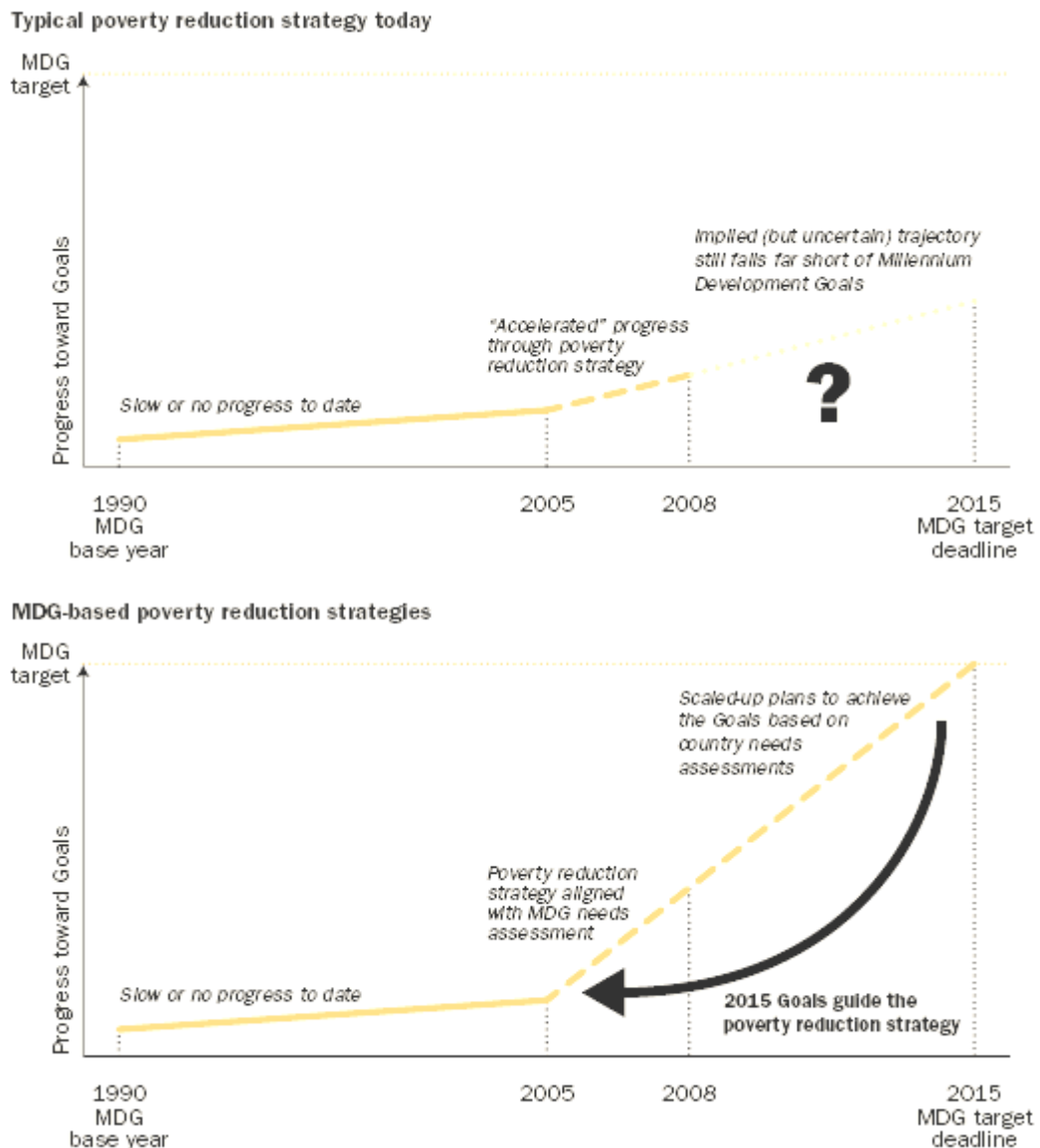


Fig.2 – Uma Estratégia de redução da pobreza baseada nos ODM (UN Millennium Project 2005)

Os ODM são então um conjunto quantificável de objectivos para atingir a Pobreza Extrema nas suas diversas dimensões: fome, doença, falta de abrigo adequado e exclusão, enquanto se promove a igualdade de género, a educação e a sustentabilidade ambiental. São também Direitos Humanos básicos, os Direitos Humanos de cada pessoa à saúde, educação, abrigo e segurança. (UNDP 2003)

Os indicadores e progresso foram pensados de forma a: oferecer medidas pertinentes e sólidas tendo em vista as metas dos ODM; serem claros, de fácil interpretação e servirem de comparação a nível internacional; serem compatíveis com outras listas e estatísticas a nível mundial, de forma a não criarem uma sobrecarga de esforços de compatibilização; estarem baseados em normas, e práticas internacionalmente recomendadas; poderem ser elaborados com base em dados comprovados, quantificáveis e coerentes, para que se possam realizar medições ao longo do tempo. (United Nations Development Group 2003)

No estabelecimento das metas a alcançar, foi tida como referência a evolução global do desenvolvimento, pegando nos dados referentes a 1970 e 1980 e projectando-os para 2015. Assim com o objectivo de que todos os países alcancem os ODM, pretendeu-se sobretudo imprimir maiores esforços aos países menos desenvolvidos para que se aproximem das tendências globais e a vivência global se torne mais justa e convergente. (Vandemoortele 2008)

Quadro 1 – Objectivos do Desenvolvimento do Milénio, suas metas e indicadores chave (Nações Unidas; Governo de Moçambique 2008)

Objectivos do Desenvolvimento do Milénio	
Objectivos e Metas	Indicadores de progresso
Objectivo 1: Erradicar a Pobreza Extrema	
Meta 1A: Reduzir para metade, entre 1990 e 2015, a proporção de pessoas que vivem em pobreza extrema.	1.1 Rácio da população vivendo com menos de \$1 por dia. 1.2 Rácio do fosso da pobreza (Incidência * grau de pobreza). 1.3 Parte do quintil mais pobre no consumo nacional.
Meta 1B: Atingir a 100% a taxa de emprego e garantir um emprego decente para todos, incluindo mulheres e crianças.	1.4 Crescimento do rácio PIB por pessoa empregada. 1.5 Rácio de emprego por população. 1.6 Proporção de pessoas empregadas vivendo com menos de \$1 por dia. 1.7 Proporção das contas individuais e a contribuição da família no total de empregados.
Meta 1C: Reduzir para metade, entre 1990 e 2015, a proporção de pessoas que sofrem de fome.	1.8 Prevalência do baixo peso em crianças menores de cinco anos. 1.9 Proporção da população abaixo do nível mínimo de consumo dietético de calorias.
Objectivo 2: Atingir a educação primária universal.	
Meta 2A: Garantir que, até 2015, todos os rapazes e raparigas consigam concluir todo o ensino primário.	2.1 Rácio líquido de matrículas no ensino primário. 2.2 Proporção de alunos que iniciam a 1ª classe e que chegam à 5ª classe (ou taxa de conclusão do ensino primário). 2.3 Taxa de alfabetização de pessoas com 15-24 anos de idade.
Objectivo 3: Promover a igualdade de género e o fortalecimento das mulheres.	
Meta 3A: Eliminar a disparidade de género no ensino primário e secundário, de preferência até 2005, e em todos os níveis de ensino o mais tardar até 2015.	3.1 Rácio de raparigas por rapazes no ensino primário, secundário e terciário. 3.2 Percentagem de mulheres no trabalho assalariado no sector não agrícola. 3.3 Proporção de assentos ocupados por mulheres no

	parlamento nacional.
Objectivo 4: Reduzir a mortalidade infantil.	
Meta 4A: Reduzir em dois terços, entre 1990 e 2015, a taxa de mortalidade de menores de cinco anos.	4.1 Taxa de mortalidade abaixo dos cinco anos. 4.2 Taxa de mortalidade infantil (0-1 ano). 4.3 Proporção de crianças de 1 ano de idade vacinadas contra sarampo.
Objectivo 5: Melhorar a saúde materna.	
Meta 5A: Reduzir em 3/4, entre 1990 e 2015, a mortalidade materna.	5.1 Rácio de mortalidade materna. 5.2 Proporção de partos assistidos por técnicos de saúde.
Meta 5B: Até 2015 atingir o acesso universal à Saúde Reprodutiva.	5.3 Taxa de prevalência de contraceptivos. 5.4 Taxa de raparigas com gravidezes precoces. 5.5 Assistência pré-natal (pelo menos uma a quatro visitas). 5.6 Necessidades não satisfeitas para serviços de planeamento familiar.
Objectivo 6: Combater o HIV/SIDA, a Malária e outras doenças.	
Meta 6A: Ter travado até 2015 e iniciado a inversão do alastramento do HIV/SIDA.	6.1 Prevalência do HIV nas mulheres grávidas de 15-24 anos de idade. 6.2 Uso do preservativo na última relação sexual de alto risco. 6.3 Proporção da população de 15-24 anos com conhecimentos correctos do HIV/SIDA. 6.4 Rácio de frequência escolar dos órfãos por frequência de não órfãos de 10-14 anos de idade.
Meta 6B: Até 2010 atingir acesso universal para o tratamento de HIV/SIDA para todos os necessitados.	6.5 Proporção da população com a infecção de HIV em estado avançado com acesso às drogas antiretrovirais.
Meta 6C: até 2015, ter travado e iniciado a inversão da incidência da malária e de outras doenças de relevo.	6.6 Incidência e taxas de fatalidade associadas à malária. 6.7 Proporção de crianças abaixo de 5 anos que dormem em redes mosquiteiras tratadas. 6.8 Proporção de crianças abaixo de 5 anos com febres não tratadas com drogas contra malária apropriadas. 6.9 Prevalência e taxas de fatalidade associadas á tuberculose. 6.10 Proporção dos casos de tuberculose detectados e curados no âmbito do DOTS (estratégia de controlo da TB internacionalmente recomendada).

Objectivo 7: Garantir a sustentabilidade ambiental	
Meta 7A: Integrar os princípios do desenvolvimento sustentável nas políticas e programas e inverter a perda dos recursos ambientais.	
Meta 7B: Reduzir a redução da biodiversidade, até 2010 atingir o nível significante.	7.1 Proporção de terras cobertas por floresta. 7.2 Emissões de dióxido de carbono per capita e consumo de CFC's. 7.3 Consumo de substâncias que destroem o ozono (ton. de ODP). 7.4 Proporção de pescado dentro dos limites aceitáveis da perda da biodiversidade. 7.5 Proporção das fontes de água usadas. 7.6 Proporção das áreas terrestres e marinas protegidas. 7.7 Proporção das espécies ameaçadas em extinção.
Meta 7C: Reduzir para metade, até 2015, a proporção de pessoas sem acesso sustentável à água potável e saneamento.	7.8 Proporção da população com acesso sustentável a fontes de água melhoradas, urbana e rural. 7.9 Proporção da população com acesso ao saneamento melhorado, urbana e rural.
Meta 7D: Até 2020, ter conseguido uma melhoria significativa na vida dos moradores dos bairros degradados.	7.10 Proporção de famílias com acesso à segurança de ocupação da habitação.
Objectivo 8: Criar uma parceria global para o desenvolvimento	
Meta 8A: Desenvolver ainda mais um sistema comercial e financeiro aberto, baseado em regras, previsível e não discriminatório.	Inclui um compromisso de boa governação, desenvolvimento e redução da pobreza – nacional e internacional.
Meta 8B: Abordar as necessidades especiais dos países menos desenvolvidos.	Inclui acesso isento de tarifas e de quotas para as exportações dos países menos desenvolvidos; programa melhorado de alívio da dívida para os países pobres altamente endividados (HIPC) e cancelamento da dívida bilateral oficial; e ajuda ao desenvolvimento (ODA) mais generosa para países empenhados na redução da pobreza.
Meta 8C: Tratar, de forma específica, as necessidades dos do Interland em desenvolvimento e pequenas ilhas, estados em desenvolvimento e os resultados da 22ª sessão especial da Assembleia	Alguns dos indicadores chave alistados abaixo são monitorados separadamente para os Países em Desenvolvimento (LCD's), África, países do Interland em desenvolvimento e pequenas ilhas em desenvolvimento.

Geral. Meta 8D: Tratar de forma compreensiva os problemas da dívida dos países em desenvolvimento, através de medidas nacionais e internacionais de modo a tornar a dívida sustentável a longo prazo.	<u>Ajuda ao Desenvolvimento (ODA)</u> 8.1 ODA líquida recebida como percentagem do Produto Interno Bruto (PIB). 8.2 Proporção da Ajuda ao Desenvolvimento em relação aos serviços sociais básicos (ensino básico, cuidados de saúde primários, nutrição, água potável e saneamento). 8.3 Proporção de Ajuda ao Desenvolvimento bilateral não vinculada. 8.4 Ajuda ao Desenvolvimento recebida nos Interland em desenvolvimento, como proporção do seu PIB. 8.5 Ajuda recebida nas pequenas ilhas – estados em desenvolvimento, como proporção do seu PIB. <u>Acesso ao mercado:</u> 8.6 Proporção de Ajuda ao Desenvolvimento recebida pelos países desenvolvidos (por valor e excluindo armas) para países em desenvolvimento com isenções aduaneiras. 8.7 Taxas médias impostas pelos países desenvolvidos nos produtos agrícolas, roupa e têxteis nos países em desenvolvimento. 8.8 Estimativa do apoio agrícola aos países OCDE como percentagem do PIB. 8.9 Proporção da Ajuda para aumentar a capacidade comercial. <u>Sustentabilidade da dívida:</u> 8.10 Número de países que atingiram as suas metas de alívio à dívida HIPC. 8.11 Compromisso de alívio à dívida no âmbito das iniciativas HIPC e MDRI. 8.12 Serviço da dívida como percentagem de exportações de bens e serviços.
Meta 8E: Em cooperação com as companhias farmacêuticas, facultar o acesso a medicamentos essenciais a preços acessíveis nos países em desenvolvimento.	8.13 Proporção da população com acesso a medicamentos essenciais a preços acessíveis numa base sustentável.

Os ODM como resultantes de um consenso alargado sem precedentes, servem de base á política de Desenvolvimento de uma nova era. Este desenvolvimento é baseado no reconhecimento de que a pobreza extrema pode ser radicalmente reduzida, se os países de baixo rendimento delinearem e executarem planos de redução da pobreza e os países de alto rendimento acompanharem os seus esforços com substanciais aumentos da Ajuda Oficial ao Desenvolvimento. (UN Millennium Project 2005)

Cumprir os ODM trará ao mundo tremendos benefícios, enquanto o seu não cumprimento é um perigo. Estima-se que o cumprimento dos ODM na sua meta de 2015, tirará cerca de 500 milhões de pessoas da pobreza extrema, 300 milhões deixarão de passar fome, 350 milhões passarão a ter acesso a fonte de água segura, 650 milhões passarão a ter condições sanitárias que permitam manter higiene nomeadamente através do acesso a saneamento. Estima-se ainda que 30 milhões de crianças não morrerão e que 2 milhões de mulheres deixarão de morrer devido a causas relacionadas com a gravidez. Por outro lado a não concretização dos ODM, para além do custo a nível de vidas que se perderão, levará à existência de conflitos nos países e o ambiente continuará a ser degradado. (UN Millennium Project 2005)

2.2.3. PROJECTO MILÉNIO DAS NAÇÕES UNIDAS

De forma a definir um plano de acção concreto para o Mundo atingir os ODM, revertendo a crescente pobreza, fome e doenças que vêm afectando milhões de pessoas, constituiu-se o Projecto Milénio das Nações Unidas.

Sendo uma iniciativa da própria Secretaria-geral das Nações Unidas, então liderada por Kofi Annan, este projecto reuniu os principais planificadores e executivos de políticas de redução da pobreza constituindo-se 10 grupos de trabalho com cerca de 25 membros cada. Cada um destes grupos de trabalho cobria um leque de problemas incluídos nos ODM, procurando consensos sobre soluções baseadas em factos. (UN Millennium Project 2006)

Deste trabalho surge em 2005 o manual “*A practical plan to achieve the Millennium Development Goals*”, um relatório que reúne um conjunto de conhecimentos, experiencias e recomendações para se atingir os ODM. (UN Millennium Project 2005)

Desde 2006 até hoje o Projecto Milénio das Nações Unidas tem trabalhado na implementação das recomendações do seu relatório, ajudando os países a formularem os seus planos de redução da pobreza baseados no alcance dos ODM. (UN Millennium Project 2005)

Em 2007 passou a integrar o UNDP, constituindo o Grupo de Suporte dos ODM. (UN Millennium Project 2006)

2.3. ESTADO ACTUAL DA CAMPANHA DOS ODM

Segundo o Gráfico do Progresso dos ODM de 2009 das Nações Unidas, as previsões apontam para que, mantendo o mesmo ritmo de actuação, nenhum dos 8 objectivos será atingido globalmente. (United Nations 2009)

O mesmo gráfico mostra que nas zonas do globo, onde o estado face a um indicador específico é mais precário, esse objectivo relacionado com o indicador não será alcançado. (United Nations 2009)

A crise económica global recente, segundo o Relatório dos ODM de 2009, fez abrandar ou mesmo regredir o progresso face ao alcance dos ODM. Porém em alguns dos países e regiões, o mesmo

relatório afirma, que foram alcançados notáveis progressos, reportando ao período antes da crise. (United Nations 2009)

Em suma para que o alcance dos ODM seja uma realidade, há a necessidade de fortalecer e acelerar os esforços para o seu cumprimento.

2.4. AS DIFICULDADES DE PROGRESSO DA ÁFRICA SUBSAARIANA RUMO AOS ODM.

A região da África Subsaariana tem particularidades que lhe provocam uma evolução diferenciada de outras regiões. Da análise do Quadro de Progresso dos ODM de 2009, constatamos que esta zona é a única em que não se prevê que venha a atingir qualquer Objectivo, caso mantenha o ritmo de evolução. (United Nations 2009)

Observando o estudo de Chen e Ravallion (Sachs 2005), baseado em dados referentes a 1981 e a 2001 sobre o número de extremamente pobres, reparamos que o número destes baixou de 1500 milhões para 1100 milhões ao longo destes 20 anos (Fig.3).

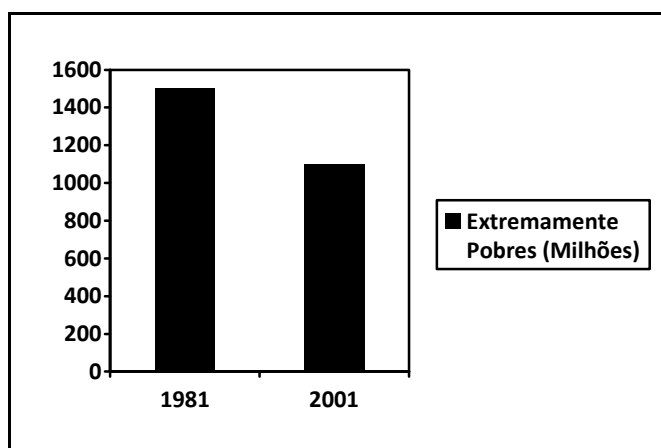


Fig.3 – Número de pessoas extremamente pobres em todo o mundo (Sachs 2005)

Este estudo mostra ainda que, em 2001, cerca de 93% dos extremamente pobres concentram-se em três regiões: África Subsaariana; Leste Asiático; Ásia do Sul. Destas três regiões, no período compreendido entre 1981 e 2001, apenas na região Africana o número de pobres não diminuiu. (Sachs 2005)

Os mapas da distribuição global da fome (Fig.4) e da mortalidade infantil (Fig.5) evidenciam também, África Subsaariana como uma zona de grande adversidade.

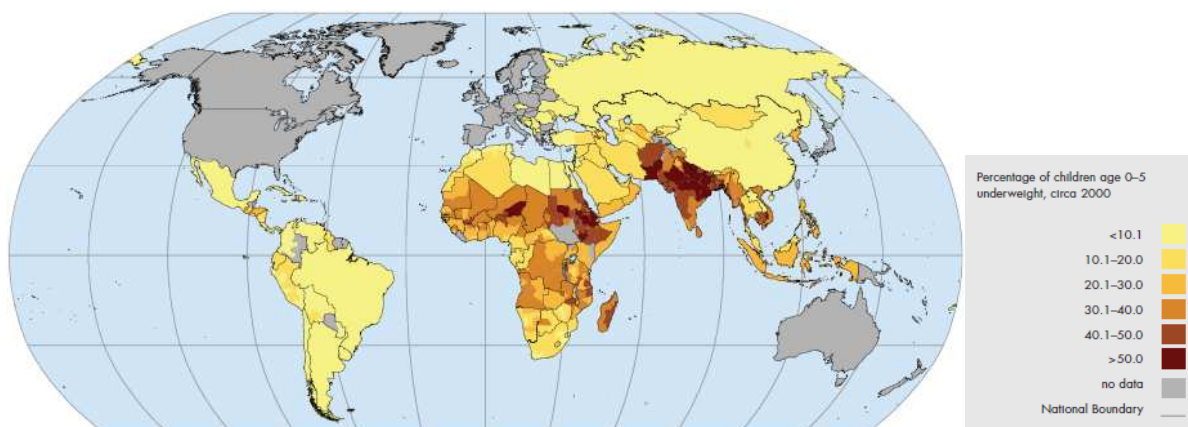


Fig.4 – Distribuição global da Fome (CIESIN 2006)

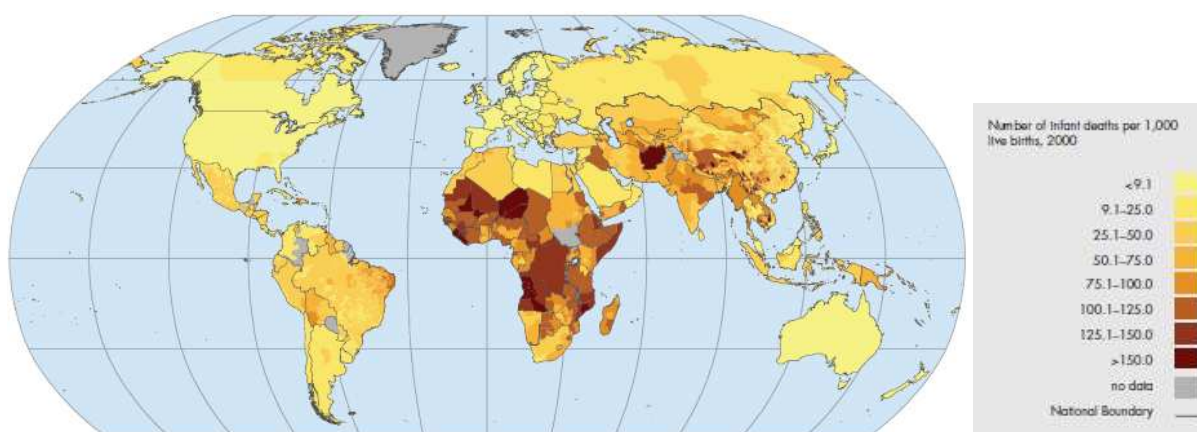


Fig.5 – Distribuição global da Mortalidade Infantil (CIESIN 2006)

O facto de a África Subsaariana ser a região com maior distância em relação ao alcance dos ODM, não é porém motivo para que se afirme que nesta região a gestão das intervenções, em relação ao alcance dos ODM esteja a ser de menor qualidade. Na realidade como os ODM foram projectados de forma a globalmente poderem ser alcançados, cria um grande desafio de desenvolvimento para esta zona que é a que maior distância tem face à média global. Segundo o Centro Internacional de Pobreza se os ODM fossem estabelecidos tendo em conta a evolução histórica desta região, então o objectivo não seria 2015 para estas mesmas metas, mas sim 2076. (Vandemoortele 2008)

Assim, o alcance dos ODM nesta região é o maior desafio que os 191 países subscritores da Declaração do Milénio e dos ODM têm nesta campanha.

2.4.1. ÁFRICA SUBSAARIANA COMO “PIOR ARMADILHA DA POBREZA”

Jeffrey Sachs no seu livro “*The End of Poverty*” (Sachs 2005) classifica a região Subsaariana de África como a “pior armadilha da pobreza no mundo”.

Esta região padece da pobreza, de doenças como a malária e a Sida, de elevado crescimento populacional, declínio dos recursos naturais, fracas condições de geografia física como a falta de rios navegáveis e consequente aumento dos custos de transporte, menores níveis de educação, conhecimento e instabilidade política. (Sachs 2005)

A presença destes obstáculos em simultâneo para além de somar dificuldades, potencia cada uma delas pela relação que têm umas com as outras.

Um pobre nestes países está preso numa armadilha (Fig.6). Por não ter rendimentos que lhe permitam sequer satisfazer a totalidade das suas necessidades básicas, ele não vai ter capacidade de poupar, o que lhe impede de investir. Assim pela impossibilidade de investimento, este vai explorar intensivamente os recursos naturais, provocando a desflorestação e a erosão dos solos. A erosão provoca decréscimo produtivo, ou seja numa próxima temporada o rendimento deste mesmo pobre será inferior.

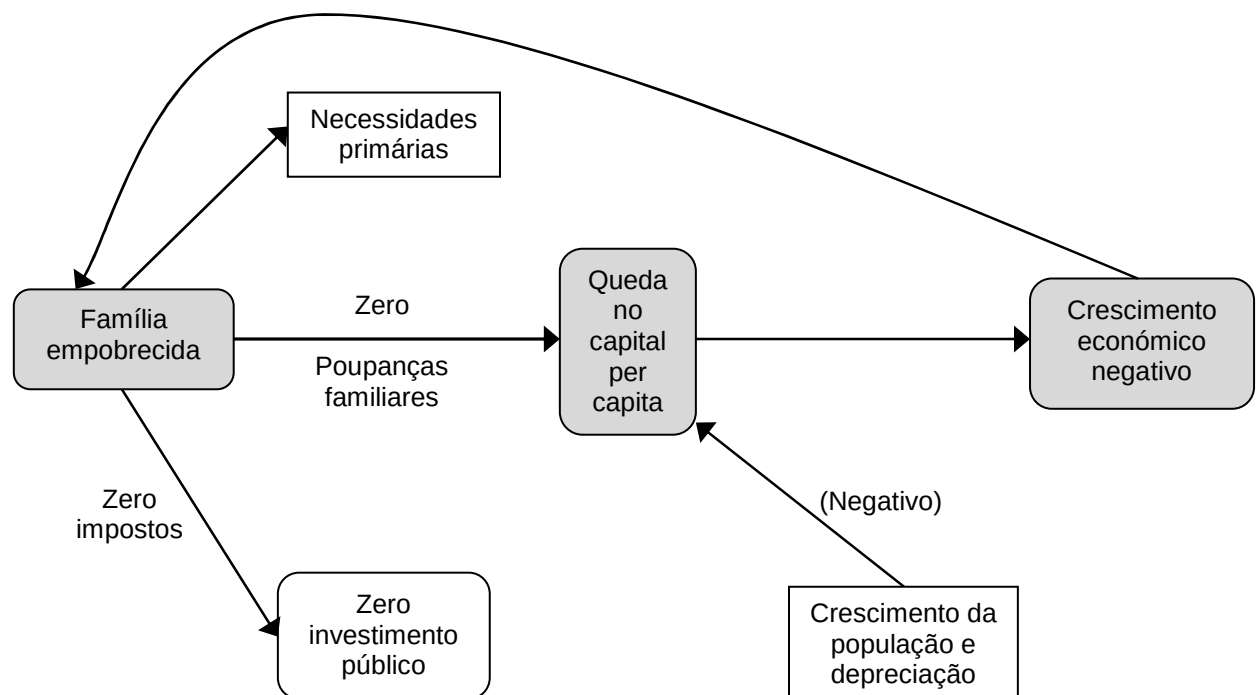


Fig.6 – Mecanismo da Armadilha da Pobreza (Sachs 2005)

De geração para geração a tendência é também de perda de possibilidades. Devido ao elevado crescimento populacional, a tendência é que os mesmos recursos sejam explorados por uma maior quantidade de pessoas. Também aqui se verifica o efeito de armadilha, a relação entre a natalidade e a pobreza traduz-se na diminuição da natalidade associada à redução da pobreza e no aumento da natalidade com o aumento da pobreza, ou seja uma família em pobreza tenderá a ter mais filhos, que consumirão os mesmos recursos ainda mais intensivamente, degradando-os ainda mais e afastando-se ainda mais do limiar da pobreza.

A doença é também um factor decisivo desta armadilha. As elevadas taxas de HIV/Sida da região aumentam a mortalidade e diminuem a esperança média de vida. Estas são as condições propícias à criação de numerosos agregados familiares, onde existe a orfandade e consequente precariedade económica e social. Uma criança sujeita à perda de um pai precocemente é mais susceptível à

interrupção do ensino escolar e mesmo da transmissão do conhecimento prático, pai filho, das técnicas agrícolas, de sobrevivência, etc. Uma pessoa com menor conhecimento tem menores potencialidades de desenvolvimento.

Muitas vezes as práticas industriais não são também solução neste continente. A falta de boas vias de transporte eleva os custos de transporte dos bens produzidos, tornando-os não competitivos.

A soma destas condicionantes torna o auto-desenvolvimento quase impossível. Estes países e estas pessoas em pobreza extrema necessitam de ajuda externa para que possam colocar um pé na “escada do desenvolvimento”

2.4.2. SITUAÇÃO ESPECÍFICA DE MOÇAMBIQUE

Desde o final da guerra civil em 1992, Moçambique tem-se desenvolvido bastante, com taxas de crescimento médio entre 1997 e 2003 de cerca de 9,0% ao ano (UNICEF). No entanto o país continua a figurar numa desconfortável 172ª posição em 182 países (UNDP 2009) no Índice de Desenvolvimento Humano, índice este que relaciona a riqueza, a educação e a esperança média de vida das populações dos países.

No desenvolvimento do país a Sida é hoje a maior ameaça, tendo uma taxa de prevalência de cerca de 16%. (Governo de Moçambique 2006a)

Em relação aos ODM (Quadro 2), o país continua empenhado no alcance dos mesmos. Segundo projecções do PARPAII (Governo de Moçambique 2006a), a percentagem da população a viver abaixo do limiar da pobreza descerá para 45% em 2009 e para cerca de 40% em 2015, ou seja, cumprindo a meta dos ODM.

Em relação ao alcance da educação primária universal, as perspectivas não são tão optimistas, apesar dos progressos realizados não se prevê o alcance deste objectivo, mantendo-se este ambiente de apoio. (Nações Unidas; Governo de Moçambique 2008)

A eliminação da disparidade de género de acordo com o objectivado parece que também que não vá ser uma realidade. Porém passos seguros têm sido dados, com a o rácio de raparigas por rapazes no ensino primário a aproximar-se bastante de 1, ou com o aumento da representatividade das mulheres no Parlamento, em 2%. (Nações Unidas; Governo de Moçambique 2008)

Nas últimas décadas o país tem registado uma redução contínua nas taxas de mortalidade infantil. Hoje ainda 140 em cada 1000 morrem até aos 5 anos, porém as previsões em relação a este ODM apontam para boas possibilidades deste ser alcançado. (Nações Unidas; Governo de Moçambique 2008)

O alcance das metas, sobre a mortalidade materna e sobre o acesso universal à saúde reprodutiva parece ser uma realidade. Cada vez menos mulheres morrem vítimas da sua situação relacionada com a maternidade. O acesso às consultas de pré-natal, de planeamento ou de obstetrícia tem vindo também a aumentar. (Nações Unidas; Governo de Moçambique 2008)

A taxa de prevalência nacional de Moçambique em relação ao HIV, tem estabilizado tendo mesmo de 2003 para 2008 baixado de 16,2 para 16,0. A incidência da malária e de outras doenças de relevo tem também baixado. Prevê-se que possa ser alcançado o ODM 6, porém a Sida como enunciado acima é o maior entrave ao desenvolvimento do país e 16 % é uma taxa muito elevada, que afecta milhões de pessoas. (Nações Unidas; Governo de Moçambique 2008)

As metas fixadas relativamente à sustentabilidade ambiental não serão provavelmente cumpridas, havendo ainda grande diferença, entre a percentagem de população com acesso a água potável e a

saneamento básico e as percentagem estabelecidas como objectivos, sobretudo no que toca às zonas rurais. (Nações Unidas; Governo de Moçambique 2008)

Em relação à parceria global para o desenvolvimento, Moçambique continua a ser um país com necessidade de ajuda externa. Nos últimos 10 anos cerca de 50% do orçamento do país correspondeu a Ajuda Oficial ao Desenvolvimento, sendo que esta percentagem tem vindo a baixar em aproximadamente 13,7% nos dois últimos anos. O ambiente de apoio à criação desta parceria global ao desenvolvimento é razoável e prevê-se que este ODM seja alcançado. (Nações Unidas; Governo de Moçambique 2008)

Quadro 2 – Avaliação rápida do progresso de Moçambique rumo aos ODM (Nações Unidas; Governo de Moçambique 2008)

Meta	Avaliação Sumária	
	A meta será alcançada?	Situação do ambiente de apoio
Meta 1A: Reduzir para metade, entre 1990 e 2015, a proporção de pessoas que vivem em pobreza extrema.	Potencialmente	Forte
Meta 1B: Atingir a 100% a taxa de emprego e garantir um emprego decente para todos, incluindo mulheres e crianças.	Provavelmente	Razoável
Meta 1C: Reduzir para metade, entre 1990 e 2015, a proporção de pessoas que sofrem de fome.	Provavelmente	Forte
Meta 2A: Garantir que, até 2015, todos os rapazes e raparigas consigam concluir todo o ensino primário.	Improvável	Razoável
Meta 3A: Eliminar a disparidade de género no ensino primário e secundário, de preferência até 2005, e em todos os níveis de ensino o mais tardar até 2015.	Improvável	Fraca, mas a melhorar
Meta 4A: Reduzir em dois terços, entre 1990 e 2015, a taxa de mortalidade de menores de cinco anos.	Potencialmente	Razoável
Meta 5A: Reduzir em 3/4, entre 1990 e 2015, a mortalidade materna.	Potencialmente	Razoável
Meta 5B: Até 2015 atingir o acesso universal à Saúde Reprodutiva.	Improvável	Razoável

Meta 6A: Ter travado até 2015 e iniciado a inversão do alastramento do HIV/SIDA.	Provavelmente	Razoável
Meta 6B: Até 2010 atingir acesso universal para o tratamento de HIV/SIDA para todos os necessitados.	Improvável	Razoável
Meta 6C: Até 2015, ter travado e iniciado a inversão da incidência da malária e de outras doenças de relevo.	Potencialmente	Fraca, mas a melhorar
Meta 7A: Integrar os princípios do desenvolvimento sustentável nas políticas e programas e inverter a perda dos recursos ambientais.	Improvável	Fraca, mas a melhorar
Meta 7B: Reduzir a redução da biodiversidade, até 2010 atingir o nível significativo	Improvável	Razoável
Meta 7C: Reduzir para metade, até 2015, a proporção de pessoas sem acesso sustentável à água potável e saneamento.	Potencialmente	Razoável
Meta 7D: Até 2020, ter conseguido uma melhoria significativa na vida dos moradores dos bairros degradados.	Potencialmente	Fraca, mas a melhorar
Meta 8A: Desenvolver ainda mais um sistema comercial e financeiro aberto, baseado em regras, previsível e não discriminatório.	Potencialmente	Razoável
Meta 8D: Tratar de forma compreensiva os problemas da dívida dos países em desenvolvimento, através de medidas nacionais e internacionais de modo a tornar a dívida sustentável a longo prazo.	Provavelmente	Razoável
Meta 8E: Em cooperação com as companhias farmacêuticas, facultar o acesso a medicamentos essenciais a preços acessíveis nos países em desenvolvimento.	Potencialmente	Razoável

2.5. CONCLUSÃO DO 2º CAPÍTULO

Os ODM são de facto o desafio da nossa geração. O seu alcance torna o mundo onde vivemos mais justo, mais humano e mais seguro.

Como objectivos globais, os ODM são importante referência de medição e azimute das políticas e intervenções no âmbito da cooperação para o desenvolvimento.

Em algumas regiões estes objectivos estarão alcançados na data definida de 2015, noutras porém, onde o caminho é mais longo e sinuoso, os esforços necessários ao seu alcance necessitam de aumentar,

criando-se maior intensidade de actuação, mas sobretudo investindo em soluções adequadas aos problemas locais.

Moçambique como país pertencente à região onde este desafio global é maior, encontra-se numa situação de alcance de alguns destes objectivos mas não da sua totalidade. Nomeadamente na questão do ensino primário para todos (ODM 2) e na da igualdade de género (ODM 3) as metas traçadas não parecem ser alcançáveis.

Para o alcance dos ODM os diferentes intervenientes precisam de fortalecer ligações, cumprir compromissos, mobilizar recursos, para que assim se possam cumprir estes objectivos que são o desafio da nossa geração.

A saída da armadilha da pobreza depende deste movimento sincronizado, do ataque a cada uma destas formas de pobreza e pelo fornecimento de instrumentos básicos que permitam às populações desenvolverem-se. Esse desenvolvimento, o colocar o pé na escada do desenvolvimento (Sachs 2005), permitirá a estas pessoas ter acesso a capital para investimento, terem possibilidades de poupança, passarem a contribuir para o bem comum do país com os impostos e assim inverter a armadilha da pobreza. Convém recordar que ainda em 1992, pós a guerra civil, Moçambique era denominado o “país mais pobre do mundo” e que ainda hoje o PIB *per capita* e as consequentes possibilidades de auto desenvolvimento são escassos.

3

AS MILLENNIUM VILLAGES E O DESENVOLVIMENTO RURAL EM ÁFRICA

3.1. NOTA INTRODUTÓRIA

Os pobres entre os mais pobres vivem nas áreas rurais (Sachs 2005). Em Moçambique, por exemplo, 2/3 da população reside nestas áreas que cobrem cerca de 95% do país. (Governo de Moçambique 2006a)

Nas áreas rurais a esperança média de vida, o acesso à água e saneamento e a escolaridade são menores, enquanto, a pobreza, a fertilidade e a malnutrição são maiores. É nestas zonas que se cria a armadilha da pobreza.

Estas zonas para alcançarem os ODM dependem da superação de problemas como solos esgotados de nutrientes, precipitação irregular, malária, HIV/Sida, falta de oportunidades e educação adequadas, falta de acesso a água potável e saneamento, carência de transportes, electricidade, combustíveis para cozinhar ou comunicações.

O MVP nasceu então, começando a intervir em Sauri, Quénia, no ano de 2004 (The Earth Institute 2007), de forma a provar que é possível derrubar a armadilha da pobreza na África rural, levando estas áreas ao alcance dos ODM baseando-se nas recomendações do Projecto Milénio das UN.

O conceito de Millennium Villages então criado tem como principais princípios:

- Tecnologias e práticas baseadas na ciências que já tenham sido experimentadas;
- Abordagem baseada nas comunidades, com participação comunitária no planeamento, monitorização e intervenção.
- Desenvolvimento da capacidade local ao nível tecnológico, da gestão e de participação.
- Intervenção multisectorial e integrada.
- Seguimento dos princípios da igualdade de género e sustentabilidade ambiental.
- Ligação às estratégias distritais, provinciais e nacionais.
- Parceria entre diversos grupos de desenvolvimento.
- Partilha de custos entre a comunidade, o governo e os doadores. (Overseas Development Institute 2008)

Assim, o MVP direccionou-se para o alcance dos ODM, tendo em conta os seus timings e indicadores, mas também para a identificação de problemas do desenvolvimento, criação e disseminação das suas soluções ao serviço do desafio do desenvolvimento rural.

Hoje existem mais de 80 MV espalhadas por toda a África Subsaariana e está demonstrado que o investimento em tecnologias e práticas comprovadas de baixo custo, ao nível das aldeias, levam ao alcance dos ODM.

3.2. CONCEITO MILLENNIUM VILLAGES E DAS VILAS DO MILÉNIO DE MOÇAMBIQUE

Espalhadas por diversos países de África Subsaariana, as Millennium Villages são um projecto comandado pelo Earth Institute da Universidade de Columbia, pela ONGD Millennium Promise e pelo PNUD (Millennium Villages Project 2009). Moçambique porém decidiu criar o seu próprio programa, baseado na estratégia internacionalmente praticada, mas com algumas modificações.

3.2.1. MILLENNIUM VILLAGES

O conceito Millennium Villages promove mecanismos práticos para a implementação de:

- Investimentos rurais integrados;
- Liderança local e participação comunitária;
- Desenvolvimento institucional de longo prazo;
- Formação profissional e gestão assegurada por staff local;
- Parcerias globais multisectorial directamente com as aldeias. (Overseas Development Institute 2008)

As MV são então uma estratégia de alcance dos ODM nas regiões rurais, levadas a cabo a nível das comunidades e pelas comunidades, com intervenções integradas nas áreas da agricultura, água e saneamento, saúde e educação. (Millennium Villages Project 2009)

Estas incidem aproximadamente sobre cerca de 5000 pessoas cada. Existem já clusters de MV, sendo estes são agrupamentos de MV próximas entre si, incluído até 11 MV. (Overseas Development Institute 2008)

Existem 3 tipos de MV: MV-1, que são as MV em que para além do desenvolvimento rural, incluem uma vertente de pesquisa e estudo; MV-2, são as que são financiadas por filantropos, muitas das vezes através da ONGD Millennium Promise, situando-se em geral nas regiões onde existe uma MV-1; MV-3 são aquelas onde as intervenções são financiadas e implementadas por terceiros ao MVP. (Overseas Development Institute 2008)

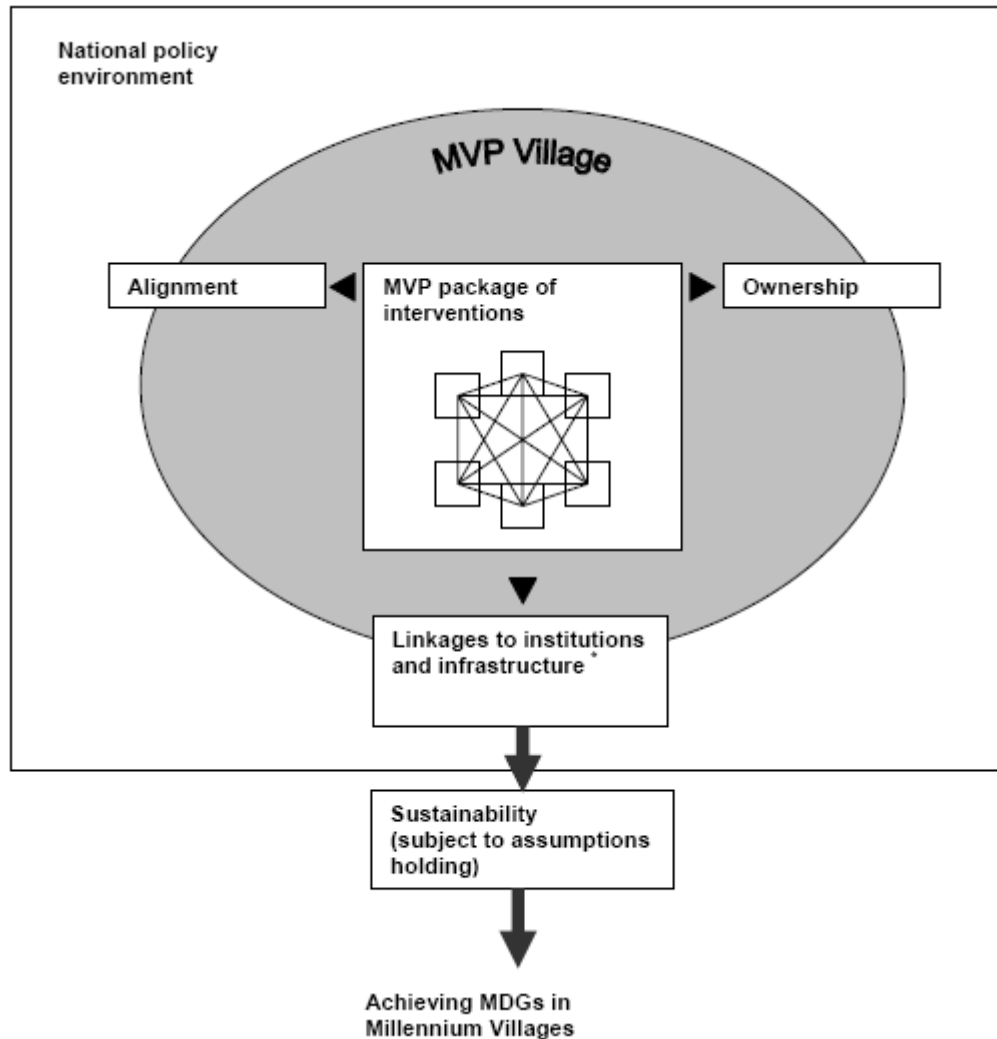


Fig.7 – O Modelo das Millennium Villages (Overseas Development Institute 2008)

As Millennium Villages são implementadas em consonância com as políticas dos países em questão, buscando a apropriação deste, pelas estruturas e resultados alcançados. Estes resultados são fruto de um conjunto de intervenções que se complementam e reforçam, criando sustentabilidade e o alcance dos ODM (Fig.7).

O seu modelo prevê o alcance dos ODM baseado numa intervenção ao longo de 5 anos. Esta intervenção incide inicialmente na área agrícola e no aumento da produção como forma de rapidamente levar à diminuição da fome e pobreza, mas também por intervenções espontâneas de elevada importância, como criação de acesso à água potável, distribuição de redes mosquiteiras para combater a incidência da malária ou abolição das taxas escolares.

Numa fase mais adiantada, insere dentro da estratégia de desenvolvimento das comunidades temas como a diversificação de culturas, expansão das possibilidades de cuidados de saúde, melhoramento das escolas, desenvolvimento de actividade de rendimento não agrícolas, criação de cooperativas e associações de agricultores, etc. Tudo isto de forma a construir capacidade e sustentabilidade.

3.2.1.1. Investimentos rurais integrados

Os investimentos realizados nas MV têm enfoque nas áreas da saúde, educação, infra-estruturas e desenvolvimento agrícola. Como guia de gestão de recursos estipulou-se uma alocação de custos às diferentes áreas, 30% para a saúde, 20% para infra-estruturas, 20% para educação, 15% para nutrição e agricultura e 15% para água, saneamento e ambiente (Fig.8). Valores estes, flexíveis e adaptáveis aos contextos específicos (Fig.8).

As MV têm como fundamento orçamental a estimativa de que são precisos \$120 por pessoa por ano, para cumprir os ODM ao nível rural. Destes \$120, metade provêm das organizações doadoras, \$20 de outras organizações ou doadores, \$30 do governo distrital e nacional e \$10 da própria comunidade alvo (Fig.9). De referir que este design financeiro está de acordo com os compromissos internacionais de aumento da Ajuda Oficial ao Desenvolvimento, onde por exemplo o G8 prometeu passar a doar a partir de 2010 cerca de 100\$US por africano por ano. (The Earth Institute 2008b)

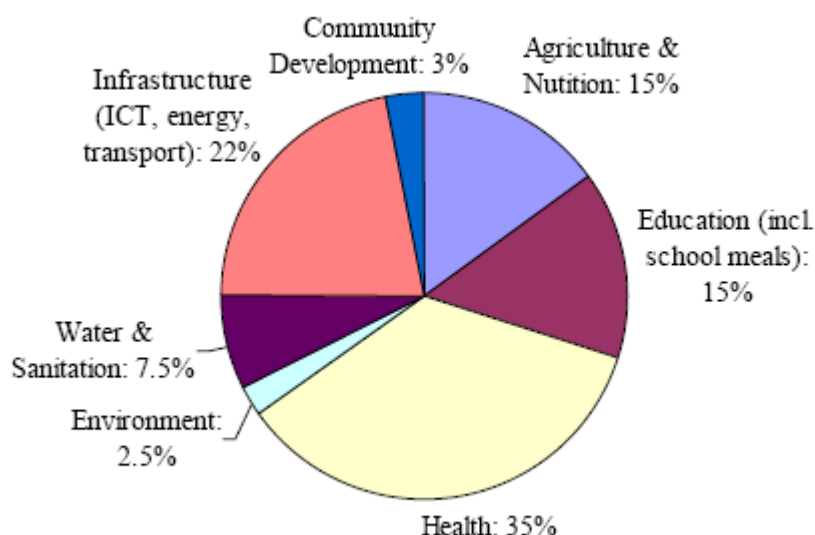


Fig.8 – Alocação orçamental por sector do MVP (*The Earth Institute* 2008)

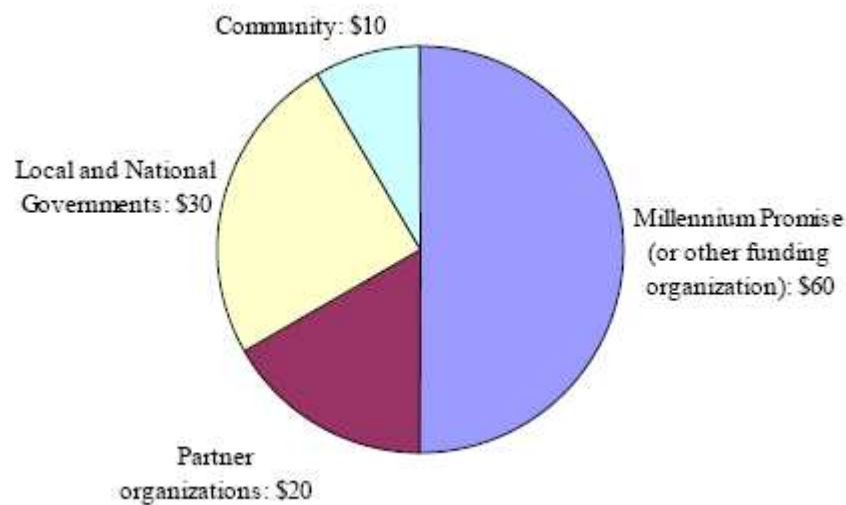


Fig.9 – Modelo Orçamental das MV – Contribuições financeiras dos intervenientes (The Earth Institute 2008)

O orçamento das Millennium Villages é então gerido de uma forma ponderada, sendo flexível à adopção de estratégias, como por exemplo, o investimento inicial mais forte nos primeiros anos e menor nos últimos, tendo maior investimento em infra-estruturas no final e menor no início. (The Earth Institute 2008b)

Os investimentos agrícolas suportam o aumento de produção e a passagem da prática de agricultura de subsistência para agricultura direccionada ao comércio. Os investimentos em saúde destinam-se à diminuição da mortalidade materno-infantil, ao controlo de doenças como a HIV/Sida, a tuberculose, a malária e ao controlo de infecções. Os relacionados com a educação destinam-se à melhoria das condições materiais e físicas e ao estabelecimento de programa de alimentação nas escolas. A nível das infra-estruturas as intervenções focam-se na electrificação, na melhoria dos acessos rodoviários e na melhoria das condições de água e saneamento. (The Earth Institute 2008b)

3.2.1.2. Liderança local e participação comunitária

O projecto prevê que as comunidades, em concertação com o governo distrital e com as organizações da sociedade civil, assumam a liderança, sendo que, os diversos comités e equipas recebem formação da MVP de forma a melhor gerirem os recursos e assegurem uma participação plena da comunidade, apropriação e igualdade de género em todas as acções. (The Earth Institute 2008b)

3.2.1.3. Desenvolvimento institucional de longo prazo

O MVP assume uma estratégia de desenvolvimento institucional baseada na aprendizagem com a prática e pela formação em serviço. Opta também por desenvolver a nível legal as associações à medida que estas vão tendo resultados e por não esperar pelo tratamento burocrático para que estas comecem a trabalhar.

Geralmente existem três tipos de instituições criadas para o longo prazo: a equipa de gestão constituída por membros da comunidade; associações de produtores ou cooperativas; instituições de micro finanças relacionadas com a gestão dos micros créditos. (The Earth Institute 2008b)

3.2.1.4. Formação profissional e gestão liderada por staff local

O MVP prevê a formação profissional em diversas áreas de modo a criar nas comunidades, especialistas de cada área, seja saúde, construção agricultura, etc. de modo a garantir a auto-sustentação das comunidades a nível dos serviços básicos. (The Earth Institute 2008b)

3.2.1.5. Parcerias globais multissectoriais directamente relacionados com as aldeias

O MVP é um projecto que une uma grande comunidade de cientistas, políticos, agencias, filantropos, organizações, governos e comunidades. A sua estrutura permite a assessoria no próprio dia com a criação de soluções dentro desta rede. De modo a garantir a conectividade o MVP prevê o uso de tecnologias de informação que unam os participantes nesta parceria para o desenvolvimento. (The Earth Institute 2008b)

3.2.2. VILAS DO MILÉNIO DE MOÇAMBIQUE.

Em Moçambique ao contrário dos outros países, foi o próprio governo que criou o seu próprio programa, baseado nas MV, estando este programa, denominado Programas das Vilas do Milénio, sob a alçada do Ministério da Ciência e Tecnologia. O programa moçambicano mantém ligação ao MVP, mas é gerido de uma forma autónoma, tendo mesmo o conceito geral sido alterado, pelo acréscimo de novos aspectos às MV. (Governo de Moçambique 2006b)

A Vila do Milénio é para Moçambique uma demonstração prática do desenvolvimento rural integrado baseado nas comunidades, utilizando melhor a ciência, a tecnologia e as experiencias disponíveis, de modo a garantir o alcance e manutenção do desenvolvimento económico das comunidades. (Governo de Moçambique 2006b)

Moçambique adoptou esta estratégia de desenvolvimento assente nos ODM tendo definido o papel das suas Vilas do Milénio na política nacional traçando os seguintes objectivos para o programa:

- Objectivo 1- Eliminar a fome e má nutrição na vila através do aumento de produção, acesso e utilização de alimentos nutritivos, com enfoque especial na melhoria da situação nutricional das mulheres grávidas, mães que estão a fazer o aleitamento e crianças abaixo dos dois anos (ODM1 / Macro Economia e Pobreza, Economia e Desenvolvimento);
- Objectivo 2- Melhorar os meios de subsistência de mulheres e homens e aumentar os seus rendimentos para actividades agrícolas (*on e off farming*) saindo da pobreza extrema (ODM 1 / Economia e Desenvolvimento, Desenvolvimento Rural);
- Objectivo 3- Assegurar o acesso integral à escola primária de rapazes e raparigas e eliminar a disparidade de género nas escolas (ODM 2 e 3 / Capital Humano, Género).
- Objectivo 4- Melhorar o acesso a serviços médicos, especialmente dedicados a melhorar a saúde da mulher e reduzir drasticamente a mortalidade materno-infantil (ODM 4 e 5 / Capital Humano);

- Objectivo 5- Diminuir a taxa de infecção pelo HIV/Sida, malária tuberculose e outras doenças; e aumentar o acesso a medicamentos essenciais tais como antiretrovirais (ODM 6 / Capital Humano, HIV/Sida);
- Objectivo 6- Integrar os princípios do desenvolvimento sustentável nos programas da aldeia de forma a reverter a perda de recursos ambientais e melhorar os serviços de ecossistemas (ODM / Ambiente);
- Objectivo 7- Aumentar o acesso a energia, ar puro, água e saneamento para as famílias, escolas, serviços de saúde (ODM 7 / Capital Humano, Ambiente, C&T);
- Objectivo 8- Eliminar a divisão digital através da disponibilização dos benefícios das tecnologias de comunicação, em particular o acesso à internet e a serviços de telefonia móvel (ODM 8 / Governação, C&T);
- Objectivo 9- Registar com rigor e precisão científica as contribuições, os custos e os resultados dos investimentos e das intervenções implementadas em casa Vila do Milénio e avaliar as oportunidades para melhoria das lições aprendidas (C&T). (Governo de Moçambique 2006b)

Este programa inseriu ainda dois conceitos dentro da metodologia das MV:

- Centro de Transferência de Tecnologia e Desenvolvimento Humano; (Governo de Moçambique 2006b)
- *One village, one product.*

Assim Moçambique com este projecto pretende reduzir a pobreza pela aplicação do conhecimento e de experiencia impulsionando as suas áreas rurais ao alcance dos ODM, tendo como meta inicial a fundação de pelo menos uma vila do milénio em cada província. (Notícias 2009)

3.2.2.1. Centro de transferência de tecnologia e desenvolvimento humano

O programa moçambicano prevê a instalação em cada vila do milénio um CTTDH, assemelhando-se assim estas vilas às MV-1.

Estes centros pretendem introduzir novas técnicas, difundir o uso de tecnologias, ser um espaço de intercâmbio e busca de conhecimento que leve à melhoria das condições de saúde, educação, etc., das comunidades, tendo estas acesso a pequenas bibliotecas, internet e computadores e humanos qualificados. (Governo de Moçambique 2006b)

3.2.2.2. *One village, one product*

Este conceito proveio do Japão e consiste numa estratégia de desenvolvimento local, no qual uma comunidade estuda que produto é mais capaz de produzir e vender, especializando-se nesse produto e construindo o desenvolvimento local no próprio desenvolvimento comercial. (Latif)

Em Moçambique a primeira vila do milénio, em Chibuto por estar localizada nas margens do rio Limpopo, desenvolveu especial competências na área da produção de hortícolas, enquanto que, a vila de Lumbo por se situar numa ilha, desenvolveu a sua componente piscatória.

3.3. RESULTADOS ALCANÇADOS PELO MVP

As MV têm obtido impressionantes resultados desde o seu lançamento em 2006. Elas estão a demonstrar que é possível alcançar resultados no desenvolvimento rural, mesmo nas zonas mais remotas. (Overseas Development Institute 2008)

O seu detalhado sistema de monitorização e avaliação tem permitido recolher informação sobre melhorias significativas na agricultura e saúde, mas também ao nível de diversos domínios transversais a nível dos agregados familiares.

3.3.1. RESULTADOS ALCANÇADOS AO NÍVEL DAS ALDEIAS

Entre os mais notáveis resultados alcançados está o aumento de entre 85% e 350% dos rendimentos agrícolas, considerando apenas as MV da Etiópia, Gana, Malawi e Uganda, que resultaram da distribuição subsidiada de fertilizantes, sementes melhoradas e do aumento dos serviços de extensão ao nível da gestão dos recursos naturais. (Overseas Development Institute 2008)

Outro dos resultados de maior destaque é ao nível da saúde. A formação de técnicos de saúde das comunidades, as intervenções comunitárias de prevenção e tratamento, a distribuição de redes mosquiteiras insecticida de longa-duração, a distribuição gratuita de medicamentos para combater a malária e o melhoramento do diagnóstico da malária estão a melhorar acentuadamente as condições de saúde das comunidades. (Overseas Development Institute 2008)

Ao nível da malária por exemplo na MV de Koraro o número de afectados pela malária diminuiu para metade de um ano para o outro. (Overseas Development Institute 2008)

As intervenções têm também sido muito bem acolhidas pelas comunidades, como demonstram as transcrições presentes no quadro abaixo, recolhidas em entrevistas de campo (Fig.10).

Testemunhos de pessoas residentes em MV

“Antes do MVP ter começado, a minha produção de alimento era muito baixa, mas agora as coisas foram melhoradas e eu tenho excedente de produção.” (Homem em Mwandama, Malawi)

“Antes do projecto este lugar estava sempre seco. O rio apenas passava por aqui. Agora com a ajuda do projecto, sou capaz de utilizar o rio, armazenar a sua água e bombeá-la para o meu campo” (Homem em Koraro, Etiópia)

“Eles disseram-nos que a malária ia ser destruída. Ofereceram-nos redes mosquiteiras e trataram as nossas pessoas doentes. Agora não temos problemas com a malária. Estamos saudáveis.” (Mulher em Koraro, Etiópia)

Fig.10 – Testemunhos de pessoas residentes nas Millennium Villages (Overseas Development Institute 2008)

Duas importantes lições são os sucessos das políticas do fornecimento de bens básicos às populações, como redes mosquiteiras, fertilizantes, etc., e da política de investimento integrado multisectorial. Por exemplo os agricultores pelo acesso a sementes melhoradas e fertilizantes aumentaram muito as produções, criando excedente que estão a fornecer às escolas, garantindo os seus programas de alimentação escolar. Com isto os agricultores pagam o uso dos fertilizantes, sementes que lhes foram

adiantados e as escolas passam a fornecer uma refeição por dia a cada criança, estando também a aumentar o número de matriculados na mesma e também a reduzir o absentismo.

3.3.2. AUMENTOS DE ESCALA DAS INTERVENÇÕES

Muitas das práticas e estratégias aplicadas nas MV estão a ser adoptadas e aplicadas a níveis mais global. No Uganda estão a difundir os programas de alimentação escolar a nível distrital, para além das MV. No Malawi o plano de desenvolvimento agrícola utilizando o fornecimento de fertilizantes e sementes, auxiliou o governo a refinar as suas políticas nacionais de fornecimento de fertilizantes e sementes. (Overseas Development Institute 2008)

3.3.3. OUTROS RESULTADOS DO PROJECTO

O MVP está propositadamente pensado para que seja guiado a nível dos clusters dos diferentes países, por uma larga equipa de profissionais bem qualificados. Assim o projecto tem recolhido excelente feedback sobre a competência destas equipas. (Overseas Development Institute 2008)

Grande parte dos profissionais, pertencentes ao MVP ao nível dos clusters, são licenciados, mestres ou mesmo doutorados. Não obstante serem todos nacionais dos países de actuação, o valor da sua remuneração é elevado para as possibilidades dos governos nacionais, que não têm possibilidades de replicar modelo para todo o território. (Overseas Development Institute 2008)

Outro ponto onde o MVP não é à data tão bem sucedido é ao nível da apropriação das intervenções pelos órgãos de maior poder estatal. Ao nível das comunidades, os resultados no que toca à apropriação pela comunidade têm sido excelentes. Porém quando se sobe na pirâmide das instituições dos diversos países, o resultado não é tão animador. Este facto é justificado pelo limitado orçamento inicial do MVP, que nestes primeiros anos se tem debruçado mais na demonstração de que é possível retirar as comunidades mais desfavorecidas da armadilha da pobreza. (Overseas Development Institute 2008)

Ao nível da formação e capacitação, o MVP promove inúmeras formações, quer para os diversos comités gestores das comunidades, mas também envolvendo ONGDs locais e staff estatal. Por exemplo ao nível agrícola é frequente acontecerem formações acerca de diversificação de culturas, gestão da exploração pecuária, estratégias de gestão agrícola, etc. Sendo um projecto levado a cabo pelas comunidades, estas recebem formações sobre liderança, mobilização comunitária, análise sensível ao género, planeamento participativo, etc. Estas práticas têm melhorado a sustentabilidade do projecto e as possibilidades de expansão do mesmo, assim como têm servido para ligar o projecto às instituições locais. (Overseas Development Institute 2008)

Este projecto tem também obtido resultados ao nível da adaptação do modelo a cada local em específico. Por exemplo no Malawi as intervenções na área da saúde têm antecedido as intervenções na área da agricultura, ao contrário da generalidade dos casos e do pensado inicialmente. No Uganda o sector da água e gestão dos recursos naturais tem assumido um peso maior do que na maioria das outras MV. Noutros casos por exemplo o modelo preconcebido das MV, é desajustado às reais necessidades ao nível de alguns sectores, onde por diversas razões os próprios governos já estão a ter intervenções validas nesses campos, como no Malawi onde ao nível da educação, já está em curso um grande projecto de alimentação escolar. Estas percepções e a inclusão destas lições têm também sido um resultado importante das MV e do MVP. (Overseas Development Institute 2008)

3.4. DESCRIÇÃO DA INTERVENÇÃO SECTORIAL TIPO

Sendo as Millennium Villages uma estratégia para a realização dos ODM, especialmente pensada para as zonas rurais de África que praticam a agricultura de subsistência, elas seguem directrizes básicas nos seus planos de execução práticos. São elas:

- Investimentos holísticos, o planeamento e implementação integrados de sectores chave como a agricultura, saúde, educação e infra-estruturas;
- Complementaridade de sector público e privado;
- O desenvolvimento baseado nas comunidades;
- A conversão da agricultura de subsistência em agricultura comercial e desenvolvimento do sector privado;
- Maior apoio dos doadores aliado a maiores esforços por parte dos governos e comunidades beneficiárias;
- A possibilidade de reprodução do desenho e reprodução dos projectos;
- A transição para a sustentabilidade através da gestão comunitária das actividades locais, a redução gradual dos subsídios, o crescimento económico e um sector privado viável. (The Earth Institute 2008a)

Além destas directrizes as estratégias de actuação das MV são também eco das recomendações do Projecto Milénio das Nações Unidas entre as quais as denominadas Quick Wins, que são intervenções de rápida execução com resultados imediatos (Fig.11).

UN Quick Wins

- Dotação aos empobrecidos agricultores da África Subsaariana, de meios para restituírem o nitrogénio e outros nutrientes aos solos.
- Fornecimento de refeições escolares grátis, usando produtos locais com doses para levarem para casa.
- Projectação de programas nutricionais para grávidas, mães recentes e crianças com menos de 5 anos que suportem a amamentação, facultar o acesso à produção local de alimentos complementares e quando necessário fornecer suplementos de micro nutrientes como zinco e vitamina A.
- Implementação da desparasitação anual para todos os alunos para melhorar a saúde e os resultados educativos.
- Formação de grande número de trabalhadores da aldeia na saúde, agricultura e infra-estruturas (em programas de um ano) para garantir a especialização e serviços básicos nas comunidades rurais.
- Distribuição gratuita de redes mosquiteiras tratadas com insecticida de longa duração para todas as crianças nas zonas endémicas de malária decisivamente para reduzir o fardo do paludismo.
- Eliminação das taxas de utilização de serviços básicos de saúde em todos os países em desenvolvimento, financiada pelo aumento dos recursos nacionais e de doadores para a saúde.
- Expansão do acesso à informação sobre saúde sexual e reprodutiva e serviços, incluindo o planeamento familiar e informação sobre contraceptivos e serviços, e preenchendo lacunas de financiamento existentes para o abastecimento e logística.
- Expansão do uso de combinações de drogas efectivas comprovadas para a Sida, tuberculose e malária.
- Criação de fundos para o financiamento comunitário de urbanização de favelas e alocação de terrenos públicos livres para habitação de baixo custo.
- Facilitação do acesso à electricidade, água, saneamento, e da Internet para todos os hospitais, escolas e outras instituições de serviço social utilizando geradores a diesel de alto rendimento, painéis solares, ou outras tecnologias apropriadas.
- Reformulação e aplicação da legislação que garanta às mulheres, direitos de propriedade e herança.
- Lançamento de campanhas nacionais para redução da violência contra as mulheres.
- Estabelecimento, em cada país, de um cargo de conselheiro da ciência ao presidente ou primeiro-ministro para consolidar o papel da ciência na definição da política nacional.
- Legitimação das mulheres para o desempenho de um papel central na formulação e acompanhamento dos ODM de estratégias de redução da pobreza e outros processos de reforma da crítica política, especialmente ao nível dos governos locais.
- Fornecimento de apoio comunitário para plantação de árvores fornecedoras de nutrientes aos solos, lenha, sombra ou alimento.

Fig.11 – UN Quick Wins (<http://www.unmillenniumproject.org/resources/quickwins.htm>)

3.4.1. ABORDAGEM AO ALCANCE DOS ODM NAS COMUNIDADES.

Nos planos relacionados com a abordagem baseada nas comunidades, as MV têm como prioridade:

- Institucionalizar a participação nos processos de desenvolvimento local dentro das organizações e ao longo do ciclo do projecto;
- Fortalecer a capacidade de acções colectivas das comunidades para gerirem um processo auto determinado e que envolva múltiplos intervenientes;
- Desenvolver um sistema de informação baseado nas comunidades, de forma a permitir que a comunidade possa gerar e utilizar recursos, de forma a atingirem objectivos individuais e colectivos;
- Criar um quadro de agentes de mudança, desenvolvendo as suas capacidades nas áreas técnicas fundamentais;
- Realçar um ambiente de políticas favorável que realce o desenvolvimento comunitário. (The Earth Institute 2008a)

Estas cinco prioridades reforçam-se; os agentes, o método e os instrumentos servem para melhorar a capacidade da comunidade decidir prioridades, implementar e gerir actividades.

3.4.2. O SECTOR DA AGRICULTURA

As intervenções na área da agricultura (Fig.12) pretendem sobretudo aumentar as capacidades produtivas, diversificar as culturas familiares e garantirem a sustentabilidade dos solos, isto de forma a combater a fome a pobreza.

As intervenções centrais na área da agricultura passam por:

- Implementação de técnicas de reabilitação dos solos seja a partir de fertilizantes minerais ou legumes fixadores de nitrogénio;
- Implementação do uso e acesso a sementes melhoradas;
- Construção de sistemas de irrigação de pequena escala, que possam suplementar a agricultura de sequeiro;
- Criação de condições de armazenagem de cereais, de modo a poderem vender os mesmos nas épocas de preço mais elevado;
- Providenciar serviços de extensão agrária, que prestem formações aos camponeses;
- Diversificar as culturas de forma a atingir melhor segurança alimentar, pelo melhoramento nutritivo;
- Organizar os agricultores em cooperativas ou associações para poderem vender os seus produtos em mercados mais distantes. (The Earth Institute 2008a)



Fig.12 – Exemplo de aproveitamento agrícola promovido pela Vila do Milénio de Chibuto (Arquivo pessoal do autor)

3.4.3. O SECTOR DA EDUCAÇÃO

As intervenções na educação têm grande impacto em diversas áreas. A melhoria na educação está associada à obtenção de maiores oportunidades de emprego, à redução das taxas de fecundidade, maior produtividade agrícola, menor mortalidade materno-infantil, melhor nutrição e mesmo menor incidência de doenças.

Assim a intervenção em educação assenta nos seguintes pilares:

- Dotação das comunidades de escolas com boas condições, seja com energia, água potável, casas de banho separadas para diferentes sexos e salas de aula sólidas e equipadas;
- Implementação de programas de alimentação escolar (Fig.13);
- Recrutamento de número suficiente de professores e pessoal não docente, sua formação e desenvolvimento;
- Envolvimento das comunidades, sensibilizando-a para a importância da educação e para a sua participação na construção de melhores condições escolares;
- Facilitação de ensino pré-primário e pós-primário, seja na criação de escolinhas para as crianças em idades anteriores à correspondente à frequência do ensino primário, alfabetização de adultos, ensino vocacional profissional e atribuição de bolsas às crianças mais carenciadas que lhes permitam continuar a frequência escolar no ensino secundário;
- Sensibilização das comunidades para a questão da equidade de género nas escolas e ensino e dotação das escolas secundárias de capacidade de internato para as raparigas mais desfavorecidas. (The Earth Institute 2008a)



Fig.13 – Programa de alimentação escolar numa Millennium Village
(<http://www.earthinstitute.columbia.edu/articles/view/1970>)

3.4.4. A IGUALDADE DE GÉNERO

O MVP reconhece a importância das mulheres no desenvolvimento e o carácter central deste factor. Nestas áreas rurais onde a pobreza crónica, a fome e a doença são uma realidade quotidiana, muitos esforços concentram-se nas mulheres, conferindo-lhes um fardo excessivo.

Comprovadamente o fortalecimento das mulheres gera retornos significativos ao nível do desenvolvimento, como diminuição das taxas de infecção por malária, diminuição da natalidade, etc.

Assim no planeamento das intervenções associadas à igualdade de género, as actividades críticas são:

- Garantir a participação das mulheres na gestão dos rendimentos agrícolas, de forma a garantir que uma parte substancial dos rendimentos seja aplicada no agregado familiar;
- Garantir que as novas infra-estruturas, sejam sensíveis às necessidades e prioridades das mulheres, como a construção de casas de banho separadas por sexo nas escolas, plantio de espécies para a obtenção de lenha, etc;

- Preparação de estratégia de combate à violência baseada no género, nas escolas e em casa, de forma a garantir a maior participação das raparigas no ensino, maior acesso aos cuidados de saúde, etc.
- Garantir a participação das mulheres em todas as reuniões e comissões sectoriais, tornando o planeamento sensível as suas necessidades e aumentando as suas competência de liderança e gestão;
- Garantir o acesso equitativo aos serviços de saúde, através disponibilização de serviços a mulheres não acompanhadas, sistemas de confidencialidade, etc. (The Earth Institute 2008a)

3.4.4. O SECTOR DA SAÚDE

A abordagem do PVM na área da saúde pretende prestar um conjunto de serviços básicos. Estas comunidades extremamente pobres têm em geral uma interacção com os serviços de saúde muito ténue, assim o PVM pretende disponibilizar um conjunto de serviços básicos na própria aldeia e aproximar as comunidades dos cuidados de saúde mais estruturais.

Nestas áreas geográficas o HIV/Sida, a malária, as diarreias e a tuberculose, continuam a matar muita gente, contribuindo também para a diminuição do desenvolvimento.

Assim os planos relacionados com a intervenção no sector saúde, em geral passam por:

- Dotação de condições clínicas básicas a nível das comunidades, nomeadamente pela disponibilização de consultas de planeamento familiar, de tratamentos anti-malária e de sua prevenção (Fig.14), de aconselhamento sobre HIV/Sida com facilitação de antiretrovirais, etc. Deste modo as comunidades têm ao seu rápido alcance resposta às questões básicas relacionadas com a saúde;
- Formação de pessoal da comunidade em cuidados básicos de saúde, de forma a dentro da própria comunidade poderem responder às necessidades básicas;
- Aproximação da comunidade dos hospitais e centros de saúde, tendo em vista o acesso ao mesmo em casos de necessidade maior;
- Estudar a epidemiologia local, recolhendo informação sobre o estado e necessidades específicas do local. (The Earth Institute 2008a)



Fig.14 – Rede mosquiteira numa casa de pau-a-pique (<http://crescerdemaosdadas.blogspot.com/2009/12/quase-125-mil-mortes-por-malaria-foram.html>)

3.4.5. A SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

Nas zonas rurais de África onde existem maior número de pessoas afectadas pela fome, o consumo dos recursos naturais é por vezes insustentável, levando a destruição dos mesmos. A erosão dos solos e a desflorestação são dois dos exemplos frequentemente encontrados nestas regiões.

Uma melhor gestão dos recursos naturais pode sustentar e até aumentar os rendimentos. Uma melhor gestão dos recursos hídricos pode levar à maior produção de alimento, ao fornecimento de fontes seguras e permanentes de água potável, etc.

Assim o MVP tem uma visão de intervenção neste sector, que em geral passa pelas seguintes actividades:

- Protecção dos habitats nativos da invasão para a prática agrícola, abertura de estradas e extracção de recursos;
- Protecção e promoção da biodiversidade nas terras destinadas à agricultura e outros fins, de forma a eliminar risco de pragas, surgimentos de doenças e promover serviços do ecossistema com retenção do carbono, polinização das culturas, etc;
- Gestão comunitária da terra à volta das fontes de água, visando a prevenção da contaminação da mesma pelo gado, saneamento, etc;

- Gestão integrada das bacias hidrográficas para os serviços do ecossistema a nível da paisagem, como controlo de cheias, estabilização das encostas, etc;
- Maneio comunitário dos recursos naturais, para o desenvolvimento de empresas que garantam a sustentabilidade das florestas, das pescas, do abastecimento de água e do solo para a produção de bens e serviços, e para tirar proveito de eco oportunidades como os créditos de carbono e os bio-combustíveis;
- Programas de plantio de árvores e viveiros comunitários e familiares, para reduzir o tempo gasto à procura de lenha satisfazendo o seu consumo;
- Sensibilização das comunidades para tratar das questões que ligam as crenças e tradições e que afectam o meio ambiente. Um exemplo é os direitos relacionados com a posse das terras em muitas zonas rurais, que impedem a actuação ambiental. (The Earth Institute 2008a)

3.4.5. A ENERGIA, OS TRANSPORTES E A COMUNICAÇÃO

A energia, os transportes e as tecnologias de comunicação são interdependentes e têm peso em muitos aspectos da vida diária.

Uma das maiores necessidades neste campo é o aumento da eficiência da utilização dos combustíveis. Outro importante desafio é a ligação dos serviços de saúde, escolas, etc., à rede eléctrica, assim como a criação da possibilidade das comunidades disporem do uso de máquinas a baterias recarregáveis.

Os transportes são igualmente importantes, pelo aproximar as distâncias a nível de tempos dispendidos, é possível socorrer um doente em caso de emergência ou possibilitar o acesso aos cidadãos às actividades sociais, aos mercados, às instituições públicas, etc.

O MVP prevê o investimento em infra-estruturas a este nível, sendo que as actividades críticas são em geral:

- Implementação de serviços de transporte comunitário, de forma a garantir acesso das pessoas aos mercados, ao acesso a serviços de emergência, etc;
- Promoção de fogões mais eficientes que permitam poupar combustível e ao mesmo tempo proporcionar melhor qualidade de vida aos cidadãos;
- Implementação de energia para a bombagem da água, aumentando o acesso das famílias à água potável;
- Estabelecimento de ligação energética às unidades de saúde para que estas possam por exemplo conservar vacinas, esterilizar materiais, etc;
- Construção de estradas amigas do ambiente, assegurando que estas não atravessem habitats nativos ou áreas protegidas;
- Implementação de sistemas de resposta a emergência;
- Melhorar serviços de saúde, negócios, educação pelo uso das TIC;
- Implementação de rádios comunitárias, que permitam a difusão da informação e conhecimento, assim como a promoção da discussão em torno da governação e da sociedade. (The Earth Institute 2008a)

3.4.6. A ÁGUA E O SANEAMENTO.

A falta de acesso à água e saneamento adequados, afecta os agregados familiares tanto no plano da saúde, como económico tendo também consequências para o meio ambiente.

O acesso às fontes de água obriga muitas vezes mulheres e crianças a carregarem água nas suas cabeças durante quilómetros e fazendo que estas percam várias horas com essa tarefa, ao invés de se dedicarem a actividades lucrativas, sociais ou mesmo de estudo no caso das crianças.

A disponibilidade de água (Fig.15) é importante para a saúde das comunidades, mas comprovadamente o acesso a condições de saneamento adequadas é causador de maior impacto na saúde das mesmas, pela melhoria da higiene, para além dos benefícios que traz para o ambiente.

Outra vertente chave da água é o seu potencial para o melhoramento agrícola, o estudo do ciclo da água local é fundamental para garantir a correcta utilização deste recurso.

Nas MV as intervenções fundamentais para este sector passam pela:

- Participação e gestão comunitária de todo o planeamento de intervenções no que toca à construção e manutenção de equipamentos de modo a que estes bens sejam mais-valias reais e sustentáveis;
- Programas comunitários de saneamento e higiene, de forma a criar a procura pelo saneamento e garantir a utilização das instalações sanitárias e a introdução de hábitos de higiene;
- Criação de projectos de irrigação de forma a aumentar a produção agrícola e consequentemente o rendimento dos agregados;
- Gestão integrada das bacias hidrográficas, garantindo sustentabilidade dos ecossistemas e maximizando os proveitos da utilização do recurso;
- Educação sanitária nas escolas para promover a saúde da criança, e para que estas sejam agentes da mudança nas praticas de higiene;
- Monitoria da qualidade da água e educação na fonte e no local de consumo para identificar as fontes de água contaminadas, bem como os comportamentos/praticas que estão na origem das doenças transmitidas pela agua;
- Facilitação de energias sustentáveis para bombagem da água de forma a levar a água mais perto das populações e assim reduzir o peso da actividade de recolher a mesma às mulheres e crianças. (The Earth Institute 2008a)



Fig.15 – Fonte de água montada numa Millennium Village

(http://me.columbia.edu/fac-bios/modi/African_Piping_Project.html)

3.5. CONCLUSÃO DO 3º CAPÍTULO

As MV estão a demonstrar que é possível levar o desenvolvimento aos denominados *hot spot* da pobreza extrema, as zonas rurais da África Subsaariana. Nestas as MV estão a conseguir leva-las ao alcance dos ODM, multiplicando produções agrícolas, reduzindo taxas de infecção da malária, etc.

Do conjunto de resultados alcançados, de conclusões retiradas, de desenvolvimentos obtidos, o MVP estabelece hoje um conjunto de intervenções tipo que têm permitido levar estas comunidades em pobreza extrema a colocarem o pé na escada do desenvolvimento.

Um dos pilares de actuação das MV é o da adequação das intervenções aos diferentes locais. Moçambique levou isso com grande profundidade, tendo criado o seu próprio programa baseado nas MV, mas com inovações e objectivos direccionados às suas específicas políticas e prioridades de desenvolvimento.

Da revisão da literatura podemos concluir que as MV estão a alcançar os seus objectivos, são comprovadamente uma acção pertinente, eficaz, que têm incluído o tema da sustentabilidade em todas as suas práticas, que têm criado conhecimento de como alcançar os ODM nas zonas mais pobres e que estão desenhadas dentro dos compromissos internacionais de Assistência Oficial ao Desenvolvimento.

4

O CASO DE MUCHABJE, VILA DA MACIA, MOÇAMBIQUE

4.1. NOTA INTRODUTÓRIA

O estudo do local da intervenção é imprescindível à realização de adequados planos de desenvolvimento e actuação. A experiência das MV até à data permite compilar um conjunto de práticas que em teoria alcançarão sucesso, porém o peso e a medida, a intensidade e as prioridades são variáveis de região para região, de aldeia para aldeia. Estes parâmetros influem na definição da actuação e só são obtidos correctamente após o estudo da zona alvo, da população alvo, da cultura local e das possibilidades de desenvolvimento locais.

Para a definição de um plano de intervenção cabe então ao planeador de desenvolvimento rural saber quais são as reais necessidades, quais são as prioridades de desenvolvimento da comunidade, quais as oportunidades que a comunidade pode aproveitar para se desenvolver, etc.

Muchabje é uma entre milhares de aldeias e bairros de perfil rural, que praticam a agricultura de subsistência e que padecem da pobreza. Moçambique é um país de elevados contrastes, a humidade da região norte contrasta com a escassez de água da zona sul, o luxo de resorts contrasta com as palhotas.

4.2. CARACTERIZAÇÃO GERAL

4.2.1. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

Muchabje é um dos Bairros pertencentes ao posto administrativo de Macia sede, integrado no distrito de Bilene Macia e distando cerca de 5 quilómetros do centro desta Vila, para sul. Tanto Muchabje como a Vila da Macia são atravessados pela estrada nacional número 1 que liga norte ao sul de Moçambique. (Instituto Nacional de Estatística 2007)



Fig.16 – Localização de Muchabje, Vila da Macia, Moçambique (Arquivo pessoal do autor)

O distrito de Bilene Macia situa-se no sudeste da província de Gaza fazendo fronteira a Sul com a província de Maputo, a Este com o oceano Índico, a Norte com o distrito de Xai Xai e Chibuto e a Oeste com os distritos de Chókwé e Magude (Fig.16). (Governo de Moçambique 2005)

De salientar que nas cidades vizinhas de Chókwé e Chibuto existem actualmente em curso duas Vilas do Milénio, sendo que a de Chibuto é mesmo a primeira Vila do Milénio lançada em Moçambique. (Programa Vilas do Milénio 2009)

4.2.2. HISTÓRIA

O distrito de Bilene Macia foi afectado pela guerra civil moçambicana. No tempo colonial Macia possuía uma série de condições como central eléctrica, lojas e armazéns, centro recreativo pertencente a um clube de futebol e até um orfanato. Com o fim da época colonial e inicio da guerra civil, muitas destas instalações foram destruídas ou degradadas.

Muchabje foi também um bairro afectado, segundo algumas das pessoas abordadas, o bairro sofreu à mão de ataques do partido Renamo, que nas suas incursões por esta zona pilhou e destruiu casas, culturas e mesmo famílias à sua passagem. Ainda hoje esta lembrança ajuda a que o partido Renamo tenha sempre modestas votações em relação à sua média nacional.

Na época colonial Muchabje teve uma íntima ligação com portugueses. Na sua zona baixa existiu uma grande exploração de bananas liderada por um português, esta exploração empregava muitos dos habitantes de Muchabje e de Macia em geral sendo a sua produção dirigida à África do Sul via linha férrea com estação em Magude.

No ano de 2000 Moçambique foi vítima de intensas chuvas que provocaram enormes danos e umas cheias históricas que vitimaram e desalojaram imensas pessoas. Macia por ser uma região relativamente alta e de solos arenosos não foi tão afectada pelas mesmas cheias, tendo funcionando como zona de acolhimento de refugiados, principalmente provenientes do distrito de Chókwé. Durante esta época das cheias a população de Macia aumentou bastante tendo mesmo sido criados novos bairros apenas para acolhimento a estes refugiados.

4.2.3. CONDIÇÕES FÍSICAS NATURAIS

Muchabje a nível topográfico é heterogéneo (Fig.21), uma parte da sua área, a oeste da estrada nacional número 1, pertence à chamada zona alta, de maiores cotas. É nesta zona que se encontram as residências dos habitantes, assim como todos os diversos serviços do bairro, como escola ou igrejas.

A este da EN1, as cotas vão baixando até atingirem as correspondentes à zona baixa (Fig.17), onde estão as machambas mais produtivas.

A nível dos solos há que distinguir 3 tipos a que correspondem três zonas distintas: zona alta onde não existe água em permanência, nesta zona o solo é arenoso – solos arenosos aluvionares; zona muito bem definida onde o solo é argiloso, situado a cotas correspondentes à zona alta – solos argilosos; zona baixa onde existe água corrente, proveniente de uma nascente natural a norte, nesta zona o solo é arenoso mas com uma elevada presença de húmus, inexistente nos solos anteriores – solos hidromórficos orgânicos. (Governo de Moçambique 2005)



Fig.17 – Pormenor da zona de transição e zona baixa de machamba (Arquivo pessoal do autor)

O clima é denominado de semi-árido, variando a irregular precipitação entre 500 a 800 mm, enquanto a evapotranspiração de referência (ET_o) é geralmente superior a 1500 mm. (Governo de Moçambique 2005)

As temperaturas médias anuais rondam os 24°C, estando a humidade relativa média anual entre os 60 e 65%. (Governo de Moçambique 2005)

Este conjunto de características cria vulnerabilidade à produtividade agrícola, uma vez que muitas vezes coincidem períodos secos com a época de crescimento das culturas. Habitualmente durante o período compreendido entre Maio e Dezembro assistimos a défices de água, enquanto noutros períodos podemos mesmo assistir a um excesso. (Governo de Moçambique 2005)

O bairro na sua zona baixa recebe água de uma nascente natural. Na zona residencial de Muchabje, que dista cerca de 1500m da zona baixa, não existem quaisquer fontes de água naturais, sendo a água captada através de duas bombas manuais. Em média os aquíferos distam cerca de 40/50 metros da superfície nesta zona residencial.

4.2.4. POPULAÇÃO E ASSENTAMENTOS HUMANOS

Segundo os censos realizados em 2007, a população de Muchabje nesse data era de 1868 pessoas, (Instituto Nacional de Estatística 2007) sendo repartida por 805 homens e 1063 mulheres, ou seja

56,9% mulheres. Nos mesmos censos o número de agregados familiares do bairro foi de 409, o que nos permite concluir que o agregado médio de Muchabje é constituído por 4,6 pessoas.

Segundo os inquéritos aos agregados familiares realizados em Setembro de 2009 pelo G.A.S.Porto e num universo de 218 respostas recolhidas válidas (cerca de 11,7% da população), a idade média do bairro é de 24,5 anos. Esta idade média e a análise da estrutura etária da população de Muchabje (Fig. 18) mostram com clareza a juventude populacional do bairro.

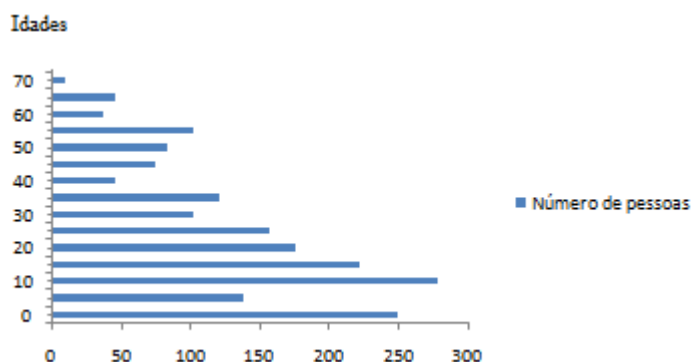


Fig.18 – Estrutura etária da população de Muchabje (Arquivo pessoal do autor)

O índice de dependência que traduz a percentagem de população menor que 15 anos e maior que 64, em relação à restante considerada como em idade activa, é de 0,67. Este valor é elevado, ou seja há uma dependência de grande parte da população em relação à população activa. Esta realidade conduz em muitos casos à necessidade precoce das crianças de começarem a trabalhar e à obrigação dos mais velhos de trabalharem até mais tarde.

Não existindo dados concretos sobre o distrito de Bilene Macia, podemos através dos valores provinciais estimar que todos os anos a população do bairro cresça em cerca de 26 pessoas, ou seja 1,4%.

4.2.5. GESTÃO DOS RECURSOS NATURAIS

A Flora de Muchabje é caracterizada pela diversidade de árvores de fruto como: Mangueira, cajueiro, papaieira, mafureira, bananeira e também pela presença de arbustos e capim de médio e pequena dimensão respectivamente nas suas zonas altas. Na zona baixa cresce o denominado “caniço” e são produzidas as culturas.



Fig.19 – Pormenor do uso das águas superficiais para higiene e abastecimento familiar (Arquivo pessoal do autor)

A nível da sustentabilidade a Flora enfrenta alguns problemas, segundo o inquérito realizado 100 % dos inquiridos utilizam matéria vegetal como combustível, provocando a deflorestação das árvores não fruteiras e a consequente erosão dos solos. Esta realidade pode facilmente ser constatada na figura 21 onde se vê a olho nu a diferença substancial de densidade arbórea entre a zona residencial e as restantes zonas. Na zona baixa a existência do caniço permitiu aos habitantes usarem-no nas suas próprias habitações e mesmo escola primária, como material constituinte das paredes, porém esse mesmo caniço já quase não existe. A necessidade de exploração agrícola das áreas em que ele crescia naturalmente levou a este cenário.

O uso dos solos em Muchabje reparte-se em três tipos: culturas de produtos com base na agricultura de sequeiro, característico das machambas das zonas altas e de transição; culturas de regadio localizadas na zona baixa do bairro, onde há água corrente a atravessar os canais; uso social dos solos, onde se encontram as habitações, os serviços comuns e onde não existe exploração agrícola à excepção das árvores de fruto. A gestão da utilização das áreas agrícolas é da responsabilidade da liderança comunitária.

Na prática agrícola correspondente às zonas de alta não há uso de fertilizantes, pelo que se assiste ao empobrecimento sucessivo dos solos. Na zona baixa os solos estão na sua maioria em pousio, uma vez que a obstrução dos canais de escoamento da água provocou a inundação dos terrenos, que por motivos relacionados com a falta de capacidade financeira para os desobstruir, provocou o seu não uso

durante alguns anos. De referir que estes mesmos canais (os principais) já estão desobstruídos, estando as culturas a regressar a estes solos.

A água corrente da zona baixa é assim pouco explorada a nível agrícola, sendo que é utilizada também para uso doméstico e de higiene (Fig.19).

4.2.6. SITUAÇÃO ECONÓMICA

A agricultura praticada no bairro é de um modo geral para consumo próprio, sendo as explorações familiares com uma moda de entre 1-1,5 hectares, somando as áreas das zonas de baixa e alta. A maioria da população não tem acesso à tracção animal nem a fertilizantes ou sementes melhoradas, no desenvolver da actividade.



Fig.20 – Comércio de fruta nas margens da EN1 (Arquivo pessoal do autor)

Muchabje pela grande área que possui de baixa com cerca de 1,4 km² tem um enorme potencial agrícola desaproveitado (Fig.22). Este facto deveu-se à obstrução dos canais de escoamento que levaram á inundação dos terrenos. Para o reaproveitamento dos mesmos este precisam de ser lavrados com a utilização de tracção mecânica.

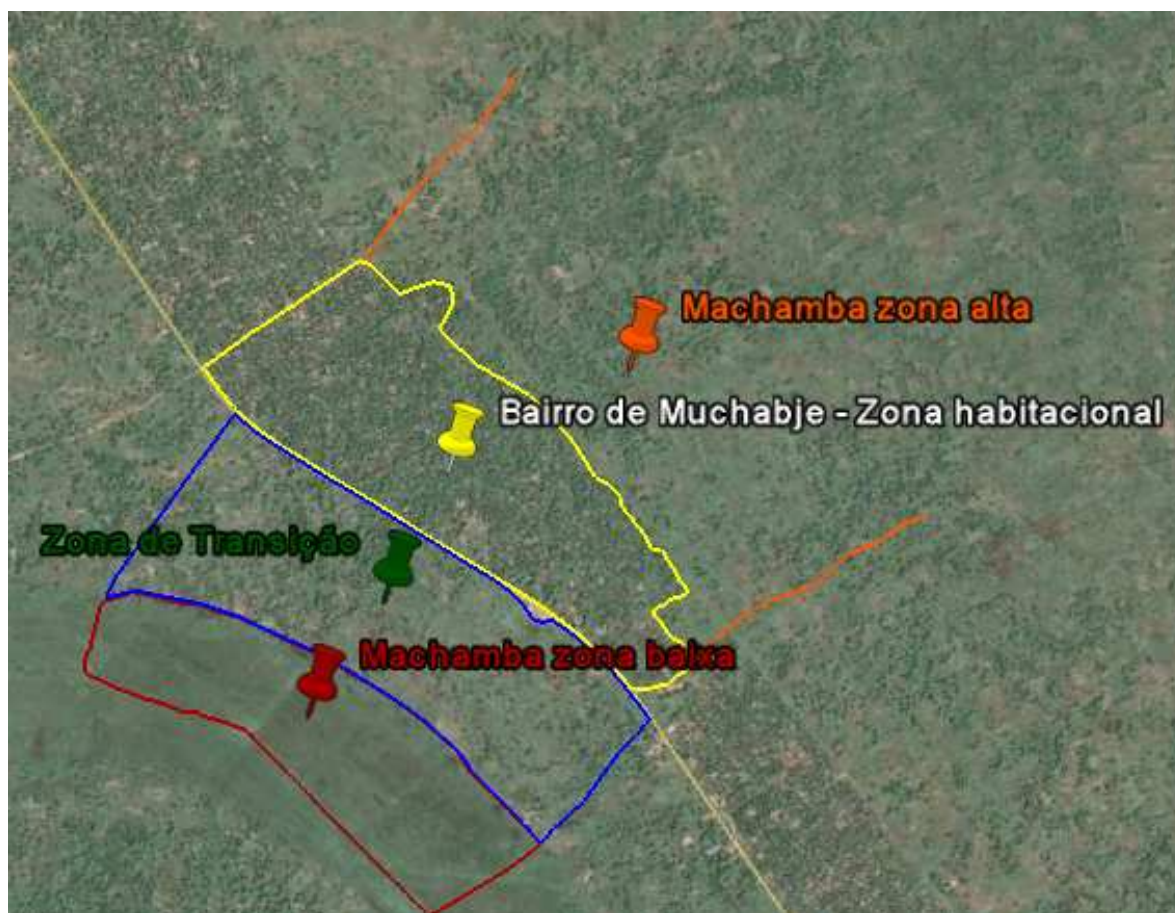


Fig.21 – Muchabje e as suas diferentes zonas (Arquivo pessoal do autor)

As culturas mais frequentes são os hortícolas e arroz na zona baixa e a mandioca, feijão e milho nas zonas altas.

A exploração pecuária é praticamente inexistente, tendo apenas a população alguns animais para consumo próprio, mas sobretudo para utilização em caso de necessidade. Os animais mais usuais são as galinhas e os patos.



Fig.22 – Machamba da zona baixa e suas potencialidades produtivas (Arquivo pessoal do autor)

Parte pequena da população vende hortícolas, fruta, castanha de caju e outros produtos seja, na margem da EN1 (Fig.20) ou na Vila da macia, existem também algumas pessoas com emprego assalariado, porém o perfil da população é na realidade agrícola.

De referir que nas proximidades do bairro (a 500 m) existe uma fábrica de processamento de castanha de caju que emprega algumas pessoas e que trabalha para exportação.

4.2.7. INFRA-ESTRUTURAS

Pela sua localização, sendo atravessado pela EN1, Muchabje tem assim óptima acessibilidade. No seu interior as vias de circulação são quase na sua totalidade caminhos pedonais, entre os diversos talhões. Existem ainda alguns caminhos onde jipes podem circular, nomeadamente no acesso à escola primária. Na zona baixa existe também um caminho que possibilita o acesso de tractor às machambas.

Muchabje possui uma escola primária, com todas as salas construídas em pau a pique com cobertura de chapa de zinco.

No total existem no bairro duas bombas de água de modelo Afridev (Fig.23), não existindo qualquer outro meio de acesso à água alternativo que não seja a sua captação superficial na zona baixa.



Fig.23 – Tarefas diárias de recolha de água e lenha, em especial por parte das mulheres e crianças (Arquivo pessoal do autor)

Ao nível de saneamento, os habitantes no geral possuem nas suas propriedades uma latrina tradicional, sendo que mesmo na escola a latrina é deste tipo.

Ao nível das comunicações, a zona de Muchabje possui rede das operadoras telefónicas móveis, sendo que pela inexistência de quaisquer fontes de energia eléctrica a utilização de telemóvel fica dificultada.

No bairro o tipo de habitação (Quadro 3) é maioritariamente de caniço com cobertura de chapa de zinco, as denominadas casa de pau-a-pique, de estrutura rectangular e cerca de 12 m², ou de estrutura circular de caniço, cobertura do denominado capim e cume de barro (Fig.24), com paredes revestidas com uma mistura argilosa. Existem também algumas casas no bairro de alvenaria, todas da chamada construção precária, caracterizada por ausência de pilares de betão armado. Nestas as coberturas são igualmente em chapas de zinco. Referir que a posse de uma casa de alvenaria está maioritariamente ligada à existência de um membro do agregado imigrante na África do Sul.

Quadro 3 – Tipo de habitação do bairro (Arquivo pessoal do autor)

	Tipo de Casa		
	Pau-a-pique	Canço com cobertura capim	Alvenaria
% Dentro das visitadas	37,5	37,5	25

Nestas casas visitadas de referir que na maioria dos casos o chão encontra-se cimentado, sendo que apenas em 19% das casas este era de areia.



Fig.24 – Talhão de agregado familiar alargado, com casas de canço com cobertura de capim (Arquivo pessoal do autor)

Dos inquéritos realizados podemos retirar também um dado importante, relacionado com o número de pessoas que dorme por cada assoalhada (Quadro 4). Para a Unicef a dormida de crianças numa mesma assoalhada em conjunto com 5 ou mais pessoas é considerada uma Privação Severa de Abrigo (UNICEF 2006). No bairro assiste-se a uma predominância de 2 pessoas por assoalhada, mas com cerca de 27% dos agregados a terem 5 ou mais pessoas a dormir na mesma divisão.

Quadro 4 – Situação de abrigo no bairro (Arquivo pessoal do autor)

Número máximo de pessoas que dormem na mesma assoalhada	1	2	3	4	>4
% Dos agregados familiares	8,3	41,7	16,7	5,6	27,8

Em relação á sua posição geográfica e ao acesso a outro tipo de infra-estruturas, o bairro dista 5 km de um Hospital rural, do posto dos correios, dos serviços administrativos distritais e tem rede eléctrica nas duas comunidades que lhe são contíguas Manzir e Bairro 1 da Macia, sendo que esta passa junto ao bairro (Fig.25).



Fig.25 – Linhas eléctricas que passam pelo bairro, sua zona alta da machamba (Arquivo pessoal do autor)

4.2.8. SERVIÇOS SOCIAIS BÁSICOS

Como referido anteriormente o bairro possui uma escola primária que lecciona até á 5ª classe. Os alunos que transitam para as classes posteriores passam a frequentar a escola primária completa do Bairro 1 da Macia, distando cerca de 5 km de Muchabje, onde podem estudar até á 7ª classe. A partir da 8ª classe e até à 12ª passam a estudar no centro da Vila da Macia na sua escola secundária. Um dos problemas a nível do ensino apontado pelos professores é o cenário de más condições das salas de aula e a falta de meios físicos de ensino.

Está também em funcionamento uma escolinha para crianças em idade pré-escolar, que acolhe as crianças e as prepara para a entrada no ensino primário.

A nível da saúde os habitantes do bairro têm como melhor hipótese a deslocação ao Hospital Rural a 5 km de distância. Uma vez por ano, uma brigada móvel faz a desparasitação gratuita de todas as casas do bairro. Durante os inquéritos realizados, uma das maiores dificuldades apontadas pelos habitantes, é a dificuldade de deslocação ao hospital em casos de doença.

No bairro existe um campo de futebol pertencente á comunidade, onde os seus membros e em especial os alunos da escola podem praticar desporto, ou mesmo reunirem-se.

A nível cultural, dos entrevistados apenas 24,3% afirma ter acesso a jornais, no entanto 48,6% têm rádio, embora nem sempre funcional devido à necessidade da aquisição de pilhas.

4.2.9. O SECTOR DA SAÚDE

O HIV/Sida, a malária, as diarreias, a tuberculose, as DST e as disenterias são as doenças que mais afectam a população da região. (Governo de Moçambique 2005)

Dentro destas a mais grave é sem dúvida o HIV/Sida. Dados do Hospital Rural de Macia (Fig.26) apontam para cerca de 27% da população do distrito de Bilene Macia infectada pelo HIV. Assim sendo esta é a zona do país com maior incidência deste flagelo.



Fig.26 – Hospital Rural da Vila da Macia (Arquivo pessoal do autor)

Entre as razões apontadas para esta especial incidência apontam-se: a existência de grande número de emigrantes na África do Sul; o turismo existente na zona da Praia do Bilene; a prática do trabalho sazonal, nomeadamente na fábrica de produção de açúcar; a existência da prática tradicional de purificação das viúvas; a tradição poligâmica, sobretudo nas zonas mais interiores.

A malária é outra doença com especial impacto. Segundo o Hospital da Macia a malária é a doença mais registada nas consultas efectuadas. Em resposta ao inquérito realizado, cerca de 73% dos inquiridos afirmaram já terem tido malária. Quando questionados sobre o uso ou não de redes mosquiteiras (Quadro 5), 67,6% dos inquiridos revelaram não terem e 16,2% terem insuficientes para todo o agregado.

Quadro 5 – Situação da posse de redes mosquiteiras pelos agregados familiares do bairro (Arquivo pessoal do autor)

Posse de rede mosquiteira pelo agregado familiar	Sim	Não	Insuficiente para todo o agregado
%	16,2	67,6	16,2

4.2.10. O SECTOR DA EDUCAÇÃO

A falta de acesso à educação foi, segundo a liderança da comunidade, uma das razões do atraso que se verifica no bairro. Até há cerca de uma década atrás não existia escola primária no bairro.

Para além da sua escola primária (Fig.27) os alunos que pretendam frequentar o ensino secundário têm oportunidade de o fazer a 5km do bairro, onde poderão concluir o 12º ano.



Fig.27 – Escola primária de Muchabje (Arquivo pessoal do autor)

Entre os habitantes e segundo os inquéritos cerca de 70,7% falam português, 14 compreendem ou falam alguma coisa e apenas 15,3 não fala a língua oficial do país, o português.

No distrito de Bilene Macia cerca de 60% da população é analfabeta e cerca de metade da população com 5 ou mais anos, frequenta ou já frequentou a escola. As perspectivas de futuro são bastante melhores, tendo as crianças cada vez maior número de professores e escolas.

A nível da qualidade do ensino prestado, há um grande caminho a percorrer. A maioria dos professores do distrito tem entre a 6^a e a 8^a classe, acrescidas de um ano de estágio pedagógico, o que condiciona muito o ensino em termos de qualitativos. (Governo de Moçambique 2005)

4.2.11. A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E COMUNITÁRIA

A gestão do bairro e sua comunidade é efectuada por um líder comunitário, pelos responsáveis dos vários quarteirões em que o bairro se encontra dividido e por comités para a educação e para a gestão das áreas agrícolas.

O líder comunitário é o representante da comunidade junto do Posto Administrativo de Macia sede e seu Chefe de Posto. Os vários postos administrativos encontram-se sob a liderança distrital, que responde perante o governo provincial e este perante o governo nacional.

De referir que segundo a estratégia de Moçambique o distrito deve ser a unidade do desenvolvimento das regiões. (Governo de Moçambique 2007)

A administração do distrito fica então a cargo de um administrador e da secretaria distrital tendo para áreas específicas os serviços de Acção Social e da Mulher; Educação, Saúde e Tecnologia; Planificação e infra-estruturas; Actividades económicas. (Governo de Moçambique 2005)

4.2.12. OS HÁBITOS E OS COSTUMES

A actividade da maioria da população centra-se na prática da agricultura de subsistência. Assim a maioria da população levanta-se por volta das 5 da manhã com o nascer do sol, trabalhando nas machambas até às 12/15 horas dependendo das temperaturas registadas.

O período pós regresso da machamba é usado com a higiene e confecção do almoço, prolongando-se as actividades domésticas até a uma segunda refeição e consequente descanso.



Fig.28 – Actividade recreativa das crianças do bairro, junto ao edifício da Igreja Zion (Arquivo pessoal do autor)

As crianças frequentam a escola e durante o seu tempo não lectivo, ocupam-se com a procura de lenha para usar como combustível e com a busca de água às bombas comunitárias ou bolsas de água superficiais, mas também com actividades recreativas (Fig.28)

Uma pequena parte da população desloca-se pela parte da manhã para Macia onde desenvolve actividade comercial ou assalariada. No que toca ao comércio, no próprio bairro na margem da EN1 concentra-se um grupo de mulheres que vende fruta.

Os domingos são dedicados á crença e ao descanso. Dentro do bairro localizam-se duas pequenas igrejas, uma católica e outra zion.

4.2.13. ORGANIZAÇÕES INTERVENIENTES EM MUCHABJE

Presentes no bairro de Muchabje com intervenção no desenvolvimento da comunidade encontram-se: a *Cruz Vermelha de Moçambique*, com a presença de voluntários que prestam cuidados domiciliários a alguns doentes de HIV/SIDA e aconselhamento aos cidadãos; a *Save the Children* com um projecto de “Escolinha” para as crianças do ensino pré-escolar; *G.A.S.Porto* com um projecto de apadrinhamento de crianças órfãs e vulneráveis e com um projecto de Actividades dos Tempos Livres, para as crianças do ensino primário.

4.3. SITUAÇÃO EM RELAÇÃO AO ALCANCE DOS ODM

O estudo estatístico sobre a posição de Muchabje em relação aos ODM tendo em conta os indicadores é um processo moroso, que requer um elevado trabalho de campo e tratamento informático.

Na elaboração de um projecto de desenvolvimento rural virado para o alcance dos ODM usam-se os dados disponíveis, que no caso de Moçambique são nacionais.

A fase de início do projecto é o timing certo de estudo da situação da localidade face aos indicadores dos ODM aplicáveis, de modo a afinar estratégias e procedimentos e a realizar a monitoria e avaliação do projecto. Foi este aliás o procedimento adoptado pela MV-1 de referência de Sauri.

Alguns dos indicadores não podem mesmo ser calculados com base num trabalho de campo de curta duração, por exemplo o indicador relacionado com a malária por definição deve ser calculado numa época de pico da incidência.

Assim o estado de referência face aos ODM é o exposto anteriormente em relação à média nacional.

No Quadro 6 ficam alguns dos indicadores, com dados actuais e metas a atingir disponibilizados no mais recente relatório de Moçambique sobre os ODM.

Quadro 6 – Comparação entre valores actuais e valores a atingir pelos indicadores associados às metas dos ODM (Nações Unidas; Governo de Moçambique 2008)

Indicador	Dados mais recentes sobre indicador	Meta a alcançar em 2015
População que vive abaixo da linha de pobreza em Moçambique (%)	54,1	40,0
Crianças com insuficiência de peso (M5 anos %)	26,0	17,0
Rácio de raparigas por rapazes no ensino primário	0,71	1,00
Taxa de mortalidade de M5 (por 1000 nados vivos)	219	108

Crianças vacinadas contra o sarampo (1 ano de idade, %)	57,5	95,0
Taxa de mortalidade materna (por 100 000 nados vivos)	1000,0	250,0
População com acesso a fontes de água melhoradas (%)	37,1	70,0
População com acesso ao saneamento melhorado (%)	41,1	50,0 (rural)
Taxa líquida de matrícula no ensino primário (%)	44,0	100,0

4.4. PRIORIDADES DE DESENVOLVIMENTO

A liderança de Muchabje tem uma visão muito clara do seu desenvolvimento. Na opinião dos seus líderes, a comunidade é de perfil camponês e o seu desenvolvimento deverá passar pelo fortalecimento das suas capacidades produtivas, de modo a suprimir a fome que sentem diariamente e a partir daí construir o seu desenvolvimento.

Conclusão fundamental da reunião efectuada com os líderes do bairro é a sua preocupação com a questão da fome e o seu relacionamento com a sua pratica agrícola. Segundo estes o seu desenvolvimento integrado, parte do desenvolvimento agrícola. No que toca as maiores necessidades no âmbito agrícola, identificam a falta de alguém com formação agrícola no bairro, a falta de ferramentas que nomeadamente permitam a manutenção dos canais limpos e a falta de meios que lhes permitam lavar a machamba, dado o seu estado de pousio e as suas características argilosas em regime de saturação de água.

Outros pontos referidos pelos líderes são: a necessidade de um furo de água que abranja a zona sul do bairro, onde a maioria das pessoas bebe água de origem a céu aberto; a visão da energia como fonte de desenvolvimento, inexistente até então; o melhoramento da escola.

Complementarmente à visão da liderança do bairro e segundo os Inquéritos aos Agregados Familiares a prioridade de desenvolvimento da comunidade (Fig.29) é o acesso á energia eléctrica. Dos 37 inquiridos, 23 identificam a energia como o bem que poderia melhorar a vida da comunidade e do bairro.

Entre as outras prioridades de desenvolvimento, destacam-se com 11 e 10 citações, a melhoria das condições de acesso á água e a necessidade de equipamento no que toca às ferramentas agrícolas.

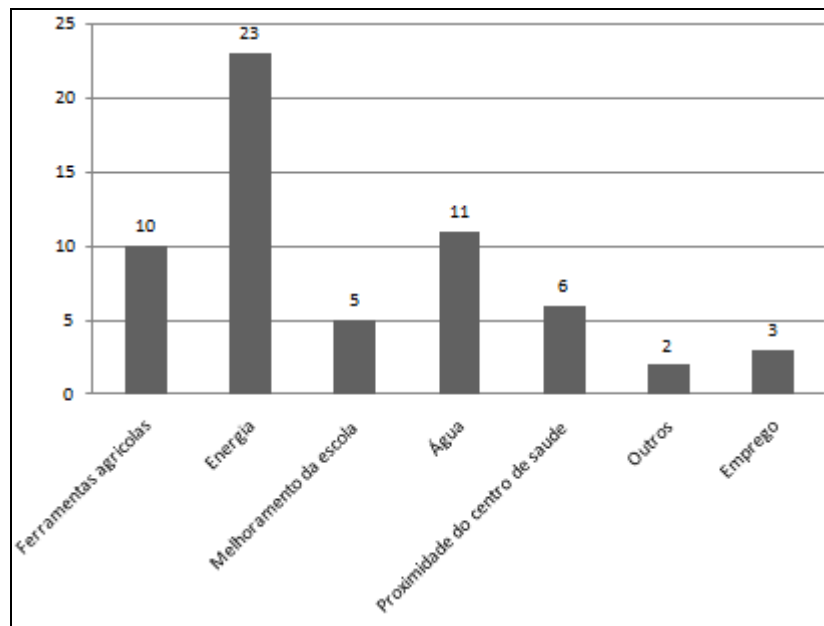


Fig.29 – Gráfico das prioridades de desenvolvimento de Muchabje, segundo os inquéritos realizados (Arquivo pessoal do autor)

Dos 37 inquiridos, 20 são do sexo feminino e 17 masculino, ou seja a visão de desenvolvimento masculina e feminina estão comparativamente bem representadas. De notar que das 5 citações de melhoramento da escola (Fig30), como prioridade de desenvolvimento, 4 pertencem a mulheres inquiridas, valor do qual podemos concluir que há maior proximidade das mulheres aos problemas escolares.



Fig.30 – Citações de melhoramento da escola como prioridade de desenvolvimento por sexo (Arquivo pessoal do autor)

Igualmente no que toca à identificação do melhoramento do acesso á saúde (Fig.31) como prioridade de desenvolvimento podemos constatar uma diferença importante entre homens e mulheres, notando-se uma maior preocupação das mulheres no que concerne a esta dificuldade.



Fig.31 – Citações de acesso à saúde como prioridade de desenvolvimento por sexo (Arquivo pessoal do autor)

Resumidamente a liderança aponta como prioridade de desenvolvimento a produção agrícola, referindo a melhoria do acesso à água, da escola e do acesso à energia, enquanto os inquiridos apontam para a energia como prioridade secundada pela agricultura e água. Notam-se também especiais diferenças de género no que toca à identificação do melhoramento da escola e do acesso à saúde como prioridade de desenvolvimento.

4.5. ANÁLISE SWOT

A análise SWOT é uma ferramenta de fácil utilização, mas de grande utilidade no campo da análise de ambiente externo e interno e do planeamento estratégico.

Esta análise permite perceber em que forças o desenvolvimento da comunidade se deve agarrar, quais as fraquezas que deve combater, tendo em conta que oportunidades existem e que ameaças se colocam. Abaixo apresenta-se uma análise SWOT por sector, incluindo a economia, educação, saúde, infra-estruturas e contexto social.

4.5.1. ECONOMIA

A análise SWOT da economia local (Quadro 7), permite vislumbrar um grande potencial, nomeadamente no sector agrícola, porém permite perceber também que para que este possa ser explorado a comunidade necessita de cooperação externa.

Quadro 7 – Análise SWOT sobre o sector económico local (Arquivo pessoal do autor)

	AJUDA	REPRIME
INTERNO	<u>Forças:</u> - Grande área de alta produtividade agrícola com água corrente permanentemente. - Grande área disponível para agricultura de sequeiro, ou plantio de árvores de fruto.	<u>Fraquezas:</u> - Capacidade de investimento baixa. - Fraca formação técnico-profissional dos habitantes. - Elevadas taxas de HIV/Sida. - Machamba zona baixa com necessidade de ser toda ela lavrada. - Fraca e irregular pluviosidade para a prática de agricultura de sequeiro.

		- Falta de ferramentas agrícolas.
EXTERNO	<u>Oportunidades:</u> - Proximidade a uma fábrica de processamento de caju para exportação. - Ser atravessado pela EN 1. - Relativa proximidade aos caminhos-de-ferro. - Boas condições de comunicação, via telemóvel. - Existência da ideia por parte de alguns cidadãos da criação de uma associação de agricultores. - Programas de microcrédito presentes na sede da Vila da Macia. - Facto de na machamba da zona baixa já ter existido grande produção de banana para exportação.	<u>Ameaças:</u> - Fracas condições de educação e cuidados de saúde. - Falta de capacidade de resposta a cheias, nomeadamente na manutenção dos canais da zona baixa limpos e desimpedidos. - Inexistência de instalações de armazenamento de cereais.

4.5.2. EDUCAÇÃO

Em relação às conclusões retiradas da análise SWOT do sector da educação local (Quadro 8), aponta-se a necessidade de intervenção sobre as infra-estruturas da escola primária e bens colocados ao serviço deste ensino. Aponta-se também a necessidade de facilitação de alfabetização de adultos sob forma de combater a iliteracia de grande parte da população activa. Aponta-se por fim como terceiro grande vector de conclusão a necessidade de apoio à persecução dos estudos aos órfãos e às crianças mais pobres, para que não deixem de seguir para o ensino secundário devido a carências relacionadas com a sua situação de fragilidade.

Quadro 8 – Análise SWOT sobre o sector da educação local (Arquivo pessoal do autor)

	AJUDA	REPRIME
INTERNO	<u>Forças:</u> - Existência de uma escola primária. - Existência de escolinha pré-escolar e de ATL. - Livros do ensino primário oficialmente gratuitos. - Existência de um comité já formado nesta área. - Proximidade da escola de uma fonte de	<u>Fraquezas:</u> - Fracas condições escolares a nível físico. - Inexistência de programa de alimentação escolar. - Inexistência de latrinas melhoradas e separadas por sexo nas escolas. - Falta de electricidade na escola. - Formação desadequada dos professores. - Baixa literacia e alto analfabetismo no

	água potável.	bairro, sendo mais usado o dialecto local que o português.
EXTERNO	<u>Oportunidades:</u> - Relativa proximidade de escola secundária que lecciona até ao 12º ano.	<u>Ameaças:</u> - Pobreza e fome sentidas pela população do bairro. - Existência de propinas no ensino secundário. - Orfandade. - Grande vulnerabilidade a doenças dos habitantes do bairro.

4.5.3. SAÚDE

Em relação ao sector da saúde (Quadro 9), destaca-se a necessidade de facilitação de transporte e aproximação da comunidade em relação ao hospital, destaca-se a necessidade de combater o HIV/Sida e parar a sua transmissão e ainda a necessidade de transmissão de conhecimentos sobre medicina preventiva. Percebe-se também desta análise que já algumas importantes iniciativas existem, como a desparasitação das casas e que o posicionamento junto da EN1 cria boas possibilidades de solucionamento dos problemas.

Quadro 9 – Análise SWOT sobre sector da saúde local (Arquivo pessoal do autor)

	AJUDA	REPRIME
INTERNO	<u>Forças:</u> - Relativa proximidade ao melhor centro hospitalar de todo o distrito. - Campanhas anuais de desparasitação das habitações. - Relativa proximidade a centro de reabilitação nutricional para crianças dos 0-3 anos. - Campanhas de vacinação já existentes.	<u>Fraquezas:</u> - Inexistência de meios de primeiros socorros no bairro, nem de conhecimentos sobre cuidados básicos de saúde. - Elevadas taxas de infecção pelo HIV/Sida. - Fraca capacidade de resposta a emergências. - Dificuldade de acesso á unidade hospitalar, em especial em condições de doença. - Fraca dinâmica de ênfase à medicina preventiva.
EXTERNO	<u>Oportunidades:</u> - Situação geográfica do bairro, nas margens da EN1. - Presença de activistas da CVM no terreno.	<u>Ameaças:</u> - Pobreza da população. - Fracas condições de higiene no bairro, nomeadamente a nível da água e saneamento.

		- Parte da população consome água proveniente de águas superficiais. - Presença de curandeirismo no bairro. - Má nutrição da maioria da população.
--	--	--

4.5.4. INFRA-ESTRUTURAS

Ao nível das Infra-estruturas (Quadro 10) destaca-se o bom posicionamento na rede de transportes regionais e nacionais e a presença de rede de telecomunicações de boa qualidade, mas apontam-se diversas carências básicas como a construção de uma nova fonte de água, intervenção no saneamento e criação de acesso à rede eléctrica.

Quadro 10 – Análise SWOT sobre as infra-estruturas locais (Arquivo pessoal do autor)

	AJUDA	REPRIME
INTERNO	<u>Forças:</u> - Bons acessos, visto o bairro situar-se nas margens da EN1. - Boa cobertura de rede telemóvel.	<u>Fraquezas:</u> - Inexistência de energia em todo o bairro. - Escola com más condições físicas. - Parte sul da população consome água de águas superficiais, por ausência de fonte de água. - Más condições de saneamento. - Difícil circulação automóvel no interior do bairro, apenas ao alcance de veículos todo o terreno.
EXTERNO	<u>Oportunidades:</u> - Proximidade de linhas eléctricas já existentes. - Existência de antigo edifício de loja em relativo bom estado.	<u>Ameaças:</u> - Pobreza da população. - Falta de conhecimento da população sobre como construir e manter infra-estruturas.

4.5.5. CONTEXTO SOCIAL

No contexto social (Quadro 11) percebe-se o impacto do HIV/Sida pela presença de elevada orfandade que existe e que é problema grave, aponta-se a necessidade de desenvolvimento educacional da comunidade de forma a parar a utilização de práticas tradicionais e a reduzir a natalidade que são duas fontes de problemas sociais do bairro. Por outro lado aponta-se a abertura da comunidade à cooperação e relacionamento externo, além da existência prévia de mulheres em posição de chefia.

Quadro 11 – Análise SWOT sobre o contexto social local (Arquivo pessoal do autor)

	AJUDA	REPRIME
INTERNO	<u>Forças:</u> - Bom acolhimento da comunidade aos visitantes. - Capacidade de cumprimento de compromissos dos líderes comunitários. - Presença de 3 ONGD a actuar no terreno.	<u>Fraquezas:</u> - Elevada orfandade. - Níveis de analfabetismo e educação. - Elevadas taxas de natalidade típicas destas regiões. - Índice de dependência elevado.
EXTERNO	<u>Oportunidades:</u> - Existência prévia de mulheres com responsabilidades comunitárias, entre as quais, mulheres responsáveis por quarteirões. - Existência de programa de apadrinhamento de crianças órfãs a actuar no terreno. - Localização geográfica de Muchabje, relativamente perto da capital de Moçambique, da capital provincial Xai Xai, da cidade “celeiro” do país Chókwé e da instancia turística Praia do Bilene, como oportunidades de desenvolvimento sociocultural da população.	<u>Ameaças:</u> - Pobreza. - Distrito tem altas taxas de práticas como a poligamia, ou purificação das viúvas, entre outras tradições. - Elevadas taxas de incidência das diversas doenças. - Inexistência de casas de banho separadas por sexo na escola primária.

4.6. CONCLUSÃO DO 4º CAPÍTULO

As estratégias de desenvolvimento rural devem ser orientadas por vários princípios dos quais fazem parte o enquadramento no próprio desenvolvimento regional e nacional, a adequabilidade das estratégias à cultura e necessidades locais e o próprio envolvimento do público-alvo na criação das soluções para os seus reais problemas. O estudo sobre o território, sua população, suas forças, suas fraquezas, sua envolvimento permite que nos aproximemos da realidade, nos apercebamos das especificidades da zona alvo. Assim teremos maiores possibilidades de planificação de estratégias de desenvolvimento que levem ao alcance de resultados satisfatórios.

No estudo de Muchabje concluímos que este é um bairro com profundas necessidades a todos os níveis e que o seu caminho a percorrer até escapar da pobreza é longo.

Porém, e como resultado da análise SWOT efectuada, podemos constatar que existem também inúmeras oportunidades que podem ser exploradas e várias forças a se utilizar numa intervenção pelo seu desenvolvimento.

A nível económico o bairro apresenta indicadores que nos permitem perceber que a taxa de pobreza extrema é elevada. Nesta área denota-se uma baixa exploração das potencialidades agrícolas, muito por falta de capital e formação que permita aos habitantes investirem na agricultura. Percebemos

também que o desenvolvimento agrícola constitui também a visão da comunidade como sua prioridade.

Como comunidade rural o bairro não possui boas infra-estruturas principalmente a nível do saneamento das escolas e redes comunitárias e também de acesso à água e energia. Tem porém uma grande vantagem a nível dos acessos visto ser atravessado pela EN1.

Muchabje é uma comunidade onde durante muitos anos não existiu escola, mesmo hoje percebemos que as condições de ensino não são as melhores e que existem muitos factores que influenciam também na qualidade da aprendizagem, nas elevadas taxas de absentismo escolar, no fraco grau de alfabetismo e domínio da língua portuguesa.

Na saúde o bairro enquadra-se na região do país mais afectada pelo HIV/Sida, com cerca de 27% das pessoas a terem o vírus. Esta é a principal adversidade da comunidade, pelo número de mortes precoces que causa, pela orfandade que cria, pelas perdas económicas que gera.

Também a malária, as diarreias e outras são importantes presenças nesta comunidade. Uma outra necessidade básica que afecta muito o quadro epidemiológico da região, é a subnutrição que existe e que afecta a saúde dos habitantes da região e o seu próprio desenvolvimento e capacidades.

A nível social a comunidade é muito afectada pela pobreza, saúde e seus níveis de ensino. A orfandade é um dos dramas comunitários, que devido às taxas de natalidade elevadas e percentagem de infectados pelo HIV ser elevada, terá muitas dificuldades de ser combatido.

Da análise das prioridades por sexo percebe-se também que homens e mulheres têm visões diferentes, que uma estratégia de desenvolvimento deve envolver a comunidade, mas que esse envolvimento deve ser pensado de modo a envolver diferentes interesses e prioridades provenientes dos diferentes actores.

Este bairro possui diversas carências e dramas, porém a conclusão que se pode retirar é a de que com uma intervenção multisectorial e ponderada pode atingir os ODM e tornar-se sustentável a um nível de qualidade de vida superior.

5

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM MUCHABJE, SEGUINDO A METODOLOGIA DAS MILLENNIUM VILLAGES

5.1. NOTA INTRODUTÓRIA

Uma proposta de intervenção deve ter objectivos bem definidos e basear-se em métodos e práticas que possam levar ao seu alcance. Esta intervenção, baseada numa abordagem integrada e simultânea em infra-estruturas físicas e sociais e desenvolvimento de capital humano, deve ser planeada de forma a ser pertinente, sustentável, adequada e eficiente.

5.2. VISÃO DE DESENVOLVIMENTO

Levar o bairro de Muchabje ao alcance dos ODM, através da implementação de um projecto baseado numa MV de tipo 3 a uma escala menor em termos de população alvo, beneficiando da proximidade das MV de Chibuto e da nova MV de Chókwé e criando soluções de desenvolvimento apropriadas para o distrito de Bilene Macia baseadas na aplicação das políticas e estratégias nacionais de desenvolvimento, com o apoio das tecnologias e na aplicação e criação de conhecimento, nomeadamente através da ligação a Universidades, escolas secundárias, as instituições nacionais e descentralizadas de apoio ao desenvolvimento rural e sócio económico.

5.3. OBJECTIVOS

5.3.1. OBJECTIVO GERAL

Levar a comunidade de Muchabje ao alcance dos ODM.

5.3.2. OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

Como objectivos específicos adoptam-se os objectivos do próprio programa das Vilas do Milénio de Moçambique, estando assim a intervenção de acordo com este, mas também enquadrado nas políticas

nacionais de redução da pobreza e desenvolvimento rural, expressas no PARPA II e no EDR 2007 e nas recomendações do Projecto Millennium das Nações Unidas.

5.4. PLANO DE INTERVENÇÃO

O plano de intervenção abaixo traçado contempla 3 estruturas básicas: a equipa de trabalho de profissionais do projecto (Fig.32); os diferentes comités dos diferentes sectores (Fig.33), constituídos por nomeação da comunidade, tendo em conta uma perspectiva de igualdade de género e de participação dos diferentes grupos de interesse; e as estruturas físicas (Fig.34) base onde o projecto se organiza e centraliza.

Assim preconiza-se a criação de 4 comités formados por pessoas da comunidade. São eles o comité das Infra-estruturas, o comité da Saúde e Acção Social, o comité da Educação e o comité da Agricultura e Actividades Económicas.

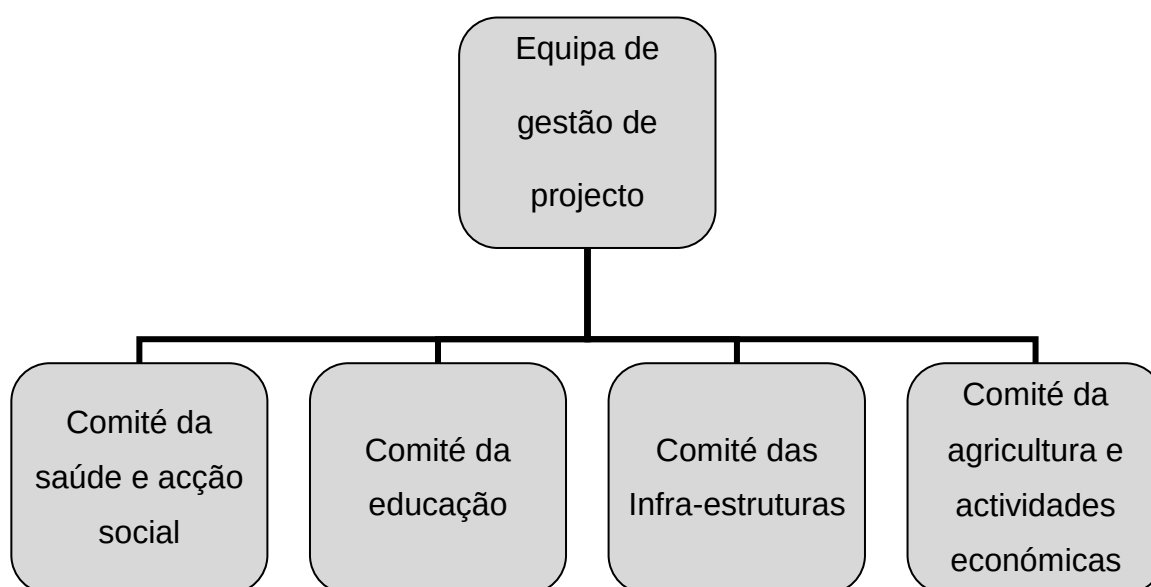


Fig.32 – Relação entre equipa de gestão do projecto e estruturas comunitárias de gestão dos sectores (Arquivo pessoal do autor)

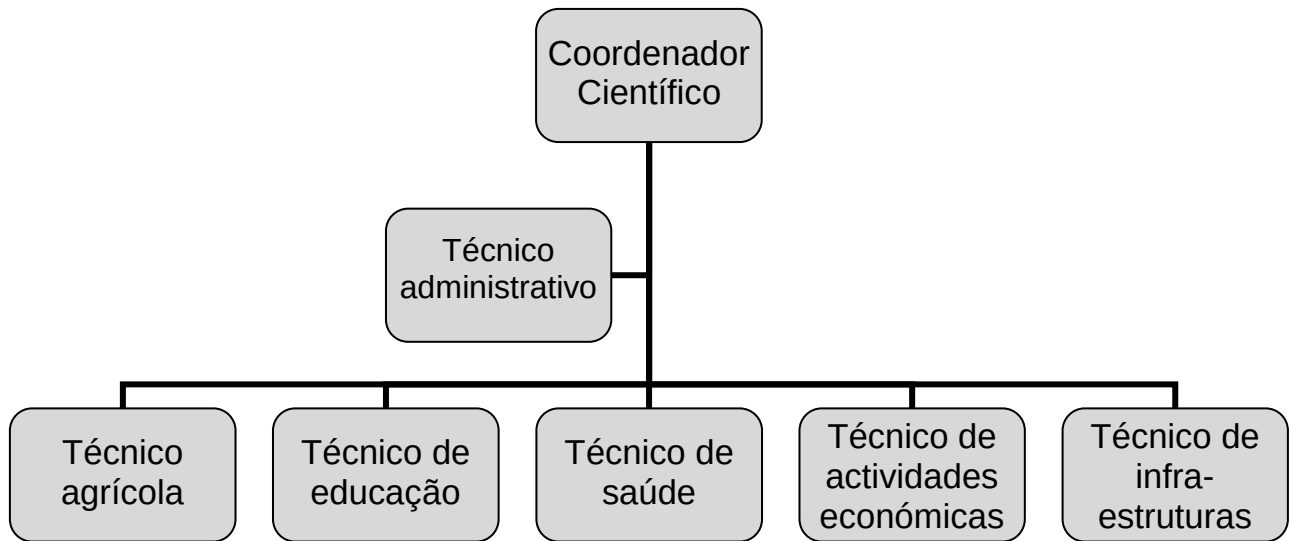


Fig.33 – Equipa de gestão de projecto (Arquivo pessoal do autor)

Em relação à equipa de profissionais que assumiria o projecto no terreno, esta seria constituída por: um coordenador científico, gestor de projecto; um técnico agrícola; um técnico de educação; um técnico de saúde; um técnico de actividades económicas e geração de rendimento; um técnico de infra-estruturas; e um técnico administrativo.

Ao nível das estruturas, prevê-se a construção de um centro comunitário com diversas valências e a reabilitação de uma antiga loja para funcionamento da sede do projecto e outras actividades económicas. Estes dois locais centralizariam algumas das intervenções e operações do projecto especificadas abaixo.

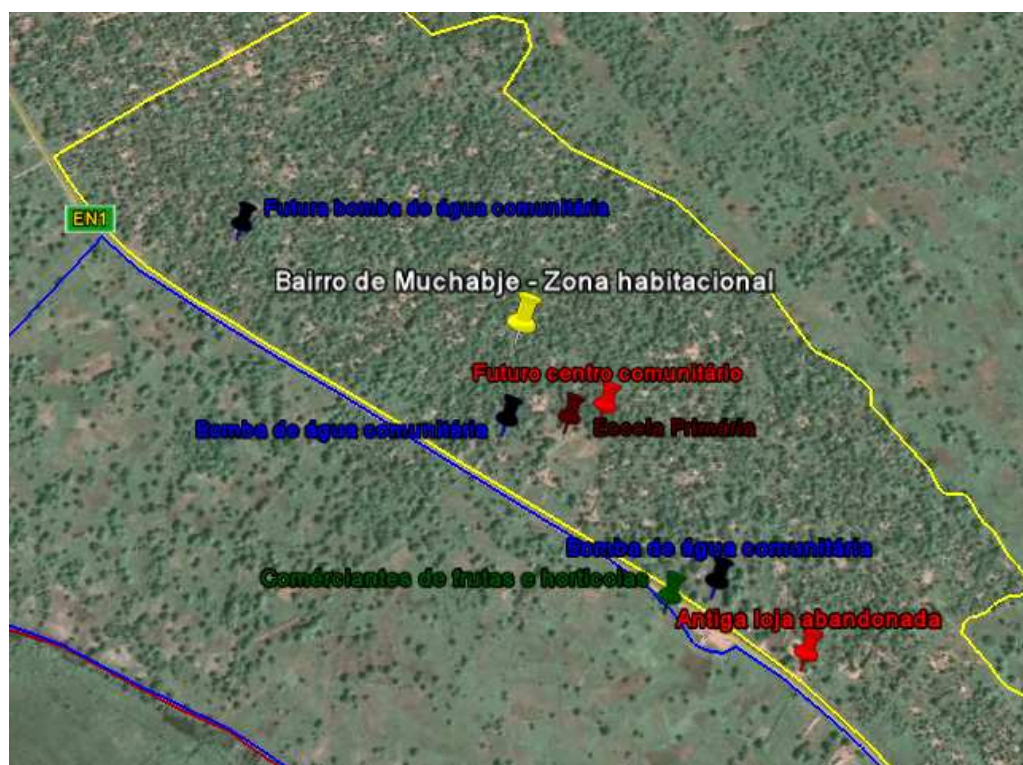


Fig.34 – Mapa com as principais estruturas comunitárias de Muchabje (Arquivo pessoal do autor)

As actividades delineadas (Quadros 12-21) e a referência temporal do semestre de implementação estão de acordo com as estratégias que têm trazido resultados quer no MVP que no PVM e também vão ao encontro das reais necessidades encontradas em Muchabje. Assim apresentamos abaixo as actividades planeadas para levar Muchabje ao alcance dos ODM, caracterizamos sucintamente a situação que torna pertinente a acção, indicamos quais os resultados esperados e as hipóteses críticas à realização da respectiva actividade.

Este plano foi organizado por objectivo correspondente ao PVM, incluindo uma parte extra inicial que detalha alguns pormenores de implementação e organização do projecto.

Quadro 12 – Proposta de intervenção no estabelecimento de abordagem do projecto em relação ao alcance dos ODM (Arquivo pessoal do autor)

Estabelecimento da abordagem ao alcance dos ODM baseada nas comunidades										
Actividade: Recrutar e capacitar quadros para integrarem a Equipa de Desenvolvimento Comunitário, constituída por coordenador científico e técnicos sectoriais.	Situação de referência: Início da implementação do projecto – entrada na comunidade.				Hipóteses críticas: Projecto aprovado por governo distrital e nacional e liderança local, assim com concedido financiamento.			Resultados esperados: Constituição de uma equipa formada em desenvolvimento comunitário, abordagem participativa e de género e nas MV.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Montagem de sede de projecto, com gerador de energia, computadores, material de escritório e restauração básica do espaço, potencialmente da antiga loja do bairro.	Situação de referência: Projecto em iniciação, sem espaço de trabalho próprio.				Hipóteses críticas: Projecto iniciado, financiamento concedido, permissões concedidas.			Resultados esperados: Montagem de condições básicas de trabalho, dentro do próprio bairro.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Rever estratégias e plano de intervenção, preparar mecanismos de participação, decisão, interacção, monitoria e avaliação participativos e sensíveis ao género.	Situação de referência: Equipa de projecto constituída e devidamente formada, introduzida na comunidade. Trabalho de campo ainda não iniciado.				Hipóteses críticas: Equipa totalmente formada; Equipa preparada para começo dos trabalhos com as comunidades.			Resultados esperados: Estabelecimento de mecanismos, de acordo com as recomendações do Projecto Milénio e com a cultura local.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S

Actividade: Realização de estudo da situação da comunidade face aos ODM e seus indicadores, através de inquéritos aos agregados familiares, amostragens e medições a efectuar.	Situação de referência: Informação incompleta do estado de Muchabje em relação aos ODM suas metas e indicadores.				Hipóteses críticas: Equipa do projecto devidamente identificada com os ODM e seus indicadores.			Resultados esperados: Dados que caracterizem Muchabje nos diversos indicadores dos ODM.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Realização de workshop para a comunidade sobre o projecto, objectivos e metodologia.	Situação de referência: Comunidade não envolvida e familiarizada com o projecto.				Hipóteses críticas: Comunidade participa no workshop.			Resultados esperados: Comunidade esclarecida e envolvida no projecto.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Constituição de comités comunitários para os diversos sectores.	Situação de referência: Comunidades esclarecida e motivada pela presença do projecto.				Hipóteses críticas: Participação e representação dos diversos grupos de interesse.			Resultados esperados: Constituição de comités por sector, em que esteja assegurada a participação dos diversos grupos de interesse como mulheres, crianças, idosos, etc.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Realização de formações sobre gestão, planeamento, liderança mobilização aos diferentes comités sectoriais.	Situação de referência: Comités já constituídos e iniciando as suas responsabilidades.				Hipóteses críticas: Comités devidamente formados.			Resultados esperados: Construção de capacidade de liderança e gestão dos comités.		

Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Realização de reuniões comunitárias, com a presença dos diversos grupos de interesse, governos, parceiros, equipa do projecto.	Situação de referência: Projecto em curso.				Hipóteses críticas: Afluência dos intervenientes.			Resultados esperados: Avaliação do projecto, definição de rumos e correcção de erros. Apropriação comunitária das decisões e intervenção a serem levadas a cabo no âmbito do projecto.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Planificação de actividades, entre equipa do projecto e diferentes comités.	Situação de referência: Projecto em curso, comités constituídos.				Hipóteses críticas: Participação.			Resultados esperados: Elaboração de plano de trabalhos, de acordo com as disponibilidades, interesses e prioridades das comunidades.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Participação do coordenador científico e técnicos sectoriais em fóruns e discussão do projecto com autoridades e outras ONGD e financiadores.	Situação de referência: Projecto em curso.				Hipóteses críticas: Projecto em curso.			Resultados esperados: Aprendizagem, troca de experiências, conhecimentos e aproximação de financiadores do trabalho realizado.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Realização de estudo sobre estado de Muchabje face aos	Situação de referência: Projecto em vias de conclusão, com a intervenção estrutural				Hipóteses críticas: Etapas fundamentais do projecto			Resultados esperados: Caracterização do estado face		

ODM e fazer calcular resultados alcançados.	completamente realizada.				executadas.			aos ODM e medição dos resultados alcançados.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Avaliação dos resultados alcançados e estado de sustentabilidade do bairro face ao seu desenvolvimento e preparação do segundo ciclo das MV – a fase de autonomia sustentada. ¹	Situação de referência: O projecto encontra-se em estado final de execução, porém há alguma incerteza sobre sustentabilidade total dos recentes desenvolvimentos. Relatório com os resultados da evolução da comunidade face aos ODM feito.				Hipóteses críticas: Projecto executado na sua grande parte. Relatório dos ODM realização			Resultados esperados: Definição de política de saída da comunidade, e melhoramento da sustentabilidade das intervenções anteriores.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Aquisição de mini bus, colocado ao serviço do centro comunitário.	Situação de referência: A questão do transporte é pertinente e importante em diversos sectores. Muchabje não tem qualquer meio de transporte, sujeitando-se ao isolamento, aquisição de produtos a preços inflacionados etc.				Hipóteses críticas: Comités constituídos. Comunidade envolvida com o projecto.			Resultados esperados: Comunidade com meio de transporte em caso de emergência. Produtores com meio de transporte dos produtos até aos locais de venda. Projecto com capacidade de acesso a diferentes mercados, possibilidade de poupança.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S

¹ O MVP está ainda no primeiro ciclo, nenhuma das MV entrou ainda nesta fase que inicialmente não estava prevista. A abordagem das MV retrata a experiencia até a data do projecto, esta segunda fase está ainda em estudo e foi muito recentemente identificada a eventual necessidade de ela existir.

Quadro 13 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 1 (Arquivo pessoal do autor)

Objectivo 1: Eliminar a fome e a má nutrição na aldeia através do aumento de produção, acesso e utilização de alimentos nutritivos, com enfoque especial na melhoria da situação nutricional das mulheres grávidas, mães que estão a fazer o aleitamento e crianças abaixo dos dois anos (ODM1 / Macro Economia e Pobreza, Economia e Desenvolvimento).										
Actividade: Preparação de toda a Machamba baixa para a prática agrícola.	Situação de referência: Machamba zona baixa a necessitar de ser lavrada, através de meios mecânicos.				Hipóteses críticas: Propriedade dos solos devidamente esclarecida.			Resultados esperados: Terrenos de alta fertilidade devidamente preparados para a produção agrícola.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Fornecimento de sementes melhoradas e fertilizantes aos agricultores.	Situação de referência: Área agrícola devidamente preparada, agricultores devidamente preparados para o início do ciclo agrícola e em coordenação com o comité agrícola.				Hipóteses críticas: Ciclo agrícola planificado; Comité agrícola formado; Agricultores de acordo com a doação de 10% da sua produção para interesses comunitários.			Resultados esperados: Todos os agricultores munidos de condições que lhes permitam duplicarem ou triplicar produção agrícola.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Formação dos agricultores em técnicas agrícolas.	Situação de referência: Comités formados e a trabalhar, organização do sector efectuada, ciclos agrícolas em curso.				Hipóteses críticas: Agricultores identificados com o plano de desenvolvimento agrícola.			Resultados esperados: Aperfeiçoamento de técnicas, aprendizagem de novas culturas, gestão dos solos, etc.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Fornecimento aos agricultores de ferramentas	Situação de referência: Agricultores com falta de instrumentos apropriados				Hipóteses críticas: Agricultores identificados com planos de			Resultados esperados: Agricultores devidamente		

agrícolas básicas como enxadas, pás, catanas.	nomeadamente para a manutenção de canais de água limpos, ou para o plantio.				desenvolvimento agrícola.			equipados para a prática agrícola e manutenção dos canais de água limos e desimpedidos.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Criação de mecanismo simples de comercialização dos excedentes agrícolas, nomeadamente no mercado da Vila da Macia e mercado abastecedor de Maputo.	Situação de referência: Colheitas a serem efectuadas, sendo que a produção criou excedentes que podem ser comercializados e dar origem a riqueza.				Hipóteses críticas: Colheita com boa produção. Comité consegue organizar a recolha de alguma produção e seu transporte e venda.			Resultados esperados: Início da passagem de agricultura de subsistência para agricultura para a comercialização. Início das práticas de trabalho conjunto dos produtores nomeadamente na sua comercialização.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Discussão e planificação da diversificação das culturas de modo a melhorar nutrição e rendimentos.	Situação de referência: Agricultores produzem conjunto de alimentos que no auto consumo não lhes proporcionam uma alimentação rica e diversificada, nem na vertente comercial lhes garante o melhor rendimento no seu trabalho.				Hipóteses críticas: Agricultores satisfeitos com resultados da primeira campanha e com vontade de seguir melhorando a sua actividade, tendo confiança na competência dos responsáveis do projecto e do comité agrícola.			Resultados esperados: Alimentação dentro dos agregados familiares mais rica e diversificada. Aumento dos rendimentos dos produtores na sua actividade.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Criação de armazém/celeiro para o armazenamento dos cereais, de forma a serem vendidos nas épocas	Situação de referência: Agricultores produzem cereais que vendem a curto prazo de modo a suprirem as suas necessidades diárias, isto no período de maior oferta do				Hipóteses críticas: Agricultores produzem excedentes ao seu consumo que possam comercializar. Projecto com			Resultados esperados: Agricultores vendem os seus cereais a curto prazo ao próprio projecto, garantindo as suas		

de preços mais elevados, elevando os rendimentos dos produtores.	produto, ou seja se menor preço. Bairro sem espaço apropriado à armazenagem de cereais.				poder de compra para os cereais que os agricultores pretendam vender.			receitas, e o projecto armazena e vende os mesmos na época de maiores preços, utilizando os lucros na nova campanha agrícola, distribuindo proporcionalmente pelos produtores envolvidos os benefícios.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Criação de uma associação de agricultores.	Situação de referência: Agricultores a produzirem separadamente já com parte da sua produção a ser vendida, tendo já alguma experiencia em trabalharem para um objectivo comum.				Hipóteses críticas: Produtores já instituíram agricultura para o comércio. Experiencia de trabalho conjunto anteriores positivas.			Resultados esperados: Agricultores formam associação, que lhes confira economia de escola, acesso a novos mercados, maior poder negocial e potencial de aprendizagem.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Eliminação gradual dos subsídios á aquisição das matérias-primas agrícolas.	Situação de referência: Agricultores com a sua situação agrícola melhorada, e com capacidade actua para realizarem investimentos, ou acederem a crédito, mas ainda utilizando adiantamentos de recursos que o projecto providencia.				Hipóteses críticas: Rendimentos dos agricultores melhorados. Associação em formação.			Resultados esperados: Agricultores tornam-se capazes de investir, procurar os materiais para o seu próprio negócio. Associação começa a trabalhar e a ser parte da solução da busca de matéria-prima a preços mais competitivos, e com capacidade de solucionar desafios dos seus associados.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S

Actividade: Criação de banco de sementes e viveiro.	Situação de referência: Agricultores compram sementes para a sua prática agrícola, mas não têm hipótese de garantir o fornecimento do tipo de semente que melhor produziu na última época.				Hipóteses críticas: Associação já formada e em actividade, participando na busca por matérias-primas como as sementes melhoradas.			Resultados esperados: Criação de capacidade de autoprodução de sementes, seleccionando as que melhores resultados conferiram nestes precisos solos.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Fomento da utilização, produção e difusão da moringa.	Situação de referência: Os hábitos e possibilidades nutricionais do bairro são pobres. Existem no entanto plantas que disponibilizam uma substancial melhoria alimentar a um baixo custo e de uma forma sustentável. A moringa contem 7 vezes a vitamina C das laranjas, 4 vezes a vitamina A das cenouras, 4 vezes o cálcio do leite, 3 vezes o potássio das bananas, duas vezes as proteínas de um iogurte e tem mais ferro que os espinafres.				Hipóteses críticas: Comité agrícola formado. Comité da saúde formado.			Resultados esperados: Comunidade passa a consumir e a produzir moringa. Redução da subnutrição infantil. Melhoria da nutrição do bairro.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S

Quadro 14 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 2 (Arquivo pessoal do autor)

Objectivo 2: Melhorar os meios de subsistência de mulheres e homens e aumentar seus rendimentos em actividades agrícolas (on e off farming) saindo da pobreza extrema (ODM1 / Economia e Desenvolvimento, Desenvolvimento Rural).²										
Actividade: Promoção da pecuária, em especial juntos dos grupos mais desfavorecidos, como mulheres viúvas ou jovens órfãos.	Situação de referência: Existência de grupos alvo desfavorecidos, que pela sua maioridade e dificuldade físicas, pela sua menoridade e vontade de estar na escola ou pela impossibilidade temporal da prática agrícola como as mães viúvas, necessitem de actividade geradora de rendimento, mas não dispõem de tempo inteiro. Sector pecuário pouco desenvolvido no bairro.				Hipóteses críticas: Existência de interessados. Projecto com capacidade para investimento inicial, na compra do primeiro conjunto de animais e montagem de abrigo para os mesmos. Venda dos animais gera lucro nos mercados mais próximos face as despesas da sua aquisição inicial mais alimentação e trato veterinário.			Resultados esperados: Criação de grupo de produção e venda de animais, direccionada para os mercados da Vila da Macia e Praia do Bilene, que dê rendimento aos mais desfavorecidos do bairro.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Promoção da criação de um grupo de transformação de derivados das frutas, como polpas ou compotas, aproveitando a fruta produzida localmente que é excedente nos meses das suas colheitas.	Situação de referência: Meses nos quais a maioria das frutas estão maduras, a abundância é tal que o excedente acaba por tornar-se lixo, pelo seu apodrecimento.				Hipóteses críticas: Estudo de mercado das possibilidades de venda revele haver mercado para o agroprocessamento.			Resultados esperados: Aproveitamento das frutas produzidas localmente, geração de rendimentos, criação de empregos.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Criação de formações	Situação de referência: Comunidade em				Hipóteses críticas: Comunidade			Resultados esperados:		

² A fronteira entre o objectivo 1 e o 2 é muito ténue, sendo que algumas das actividades poderiam estar colocadas num ou noutro.

profissionais de construção, serralharia e carpintaria anuais.	desenvolvimento, com crescente necessidade de profissionais e técnicos comunitários para a execução das suas obras.				em desenvolvimento. Comité da educação formado a trabalhar.			Formação de conjunto de pessoas capazes de realizarem as empreitadas que a comunidade venha a precisar, e de criarem o seu próprio negocio assente nestas profissões, criando emprego.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Electrificação da aldeia.	Situação de referência: Bairro sem electricidade, à excepção do gerador pertencente ao projecto.				Hipóteses críticas: Electricidade de Moçambique colabora estreitamente com o projecto na concretização deste objectivo. Comité das infra-estruturas formado.			Resultados esperados: Bairro com cobertura eléctrica, tendo as pessoas a opção de instalarem electricidade nas suas casas.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Criação de um estaleiro de construção civil de pequenas dimensões.	Situação de referência: Muchabje em crescimento, necessidades materiais aumentando e bairro sem um único fornecedor de materiais.				Hipóteses críticas: Bons resultados no primeiro ciclo agrícola apoiado pelo projecto e consequente enriquecimento do bairro.			Resultados esperados: Criação de emprego, associado a criação de fornecimento acessível de material prima para a construção.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Fomento à criação de negócios de bens de primeira necessidade, nomeadamente na zona da escola primária e sua fonte	Situação de referência: Bairro em desenvolvimento, sem lojas onde se possam comprar produtos básicos, tendo os seus habitantes que se deslocar à Vila da Macia.				Hipóteses críticas: Bairro em desenvolvimento e procura por produtos alimentares aumentada.			Resultados esperados: Criação de empregos e acesso a bens de necessidade primária por parte dos habitantes, sem terem de se		

de água.								deslocar vários km para os adquirirem.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Plantio de parque de cajueiros na zona de transição.	Situação de referência: Muchabje tem largas áreas de agricultura por sequeiro, onde as árvores de fruto têm bom rendimento. Muchabje tem muito próximo de si uma fábrica de processamento de caju que pode comprar produção, não existindo custos de transporte.				Hipóteses críticas: Comité agrícola formado, fábrica receptiva à colaboração.			Resultados esperados: Criação de fonte rendimentos continuada.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Realização de workshop sobre crédito, destinada a todos os interessados e comités.	Situação de referência: Comités a trabalharem, projecto no inicio do processo de transferência de iniciativa para os comités com maior autonomia e responsabilidade.				Hipóteses críticas: Comités formados e resultados das primeiras iniciativas animadores.			Resultados esperados: Aproximação e esclarecimento da comunidade e seus empreendedores do tema do acesso ao crédito, suas responsabilidades e possibilidades.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S

Quadro 15 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 3 (Arquivo pessoal do autor)

Objectivo 3: Assegurar o acesso completo à escola primária de rapazes e raparigas e eliminar disparidade de género nas escolas (ODM 2 e 3 / Capital Humano, Género).										
Actividade: Criação de programa de alimentação escolar, através da compra ou concessão de bens alimentares para as crianças.	Situação de referência: Participação escolar com elevado absentismo, crianças com baixo rendimento também devido à fome que sentem, desnutrição e necessidade de trabalhar para se alimentarem.				Hipóteses críticas: Comitês agrícolas e educacional formado.			Resultados esperados: Aumento da participação e melhoria dos resultados escolares das crianças.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Passagem da compra ou patrocínio dos alimentos, para oferta de alimentos pelos agricultores e produção própria da escola e seus alunos no âmbito da aprendizagem de ofícios.	Situação de referência: Agricultores com compromisso de acima de um patamar de produção oferecerem 10 % da produção para as crianças e outras situações de vulnerabilidade como grávidas. Escola com actividades de aprendizagem de ofícios e de cuidados nutricionais. A existência de grande orfandade implica que muitas crianças necessitem de se tornar “adultas” mais cedo e produzirem o seu próprio alimento.				Hipóteses críticas: Produção agrícola aumentada e agricultores de acordo com plano de desenvolvimento agrícola. Escola com machamba disponível para a actividade.			Resultados esperados: Criação de autonomia da própria comunidade ao fornecimento deste serviço essencial. Melhoria da capacidade das crianças de produzirem alimentos e aprendizagem destas e suas famílias sobre nutrição.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Construção de latrinas melhoradas, amigas das crianças e separadas por sexo na escola primária.	Situação de referência: Escola de Muchabje possui latrinas tradicionais, susceptíveis a actos de violência baseados no género, para além da ausência de				Hipóteses críticas: Comitês de infra-estruturas e da educação formados.			Resultados esperados: Melhoria das condições escolares básicas, criando condições para a frequência		

	condições para a prática de hábitos de higiene.							assídua por parte das raparigas.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Garantir apoio a todas as crianças órfãs e vulneráveis em idade escolar para que possam estudar.	Situação de referência: Existem muitas crianças órfãs que por falta de possibilidades abandonam a escola, porém no terreno existe por exemplo um projecto de apadrinhamento de crianças órfãs e 3 ONGD a actuar com experiência de trabalho com as crianças.				Hipóteses críticas: Identificação das crianças necessitadas e obtenção de apoio á concretização desta meta.			Resultados esperados: Todas as crianças órfãs e vulneráveis frequentam a escola. Criação de protocolo entre comité da educação a delegação distrital do Ministério da Saúde, Acção Social e da Mulher em Macia para o apoio às crianças identificados e eventualmente também com as ONGD actuates no terreno.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Concessão de bolsas de estudo aos alunos mais pobres para que possam seguir estudos na escola secundária.	Situação de referência: O ensino secundário implica o pagamento de propina, para além da utilização de uniforme, estas são causadoras de abandono escolar por parte dos mais pobres.				Hipóteses críticas: Identificação dos estudantes realmente necessitados.			Resultados esperados: Todos os jovens que pretendem estudar não o deixem de fazer por estarem em pobreza acentuada.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Criação de cursos de alfabetização de adultos, com tempo lectivo de um ano.	Situação de referência: Muchabje tem elevadas taxas de analfabetismo e comunica pouco em português.				Hipóteses críticas: Existência de interessados, comité da educação formado. Acordo com a delegação distrital da educação			Resultados esperados: Alfabetização dos habitantes de Muchabje e criação de capacidade de desenvolvimento.		

					juventude e tecnologia. Salas de aula ligadas à energia eléctrica.					
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Dotação das salas de aula de quadro preto e giz.	Situação de referência: As salas de aula são precárias e não têm este instrumento básico de ensino.				Hipóteses críticas: Até à data não existe o quadro preto nas salas de aula.			Resultados esperados: Rápida dotação das salas de aula de material básico de ensino.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Construção progressiva de salas de aula em alvenaria.	Situação de referência: As salas de aula da escola são da parede de caniço e cobertura de chapas de zinco, quando chove não existem condições de ensino, quando faz vento torna-se difícil concentrar na aula.				Hipóteses críticas: Disponibilidade orçamental. Comité das infra-estruturas e da educação formados. Cursos profissionais em curso.			Resultados esperados: Criação de condições melhoradas de ensino. Participação dos formandos dos cursos na construção da escola.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Aulas de informática aos alunos da escola primária e disponibilização do uso dos computadores pela comunidade.	Situação de referência: Num bairro que nem energia tem o alheamento da informática é total, a sede do projecto tem no entanto computadores.				Hipóteses críticas: Instalação de internet e vários computadores no edifício da sede do projecto.			Resultados esperados: Introdução das crianças à informática, desenvolvendo a sua proximidade a estes meios.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Criação de sala de informática no edifício sede do projecto.	Situação de referência: A relação do bairro com os computadores é nula ou inexistente.				Hipóteses críticas: Instalação de computadores e internet no edifício sede do projecto.			Resultados esperados: Aproximação da comunidade aos computadores, em especial aos mais jovens, pela disponibilização da utilização		

								gratuita destas ferramentas.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Criação de uma mini biblioteca na escola, em articulação com a biblioteca da Macia.	Situação de referência: Os livros são ferramentas de grande valor e escassos no bairro. Existe uma biblioteca na Vila da Macia.				Hipóteses críticas: Obtenção de livros junto de patrocinadores e direcção distrital de educação, através da biblioteca de Macia – sistema de livros partilhados.			Resultados esperados: Aproximação da comunidade á leitura. Estabelecimento da parceria entre comité da educação e biblioteca da Macia.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Monitorar as matrículas das crianças em idade correspondente ao ensino primário e sua assiduidade.	Situação de referência: Muitas vezes a entrada no ensino é adiada, ou em muitos dos casos interrompida. Este facto provoca um ensino desadequado, que é imprescindível controlar para numa boa estratégia educativa, tendo em vista o objectivo de que todas as crianças frequentem e concluem o ensino primário.				Hipóteses críticas: Controlo rigoroso das crianças em idade escolar, da assiduidade e matrícula escolar. Comité do ensino formado. Parceria com a escola primária.			Resultados esperados: Alcançar o ensino primário para todas as crianças e tornar a sua conclusão uma realidade.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Criação de infantário a funcionar no centro comunitário.	Situação de referência: Muitas mulheres têm a vida dificultada pela necessidade de trabalhar mesmo tendo crianças a seu cargo. Em geral as mulheres são obrigadas a transportar as crianças nas suas jornadas laborais, carregando-as durante as mesmas, muita das vezes nos períodos de maior vulnerabilidade física.				Hipóteses críticas: Construção do centro comunitário; Comité da educação e comité da comunidade e acção social organizados.			Resultados esperados: Criação de condições para que as mães possam trabalhar deixando as crianças no infantário, melhorando assim a sua produtividade laboral, saúde, bem-estar e também a infância das crianças que cresceriam em		

								ambiente propício.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S

Quadro 16 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 4 (Arquivo pessoal do autor)

Objectivo 4: Melhorar o acesso a serviços médicos, especialmente dedicados a melhorar a saúde da mulher a reduzir drasticamente a mortalidade materno-infantil (ODM 4 e 5 / Capital Humano).										
Actividade: Criação de uma sala de básica de saúde no centro comunitário.	Situação de referência: Muchabje não tem qualquer condição de onde se faça um curativo, se dê uma vacina, um suplemento alimentar a uma criança, se administre um medicamento básico como para uma diarreia, nem sequer onde se faça uma consulta de planeamento familiar, pré-natal ou outros. Essas possibilidades situam-se a 1 hora caminhando mais largas filas de espera no hospital de Macia.				Hipóteses críticas: Protocolo de cooperação com o centro de saúde; comité da saúde organizado.			Resultados esperados: Criação de uma sala dedicada aos cuidados básicos de saúde, aconselhamento, etc. Esta sala seria ponto focal de aconselhamento, combate ao HIV/Sida, às diarreias, no serviço de curativos, malária, tuberculose, etc.		
	Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S
Actividade: Formação de especialistas comunitários de saúde do bairro (Agentes Polivalentes de Saúde), inspirados nos médicos de pé descalço da China, com período	Situação de referência: A prestação de cuidados básicos de saúde não precisa de ser realizada por pessoal com grande qualificação. Na realidade um dos problemas na área da saúde que os países da				Hipóteses críticas: Criação de protocolo com Direcção Distrital da Acção Social Saúde e da Mulher; Comité da saúde organizado.			Resultados esperados: Formação de equipa capaz de ser ponto focal da comunidade no que toca aos cuidados de saúde, permitindo um apoio		

lectivo de um ano	África Subsaariana enfrentam, é a sobrelotação dos seus serviços de saúde, resultado da afluência massiva das pessoas, devido à inexistência de alternativas até para os cuidados do dia-a-dia. Em Muchabje acontece igual, não possui um conjunto de pessoas que possam ser as responsáveis da saúde local, que sejam activas na promoção da saúde, cuidados básicos e encaminhamento.							mais próximo mais rápido e mais atento, encaminhando as pessoas em casos de necessidade de cuidados de saúde de maior envergadura.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Aquisição de 1 exemplar e construção de outros no curso de serralharia, de bicicleta-maca.	Situação de referência: Em caso de necessidade de saúde as pessoas do bairro não têm meio de transporte, obrigado as mesmas a deslocarem-se a pé durante 5 km, sendo que isto acontece precisamente no momento em que estão doentes e debilitadas. Em muitos casos não têm mesmo capacidade de se deslocarem, ficando à sorte, sem cuidados de saúde.				Hipóteses críticas: Comité da saúde e comité da educação formados. Cursos de serralharia criado e em funcionamento.			Resultados esperados: Com estas bicicleta-maca as possibilidades de transporte de doentes ao hospital facilitam-se drasticamente. Com elas um doente deitado numa maca é puxado por um ciclista não tendo de exercer esforço físico. Assim pretende-se facilitar o acesso aos cuidados de saúde, com esta ferramenta particularmente interessante para as gravidezes e para a situação geográfica de Muchabje, situada à margem da EN1, alcatroada que também passa em frente ao hospital. Na serralharia podia-se ensinar a montar este veículo, podendo os mesmos ser		

								distribuídos por outros bairros pela delegação distrital de acção social saúde e mulher.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S

Quadro 17 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 5 (Arquivo pessoal do autor)

Objectivo 5: Diminuir a taxa de infecção pelo HIV/Sida, malária, tuberculose e outras doenças de grande risco; e aumentar o acesso a medicamentos essenciais tais como antiretrovirais (ODM 6 / Capital Humano, HIV/Sida).										
Actividade: Distribuição de redes mosquiteiras e formação sobre sua utilização, manutenção e importância.	Situação de referência: A malária é uma das doenças que maior incidência tem no distrito de Bilene Macia. As redes mosquiteiras são instrumento de fácil utilização e com resultados alcançados considerados excelentes. No bairro a utilização das redes acontece em parte minoritária dos casos, sendo que também a nível do conhecimento da sua utilização e importância existem lacunas.				Hipóteses críticas: Comité da comunidade e acção social e comité da saúde organizados.			Resultados esperados: Diminuição de casos de infecção pelo vírus da malária.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Disponibilização de tratamento de prevenção da transmissão vertical mãe filho do	Situação de referência: Em muitos dos casos as crianças recebem o vírus do HIV, devido à própria presença do mesmo nas				Hipóteses críticas: Comité da saúde em funcionamento. Colaboração com centro de			Resultados esperados: Diminuição do número de crianças infectadas pelo		

HIV.	suas mães. Este tratamento de uma só toma, é uma solução para o problema eficaz e acessível.				saúde.			HIV/Sida. Todas as mães portadoras de HIV com acesso a este tratamento.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Disponibilização de tratamento anti-retroviral e medicamentos profiláticos das doenças oportunistas a todos os infectados pelo HIV/Sida.	Situação de referência: Grande número de pessoas da região são portadoras do HIV. O acesso a este tratamento permite que as pessoas tenham melhor qualidade de vida, que adiem significativamente a propagação do vírus. Este tratamento é já disponibilizado no centro de saúde de Macia.				Hipóteses críticas: Comité da saúde formado. Colaboração com o centro de saúde.			Resultados esperados: Reter os efeitos do HIV/Sida. Diminuir o número de crianças órfãs já que este tratamento permite aumentar a esperança média de vida dos doentes de Sida principal razão da orfandade.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Acompanhamento de doentes com tuberculose e sua toma acompanhada. Sistema DOTS.	Situação de referência: A tuberculose é uma doença totalmente curável que se atinge o bairro. O tratamento prevê a presença do doente diariamente de modo garantir o tratamento efectivo e controlar a criação de resistências ao tratamento existente por parte da bactéria.				Hipóteses críticas: Centro comunitário construído e sala de saúde equipada. Comité de saúde em funcionamento. Colaboração com o centro de saúde.			Resultados esperados: Tratamento efectivo de todos os infectados.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S

Quadro 18 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 6 (Arquivo pessoal do autor)

Objectivo 6: Integrar os princípios do desenvolvimento sustentável nos programas da aldeia de forma a reverter a perda de recursos naturais e melhorar os serviços de ecossistemas (ODM 7 / Ambiente).										
Actividade: Criação de planos de gestão sustentável dos solos, água e florestas (combustível vegetal).	Situação de referência: Sector agrícola a funcionar como planeado, mas com a gestão de recursos naturais não planeada.				Hipóteses críticas: Rendimentos dos agricultores aumentaram, permitindo-lhes debruçarem-se sobre desafios não imediatos para a sua actividade.			Resultados esperados: Criação de planos que tornem o uso dos recursos naturais sustentável.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Criação de plano de gestão das fontes de água.	Situação de referência: As fontes de água fornecem algo essencial à vida, que em casos de não correcta utilização podem ser também fontes de propagação de doenças, etc. Em Muchabje não existe qualquer plano de manutenção das fontes com água potável. Por exemplo junto à bomba comunitária da escola primária as sobras de água acumulam-se formando bolsas superficiais de água parada, óptimas também para a os mosquitos transmissores da malária nidificarem. Há volta dos furos de água também não devem existir latrinas ou outro tipo de locais de acumulação de resíduos.				Hipóteses críticas: Comitês formados. Comunidade envolvida com a dinâmica do projecto.			Resultados esperados: Definição de um plano de manutenção dos furos de água em bom estado, e preservação dos aquíferos. Melhoria da sustentabilidade do fornecimento da água.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S

Actividade: Criação de parque árvores de alto crescimento para sustentação do consumo de lenha e redução do tempo de procura da mesma em espacial pelas mulheres e crianças. Este parque poderia situar-se na machamba da zona alta, muito pouco utilizada.	Situação de referência: O consumo energético do bairro é totalmente alimentado por matéria vegetal. Este consumo crescente, faz com que cada vez mais, em especial mulheres e crianças, tenham de procurar mais longe, perdendo imenso tempo com esta actividade e desflorestando os arredores do bairro.				Hipóteses críticas: Comité agrícola formado.			Resultados esperados: Sustentação das necessidades energéticas do bairro. Redução dos tempos de procura de lenha. Reflorestação das zonas anexas ao bairro.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Fomento da utilização dos fornos de barro redutores de consumo de madeira.	Situação de referência: O consumo de lenha no bairro é muito elevado, mas com taxas de eficiência energética muito reduzidas. Existem actualmente fornos de fabrico artesanal, com base na argila que permitem reduções entre 20 a 30% de combustível. Existe um banco de argila mesmo junto ao bairro, que poderia ser fonte de matéria-prima à sua produção.				Hipóteses críticas: Curso se construção em funcionamento. Comité das infra-estruturas a trabalhar.			Resultados esperados: Aumento da eficiência energética no bairro. Alunos do curso de construção são capazes de construir fornos, a um baixo custo. Comunidade começa a utilizar esta ferramenta e está identificada com a sua utilidade.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S

Quadro 19 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 7 (Arquivo pessoal do autor)

Objectivo 7: Aumentar o acesso a energia, ar puro, água e saneamento para as famílias, escolas e serviços de saúde (ODM 7 / Capital Humano Ambiente, C&T).										
Actividade: Construção de uma fonte de água comunitária na zona sul do bairro.	Situação de referência: Muchabje para toda a sua população tem apenas 2 furos de água, provocando elevadas filas de espera. Na zona sul do bairro pelo seu distanciamento muito das pessoas preferem recolher água dos canais de água superficial, água essa que não garante qualidade nem segurança no seu consumo.				Hipóteses críticas: Comité das infra-estruturas constituído.			Resultados esperados: Todas as pessoas do bairro passem a utilizar uma fonte de água segura. Redução dos tempos de espera e das distâncias de transporte de água.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Ligação da escola primária, centro comunitário e sede do projecto à rede eléctrica. Pré instalação de energia na maior parte do bairro para os interessados possam ligar-se à rede.	Situação de referência: Muchabje está totalmente desligado da rede eléctrica. Porem pela machamba da zona alta passam linhas energéticas.				Hipóteses críticas: Colaboração com Electricidade de Moçambique. Comité das infra-estruturas formado.			Resultados esperados: Escola, centro comunitário, sede do projecto e agregados familiares interessados com ligação à rede eléctrica.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S
Actividade: Fomento da utilização de latrinas melhoradas. Construção das mesmas no curso de construção.	Situação de referência: A totalidade dos agregados familiares usa latrinas tradicionais, que provocam maus cheiros, infecções e são susceptíveis à produzirem contaminação dos solos. Existem já latrinas de baixo custo, produzidas artesanalmente,				Hipóteses críticas: Curso de construção em funcionamento. Comité das infra-estruturas em funcionamento.			Resultados esperados: Centro comunitário, escola primária e muitos dos agregados familiares equipados com este tipo de latrina. Comunidade capaz de as construir e eventualmente		

	mas que permitem reduzir o impacto ambiental, melhorar a higiene e impedir a emissão de mãos cheiros.							exportar. Redução da poluição dos solos e aquíferos. Melhoria das condições de higiene do bairro.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Fomento da utilização de sistemas gota a gota na agricultura de sequeiro e nas árvores de fruto existentes na zona habitacional.	Situação de referência: O acesso à água no bairro é limitado, sendo a água bem escasso e essencial. Muitas vezes em especial as árvores de fruto não produzem por falta da mesma durante períodos de seca prolongados. Existem sistemas rudimentares utilizando uma garrafa plástica apenas que permitem poupar água e manter as plantas hidratadas, permitindo a sua produção com alta eficiência de aproveitamento hídrico.				Hipóteses críticas: Comité agrícola e comité das infra-estruturas formado.			Resultados esperados: Aumento da eficiência da utilização da água. Aceso à água na prática da agricultura de sequeiro. Melhoria da produção agrícola, em especial de frutas.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Implementação de sistema de controlo de qualidade da água nas fontenárias públicas.	Situação de referência: A utilização da água das fontenárias é feita sem possibilidades de controlo constante da qualidade da mesma. Existem produtos apropriados para garantir níveis mínimos de qualidade da mesma, que podem ser usados na manutenção das fontenárias.				Hipóteses críticas: Comité das infra-estruturas formado.			Resultados esperados: Qualidade da água para consumo assegurada.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S

Quadro 20 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 8 (Arquivo pessoal do autor)

Objectivo 8: Eliminar a divisão digital através da disponibilização dos benefícios das tecnologias de comunicação, em particular o acesso à internet e a serviços de telefonia móvel (ODM 8 / Governação, C&T).										
Actividade: Aquisição de um telefone móvel por parte do centro comunitário.	Situação de referência: Poucas são as pessoas de Muchabje com acesso telemóvel. Os telemóveis permitem acesso à informação, permitem comunicação e integração.				Hipóteses críticas: Electricidade no bairro. Comités formados.			Resultados esperados: Permitir que a informação, as possibilidades de comunicação estejam ao alcance de todos no bairro.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S
Actividade: Ligação do centro comunitário à internet.	Situação de referência: A população de Muchabje tem um contacto quase nulo com computadores, sendo a internet quase desconhecida da comunidade. O acesso à internet cria oportunidades, económicas de desenvolvimento pessoal, etc.				Hipóteses críticas: Centro comunitário edificado e com acesso a energia e equipado com computadores.			Resultados esperados: Aproximação da comunidade em especial dos mais jovens à internet. Utilização da internet como fonte de conhecimento, informação e comunicação.		
Semestres de implementação	1° S	2° S	3° S	4° S	5° S	6° S	7° S	8° S	9° S	10° S

Quadro 21 – Proposta de intervenção direccionada ao alcance do objectivo 9 (Arquivo pessoal do autor)

Objectivo 9- Registar com rigor e precisão científica as contribuições, os custos e os resultados dos investimentos e das intervenções implementadas em casa Vila do Milénio e avaliar as oportunidades para melhoria das lições aprendidas (C&T).										
Actividade: Estabelecimento de ligação às Vilas do Milénio de Chibuto e Chókwé em particular, ao programa Vilas do Milénio de Moçambique, a universidades e outras organizações.	Situação de referência: Um dos grandes efeitos multiplicadores que de uma MV pode gerar é a criação do conhecimento relacionado com a retirada destas comunidades rurais da pobreza extrema. Assim o estudo dos fenómenos de cada intervenção pode encerrar importantes lições para futuras práticas.				Hipóteses críticas: Projecto a desenrolar normalmente. Protocolo com programa Vilas do Milénio.			Resultados esperados: Criação de conhecimento acerca do desenvolvimento rural e integração da intervenção em redes de conhecimento.		
Semestres de implementação	1º S	2º S	3º S	4º S	5º S	6º S	7º S	8º S	9º S	10º S

5.5. ASPECTOS INOVADORES

Estas intervenções previstas potencialmente permitirão desenvolver o bairro, levando-o ao alcance dos ODM e tornando-o sustentável a esse nível de vida. Esta é a experiência do MVP.

Porém esta proposta de intervenção, não está totalmente alinhada com as características gerais do público-alvo tipo. Neste caso o público-alvo envolve cerca de 2000 pessoas e não as usuais 5000. A nível dos cálculos efectuados da necessidade de 110\$ por africano por ano durante 5 anos (Sachs 2005), mais 10\$ por pessoa para custos de gestão de projecto. Este projecto passaria então para 2/5 do orçamento global de uma MV.

Esta alteração faz com que se passe de um orçamento global de 3.000.000 \$ para cerca de 1.200.000 \$, totalizando o orçamento anual 240.000 \$. Esta redução de orçamento permitiria:

- Maior número de ONGD com capacidade de intervir seguindo esta metodologia de evidentes resultados comprovados; **Vai de encontro ao ODM 8, Parceria Global para o Desenvolvimento (United Nations 2009). Vai de encontro ao plano das Nações Unidas para o alcance dos ODM (UN Millennium Project 2005).**
- Consequente envolvimento de maior número de profissionais nas práticas de desenvolvimento; **Vai de encontro ao plano das Nações Unidas para o alcance dos ODM, nomeadamente na recomendação de lançar uma campanha global de treino de recursos humanos formados tendo em vistas as práticas que levam ao alcance dos DDM (UN Millennium Project 2005).**
- Criação de conhecimento sobre desenvolvimento rural crescente, devido ao envolvimento de maior número de profissionais no desenvolvimento rural; **Vai de encontro ao plano das Nações Unidas para o alcance dos ODM (UN Millennium Project 2005)**
- Maior número de pessoas destes *hot spot* de pobreza extrema com possibilidade de desenvolvimento e alcance quer dos ODM, quer de muitos dos direitos fundamentais do homem. Assim está-se as comunidades no centro do desenvolvimento; **Vai de encontro ao plano das Nações Unidas para o alcance dos ODM (UN Millennium Project 2005)**
- Maior número de pessoas, empresas, instituições, centros de investigação envolvidos na luta pelos ODM, pois cada ONGD tem os seus mecenas, seus sócios, seus doadores, suas zonas de sensibilização e mobilização, seus laboratórios de conhecimento, isto ao nível dos países ricos de onde estas são originárias; **Vai de encontro ao plano das Nações Unidas para o alcance dos ODM (UN Millennium Project 2005).**
- Maior número de distritos com projectos de desenvolvimento que criam soluções para os constrangimentos específicos da região.

Um dos pontos internacionalmente defendidos é a articulação de esforços e intervenções, de forma a melhorar a eficiência da Ajuda Oficial ao Desenvolvimento. Este projecto, ou projectos dentro deste contexto poderiam estar em ligação com as Vilas do Milénio/MV oficiais, assim como com o MVP através do Programa das Vilas do Milénio de Moçambique. A localização geográfica de relativa proximidade entre estes projectos permite toda uma troca de conhecimento, ideias e soluções beneficiando assim a qualidade das intervenções e as próprias comunidades.

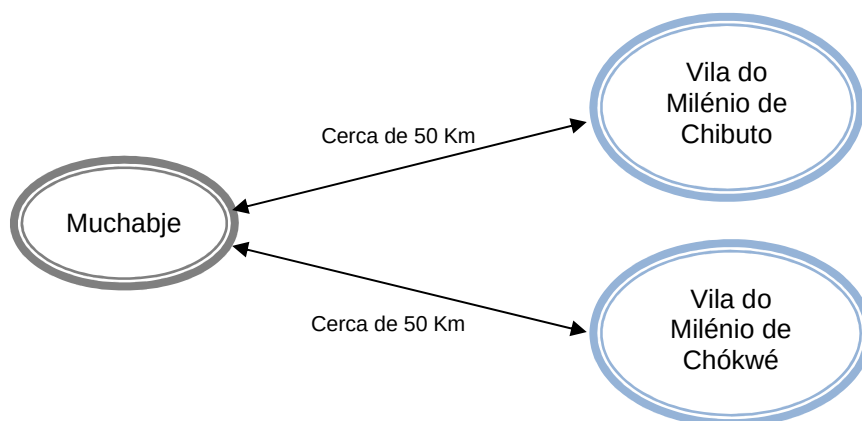


Fig.35 – Posicionamento de Muchabje relativamente às Vilas do Milénio da Província de Gaza (Arquivo pessoal do autor)

5.6. CONCLUSÃO DO 5º CAPÍTULO

Os objectivos que motivam esta proposta de intervenção estão em concordância com os do PVM, com as estratégias do governo de Moçambique, com as prioridades de desenvolvimento da comunidade, assim como com as metas internacionalmente estabelecidas entre os subscritores da Declaração do Milénio e sua consequente transformação em ODM.

A sua elaboração foi de encontro às necessidades e constrangimentos locais, tendo em conta os diferentes grupos alvo. Foi ainda baseada em metodologias com comprovados resultados alcançados, que integram princípios como a participação, a igualdade de género e que prevêm a criação de efeitos multiplicadores, por serem metodologias cujo um dos objectivos fundamentais passa pelo provar que, em determinada zona sujeita a um conjunto de dificuldades, se podem alcançar os ODM.

Esta proposta diferindo das MV em termos de número de população alvo traz consigo diversas vantagens, sendo que a maioria delas vão ao encontro a recomendações do Millennium Project das Nações Unidas, por isso podemos concluir que este *design* pode realmente ser uma mais-valia e um filão a explorar.

Como conclusão podemos retirar que esta proposta é pertinente e bem enquadrada, recorre a métodos eficazes e está de acordo com políticos globais e locais, reunindo assim todas as condições necessárias para que se possa colocar Muchabje na escada do desenvolvimento rumo aos ODM.

6

CONCLUSÃO

6.1. CONCLUSÕES FINAIS

Esta tese procurou salientar a importância do combate à pobreza extrema e do alcance dos ODM. Procurou ainda perceber que princípios e práticas segue o projecto Millennium Village, tendo em conta o sucesso das suas intervenções e o reconhecimento que tem merecido. Procurou por fim estudar e delinear uma estratégia de desenvolvimento rural para o bairro de Muchabje em Moçambique.

No segundo capítulo abordou-se os Objectivos do Desenvolvimento do Milénio e a situação específica da África Subsaariana e de Moçambique: percebeu-se que os ODM são o denominador comum das políticas internacionais de cooperação entre países; percebeu-se que estes pretendem combater a pobreza extrema em todas as suas dimensões; percebeu-se que, tendo os ODM metas associadas extrapoladas de tendências de desenvolvimento global, existem regiões onde o desenvolvimento é divergente e assim necessitam de apoios especiais, como é o caso da região Subsaariana de África na qual se insere Moçambique; percebeu-se ainda que nestas regiões por um conjunto de razões que se somam e potenciam, se cria a denominada armadilha da pobreza.

No terceiro capítulo estudou-se o MVP e o seu congénere moçambicano o PVM. Deste estudo percebeu-se que: o conceito MV baseia-se num conjunto de princípios que têm em vista o desenvolvimento das comunidades rurais destes *hot spots* da pobreza extrema, tornando as intervenções sustentadas através da apropriação das comunidades pelo seu próprio desenvolvimento; o modelo orçamental deste tipo de projectos está em linha com as políticas internacionais de Ajuda Oficial ao Desenvolvimento; este tipo de projecto necessita de estar coordenado também com as políticas locais desde as distritais, provinciais até às nacionais e mesmo regionais; Moçambique tem o seu próprio projecto, de forma a adequar as intervenções às suas culturas, políticas e prioridades; o MVP está a alcançar importantes resultados e a provar que o alcance dos ODM é possível mesmo em zonas rurais de África; as intervenções são multissetoriais, pretendendo combater as diversas origens da pobreza e a potenciação que as variadas carências provocam umas nas outras, revertendo assim a armadilha da pobreza; as intervenções são baseadas em práticas e tecnologias, muitas vezes simples, mas de comprovados resultados alcançados e de adequabilidade confirmada.

No quarto capítulo estudou-se o território e população de Muchabje, as suas capacidades, dificuldades, suas oportunidades e ameaças, e ainda as prioridades de desenvolvimento da população e o seu estado genérico em relação aos ODM. Assim conclui-se que: Muchabje tem uma população jovem, que atravessa graves dificuldades, como as elevadas taxas de HIV/Sida registadas, o elevado número de órfãos, etc.; o bairro tem elevadas potencialidades que lhe podem auxiliar a escapar da pobreza, de entre as quais se regista, a existência de elevada área de excelentes condições agrícolas com acesso permanente à água, a situação geográfica junto à EN1 que lhe confere óptimos acessos ou a boa rede de comunicações móveis; para o alcance dos ODM o bairro necessita de ser intervencionado

externamente, pois a sua situação de pobreza não lhe permite explorar as suas próprias potencialidades; a visão de desenvolvimento da comunidade, partindo do desenvolvimento agrícola está em linha com o estudo das suas potencialidades económicas e com as práticas das MV; algumas das prioridades de desenvolvimento são díspares entre homens e mulheres, o que implica e reforça a abordagem de igualdade de género.

Depois de estudado o conceito das MV, as especificidades de Moçambique, as reais condições de Muchabje, traçou-se no capítulo 5 uma proposta de intervenção que pretende levar a comunidade ao alcance dos ODM, potenciando também o desenvolvimento da região. Na elaboração desta proposta percebeu-se: a estreita ligação entre as soluções de desenvolvimento usualmente utilizadas nas MV e as necessidades locais encontradas; a insuficiência deste modelo de projecto de desenvolvimento rural face à criação de infra-estruturas de elevado porte, como redes eléctricas ou outras.

Neste último capítulo identificou-se duas diferenças fundamentais entre a intervenção preconizada e as intervenções típicas das MV. Encontram-se diferenças essencialmente no número de pessoas alvo e no consequente orçamento de referência. Como consequência desta alteração foram identificadas diversas mais-valias, de entre as quais se destaca o facto destas diferenças permitirem que mais pessoas dos países desenvolvidos possam contribuir para o benefício de mais pessoas dos países subdesenvolvidos, mas também que desta forma existam mais profissionais, centros de estudos, universidades envolvidas nas práticas do desenvolvimento rural e assim se possa dinamizar a criação de conhecimento que leve à erradicação da pobreza extrema.

Como conclusão sucinta do estudo efectuado, pode-se afirmar que: tendo em conta que os ODM são vector fundamental das prioridades internacionais e que levam ao alcance de enormes benefícios para a humanidade, entre os quais muitos dos direitos fundamentais do homem; tendo em conta que a metodologia associada às MV têm alcançado importantes resultados provando que é possível levar o desenvolvimento mesmo às zonas de maiores carências; tendo em conta que Muchabje se enquadra no perfil de local alvo do MVP e que na única diferença, ainda é possível alcançar vantagens provenientes dessa particularidade; tendo em conta que a intervenção proposta vai de encontro quer aos métodos que têm alcançado notáveis resultados em situações semelhantes, às políticas nacionais e regionais. Então esta proposta de intervenção delineada e resultante desta tese é pertinente, bem enquadrada, sustentável e pode levar Muchabje ao alcance dos ODM.

6.2. VISÃO PESSOAL E SUGESTÃO DE DESENVOLVIMENTOS FUTUROS

Sendo a metodologia das MV uma importante ferramenta de desenvolvimento rural e estando esta a alcançar excelentes resultados, mesmo dentro dos compromissos internacionais de AOD, esta não pode ser a solução para a África Subsaariana por si só. O desenvolvimento e o alcance dos ODM nesta região dependem de um conjunto de políticas nacionais e internacionais, de um investimento considerável em infra-estruturas fundamentais como portos, vias de comunicação, num investimento em serviços sociais de forma a assistir as populações destas regiões afectadas pelas mais diversas (e tropicais) doenças e pelo investimento na educação e formação destas pessoas.

Não sendo a solução para o desenvolvimento africano um somatório de MV, estas são um pilar importante. Estas criam possibilidades de desenvolvimento mesmo nas zonas mais adversas, permitem que considerações como: “o problema de África é a corrupção” não sejam desculpa para a não acção, uma vez que estas são levadas a cabo com uma ligação umbilical entre as comunidades e as organizações promotoras do projecto, que leva a uma monitoria recíproca e a um melhoramento dos resultados alcançados. Permitem também a melhoria da Eficácia da Ajuda, foco fundamental das políticas dos países doadores na área da cooperação.

Esta alteração proposta às MV, à primeira vista parece trazer novas possibilidades e ser positiva em muitas circunstâncias, porém carece de um estudo aprofundado. A sua ligação às MV ou VM já existentes, permite minimizar aquela que na minha opinião é a maior perda. Esta alteração permite maior número de intervenções, por diferentes actores que não têm estruturas de suporte técnico e científico tão fortes como as dos projectos originários. Assim ligando este tipo de projectos aos meios de conhecimento das estruturas mais fortes, poder-se-á criar uma ligação de *win-win* da qual sairá a criação de maior conhecimento e de melhoramento das práticas e resultados.

Existiram gerações que lutaram pela abolição da escravatura, outras pelo fim do racismo, hoje, sendo a nossa a primeira geração com os recursos e possibilidades de acabar com a pobreza extrema e sendo esta totalmente solucionável, cabe-nos realizar este esforço. O tal desafio da nossa geração é isto mesmo, alcançar os ODM, os direitos fundamentais da humanidade e seguir até à erradicação da pobreza extrema nas suas mais variadas formas. A pobreza extrema pode ser alcançada, não no tempo dos nossos netos, mas no nosso tempo (Sachs 2005).

BIBLIOGRAFIA

- CIESIN (Center for International Earth Science Information Network). 2006. *Where the Poor Are: An Atlas of Poverty*. New York: Columbia University.
- Governo de Moçambique. 2005. *Perfil do Distrito de Bilene Macia Provincia de Gaza*. Maputo: Governo de Moçambique - Ministério da Administração Estatal.
- . 2006a. *Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta*. Maputo: Governo de Moçambique.
- . 2006b. *Programa Vilas do Milénio*. Maputo: Governo de Moçambique.
- . 2007. *Estratégias de Desenvolvimento Rural*. Maputo: Governo de Moçambique.
- Instituto Nacional de Estatística. 2007. *Apuramento Preliminar do Posto Administrativo*. Instituto Nacional de Estatística Moçambique.
- Latif, Abdul. *A study on Adoption of One Village One Product Model in Bangladesh: A Movement for Sustainable Agro-industrial Development*.
- Millennium Villages Project. 18-01-2010. *About us*.
<http://www.millenniumvillages.org/about/index.htm> 2009[18-01-2010].
- Nações Unidas; Governo de Moçambique. 2008. *Relatório sobre os Objectivos do Desenvolvimento do Milénio Moçambique, edited by M. d. P. e. Desenvolvimento*. Moçambique: Nações Unidas & Governo de Moçambique.
- Notícias. 2009. *Vila do Milénio para cada província. Notícias*.
- Overseas Development Institute. 2008. *Sustaining and Scaling the Millennium Villages: Moving from rural investments to national development plans to reach the MDGs*. London: Overseas Development Institute.
- Programa Vilas do Milénio. *Visita da Coordenadora Nacional às Vilas*.
http://www.vm.org.mz/prt/index.php?option=com_content&task=view&id=104&Itemid=1
2009.
- Sachs, Jeffrey. 2005. *The End of Poverty how we can make it happen in our lifetime*. London: Penguin Books.
- The Earth Institute, Columbia University. 2007. *Baseline Report, Millennium Research Village, Sauri Kenya*. Sauri: Earth Institute Columbia University.
- . 2008a. *Manual das Vilas do Milénio: Guia do Profissional para a Abordagem das Vilas do Milénio*. Nova Iorque.
- . 2008b. *The Millennium Villages Project - Annual Report*. New York: The Earth Institute, University of Columbia.
- UN Millennium Project. 2005. *Investing in Development: A practical plan to Achiev the Millennium Development Goals*. New York.
- . 2010. *About the UN Millennium Project*. <http://www.unmillenniumproject.org/who/index.htm>
2006 [cited 13-01-2010 2010].
- UNDP. 2003. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2003*. New York: UNDP.

- . 2009. *Human Development Report 2009*. New York: UNDP.
- UNICEF. *Moçambique em Perspectiva*. <http://www.unicef.org/mozambique/pt/overview.html> [cited 17-01-2010].
- . 2006. *A pobreza na infância em Moçambique: uma análise da situação e das tendências*. Maputo: UNICEF.
- United Nations. 2000. *Declaração do Milénio*. Lisbon.
- . 2009. *The Millennium Development Goals Report*. New York: Department of Economic and Social Affairs of the United Nations Secretariat,.
- United Nations Development Group. 2003. *Indicators for Monitoring the Millennium Development Goals*. New York.
- Vandemoortele, Jan. 2008. *ODM: Metas mal compreendidas?* In *One pager*, edited by U.-P. Center.

ORIGEM DE FIGURAS

<http://www.billingsphoto.com/images/unphoto.jpg> 2010/01/18

<http://www.unmillenniumproject.org/resources/quickwins.htm> 2010/01/18

<http://www.earthinstitute.columbia.edu/articles/view/1970> 2010/01/18

<http://crescerdemaosdadas.blogspot.com/2009/12/quase-125-mil-mortes-por-malaria-foram.html>
2010/01/18

http://me.columbia.edu/fac-bios/modi/African_Piping_Project.html 2010/01/18

ANEXOS 1: INQUÉRITOS AOS AGREGADOS FAMILIARES (IAF) REALIZADOS

Quarteirão: _____

Informações sobre o agregado familiar:

Número de pessoas: _____

	Parentesco	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão	Fala Português
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						

Bens e infra-estruturas do agregado:

Tipo de casa: Alvenaria / Caniço e Chapa / Caniço e capim

Chão cimentado: Sim / Não

Numero de divisões: _____

Numero máximo de pessoas que dorme por divisão: _____

Cozinha: Gás / Lenha / Carvão

Latrina: Sim / Não

Se sim, partilha: Sim / Não

Tipo de Latrina: Melhorada / Tradicional

Tem Electricidade: Sim / Não Tipo: Solar / Rede / Outro: _____

Tem: Televisão / Rádio / Telemóvel / Acesso a Jornais / Calendário / Relógio

Tem meio de transporte: Sim / Não

Se sim, tem: Automóvel / Mota / Bicicleta

Água: Canalizada / Poço / Céu aberto / Bomba comunitária / Engarrafada / Chuva

Trata a água: Sim / Não Se sim, como: Certeza / Ferver / Moringa

Tempo que demora a chegar à fonte de água: _____

Desparasita a casa: Sim / Não

O que faz ao lixo: _____

Economia:

Fonte de rendimento: Machamba / Profissão / Comercio

Se comercio, o que vende: _____

Se tiver Machamba:

Zona: Alta / Baixa

Tamanho estimado: _____

Distancia estimada: _____

O que produz: _____

Rega: Sim / Não

Fertiliza: Sim / Não Se sim, usa: Adubo natural / Fertilizante

Tem animais: Sim / Não Se sim, quais: Galinhas / Patos / Vacas (Bois)

Outros: _____

Quantidade estimada: _____

Tem arvores de fruto: Sim / Não

Se sim, quais: _____

Quantas: _____

Tem algum ofício: Sim / Não

Se sim, qual: _____ Exerce: Sim / Não

Recebe ajuda de alguma entidade: Sim / Não Se sim, qual: _____

Saúde:

Quantas refeições fazem por dia: _____

Tem rede mosquiteira: Sim / Não

Se sim, são suficiente para todo o agregado: Sim / Não

Já teve malária: Sim / Não

Tem escova e pasta dos dentes: Sim / Não

Alguém do agregado já foi vacinado: Sim / Não Se sim, quem: _____

Já teve ou tem tuberculose: Sim / Não

Já teve ou tem diarreias ou cólera: Sim / Não

Já fez o teste de HIV/Sida: Sim / Não

Se sim, é seropositivo: Sim / Não

Se sim, faz o tratamento: Sim / Não

Usa preservativo: Sim / Não

Se sim, para: combater HIV/Sida / Controlo de Natalidade

Quem consulta quando está doente:

Centro de saúde / Curandeiro / Alguém da comunidade / Em casa

Já foi ao centro de saúde: Sim / Não

Se não, porque: _____

Se sim, qual a principal dificuldade: _____

Outras:

Já foi a: Maputo / Xaixai / Chókwe / África do Sul / Outros países

Se outros países, quais: _____

Quais são as maiores dificuldades que tem no seu dia-a-dia:

O que acha que era preciso para mudar a qualidade de vida da população:

Recebe ou já recebeu apoio de alguma ONG: Sim / Não

Se sim, qual: _____

Alguma vez leu um livro: Sim / Não

(O inquiridor)

(O responsável do quartirão)

Considerações acerca do inquérito

- Este inquérito foi realizado pelo G.A.S.Porto durante o mês de Setembro de 2010, com a autorização da Administração Distrital de Bilene-Macia, Posto Administrativo Macia-sede e liderança comunitária que acompanhou e validou os inquéritos.
- Foram realizados 39 inquéritos tendo sido considerados globalmente válidos 37 deles, 2 foram excluídos devido a não terem sido executados com as condições mínimas que assegurem a precisão das informações retiradas, nomeadamente devido à não presença de um tradutor credível aquando da entrevista.
- No inquérito existiram 3 tipos de questões, as relacionadas sobre o bairro em geral e sobre o agregado familiar do entrevistados; as relacionadas com o próprio entrevistado, com espaço para a opinião do mesmo; as relacionadas com todas as pessoas constituintes do agregado familiar do inquirido.
- Dentro dos 37 inquéritos globalmente válidos, para algumas perguntas em específico alguns foram considerados inválidos, devido à não legibilidade da resposta apontada. Assim cada estatística efectuada poderá partir de uma diferente amostra, devido à existência de respostas não consideradas.
- A amostra máxima corresponde a 232 pessoas, no caso de todas as respostas tenham sido consideradas legíveis. Neste caso a amostra em relação ao bairro seria de entre 10-15%.
- Os agregados familiares e o entrevistado foram escolhidos aleatoriamente, sendo repartidos pelos diferentes quarteirões do bairro.
- Das 37 entrevistas consideradas válidas, 20 dos entrevistados foram mulheres e 17 homens.

